

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM ECONOMIA**

DIEGO ESTEVAM DE SOUZA

**INOVAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DAS INSTITUIÇÕES DE CONEXÃO: O PAPEL
DA ACATE EM SANTA CATARINA E OS DESAFIOS PARA O ECOSISTEMA
CAPIXABA DE INOVAÇÃO**

VITÓRIA

2021

DIEGO ESTEVAM DE SOUZA

**INOVAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DAS INSTITUIÇÕES DE CONEXÃO: O PAPEL
DA ACATE EM SANTA CATARINA E OS DESAFIOS PARA O ECOSISTEMA
CAPIXABA DE INOVAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal do Espírito Santo como, requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Economia.

Orientador: Robson Antonio Grassi

**VITÓRIA
2021**

DIEGO ESTEVAM DE SOUZA

**INOVAÇÃO E A IMPORTÂNCIA DAS INSTITUIÇÕES DE CONEXÃO: O PAPEL
DA ACATE EM SANTA CATARINA E OS DESAFIOS PARA O ECOSISTEMA
CAPIXABA DE INOVAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Economia da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito para a obtenção do título de Mestre em Economia.

Vitória, 18 de maio de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Robson Antonio Grassi
Universidade Federal do Espírito
Orientador

Prof. Dr. Renato Nunes de Lima Seixas
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Francisco José Casarim Rapchan
Instituto Federal do Espírito Santo



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
ROBSON ANTONIO GRASSI - SIAPE 2378839
Departamento de Economia - DE/CCJE
Em 24/05/2021 às 20:00

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/196410?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
RENATO NUNES DE LIMA SEIXAS - SIAPE 1313796
Departamento de Economia - DE/CCJE
Em 25/05/2021 às 10:30

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/196742?tipoArquivo=O>

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

D278i de Souza, Diego Estevam, 1994-
Inovação e a importância das instituições de conexão: o papel da ACATE em Santa Catarina e os desafios para o ecossistema capixaba de inovação / Diego Estevam de Souza. - 2021.
123 f. : il.

Orientador: Robson Antonio Grassi.
Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas.

1. Organização Industrial. 2. Economia Regional. 3. Economia. 4. Economia do Desenvolvimento. I. Grassi, Robson Antonio. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. III. Título.

CDU: 330

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha companheira, Beatriz, por me mostrar o melhor de mim e compartilhar comigo os momentos mais especiais.

Aos meus pais, Isis e Francisco, pelo suporte constante durante todos esses anos. Também agradeço à minha família, por facilitar meus caminhos ao mestrado.

Ao meu orientador, Robson, por me apresentar tal tema, e ainda pela ajuda e paciência durante todo o processo de desenvolvimento deste. Também agradeço aos demais professores e funcionários do Programa de pós-graduação da UFES.

Agradeço também aos entrevistados (as) por disponibilizar o tempo e atenção para melhorar minha pesquisa.

Aos meus amigos de Vitória e do Mestrado: Maria, Marina, Zuco, Caio e Braga, por reduzir os obstáculos do caminho percorrido.

Aos meus amigos Leonardo, Galvão e Aline, por dividir um mesmo teto, responsabilidades e lazer. Também agradeço a Rita por toda ajuda em um importante momento de transição.

Aos meus amigos Letícia e Lucas, pela ajuda para alcançar novas oportunidades

Aos meus mais antigos amigos: Rafael, Guti, Magda e Oliveira, por estarem sempre ali.

Aos meus amigos da B5, Victor e Caique, por me acompanharem desde uma etapa anterior, que, à sua própria maneira, possibilitou novos caminhos.

Agradeço a todos os meus amigos do Rio de Janeiro: Matheus, Giovanna, July, Rebecca, Heloísa, Gabriel, Augusta, Paula, Mayara, Vitor, Yasmin e Erica por ocultar o peso da distância.

Não menos importante, agradeço a PC, Zayra e Ozzy pela ajuda inconsciente.

Por fim, agradeço à CAPES, pelo apoio financeiro que me possibilitou cursar um mestrado.

RESUMO

Os Ecossistemas de Inovação configuram-se como ambientes com a existência de uma dinâmica de interação entre diversos atores na busca pelo desenvolvimento de inovações em um cenário de empreendedorismo inovador. De tal maneira, a presente dissertação consiste, primeiramente, de uma contextualização teórica dos conceitos de inovações tecnológicas e dos principais atores que compõem um ecossistema de inovação, tais quais: *startups*, parques tecnológicos, aceleradoras e incubadoras de empresas, capital de risco, entre outros. Seguindo tais aspectos, o objetivo primordial da pesquisa é demonstrar a atuação da instituição de conexão ACATE, oriunda do Estado de Santa Catarina, para, posteriormente, apresentar uma comparação, buscando mostrar as instituições capixabas que atuam em moldes parecidos. Para isso, foram conduzidas entrevistas a partir de um questionário de onze perguntas para integrantes de quatro instituições do ecossistema de inovação do Estado do Espírito Santo: ACT!ON; Sebrae-ES; Assespro; e Vale da Moqueca (VAMO). Nesse contexto, os resultados obtidos revelam que ainda que todas as instituições possuam programas similares aos da ACATE, nenhuma delas realiza todas as funções que caracterizam a entidade catarinense. Contudo, observa-se através das entrevistas que a existência de uma instituição em específico como a ACATE não é imprescindível em relação à identificação e atuação de determinados gargalos do ecossistema de inovação em análise, visto que cada ecossistema apresenta diferentes demandas e contextos regionais únicos, e instituições como as acima mencionadas apresentam importância por realizar atividades cruciais para o ecossistema, inclusive colaborando para aumentar a conexão entre os agentes.

Palavras Chave: Ecossistema de Inovação; *startups*; ACATE;

ABSTRACT

The Innovation Ecosystems are configured as environments with the existence of a dynamic of interaction between different actors in the research for the development of innovations in a scenario of innovative entrepreneurship. In such a way, the present dissertation consists, first, of a theoretical contextualization of the concepts of technological innovations and of the main actors that make up an innovation ecosystem, such as: startups, technology parks, accelerators and incubators, venture capital, among others. Following these aspects, the primary objective of the research is to demonstrate the performance of the ACATE connection institution, from the State of Santa Catarina, to later obtain a comparison in terms of analogy to highlight the Espírito Santo institutions that operates in a similar way. In order to accomplish that, interviews were conducted from a questionnaire of eleven questions for members of four institutions in the State of Espírito Santo: ACT! ON; Sebrae-ES; Assespro; Moqueca Valley (VAMO). In this context, the results obtained reveal that even though all institutions have programs similar to those of ACATE, none of them carry out all the functions that the Santa Catarina entity, however, it is observed through the interviews, that the existence of a specific institution such as ACATE is not essential in relation to the identification and atuation of certain gaps of the innovation ecosystem under analysis, since each one presents different demands and unique regional contexts, and institutions like the ones mentioned above are important for carrying out crucial activities for the ecosystem, including collaborating to increase the connection between the agents.

Key Words: Innovation Ecosystem; Startups; ACATE

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Diferenças entre Aceleradora, Incubadora e Investidor anjo.....	44
Quadro 2 - Síntese geral dos programas e grupos temáticos da ACATE.....	77
Quadro 3 – Síntese das entrevistas.....	106

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Balanço patrimonial ACATE – 31 de dezembro de 2019 e 31 de dezembro de 2018..... 74

Tabela 2 – Demonstração do Resultado do Período ACATE – 31 de dezembro de 2019 e 31 de dezembro de 2018.....77

LISTA DE SIGLAS

ABStartups - Associação Brasileira de Startups
ACATE - Associação Catarinense de Tecnologia
ACIC - Núcleo de Base Tecnológica da Associação Empresarial de Criciúma
ACIT - Núcleo de Base Tecnológica da Associação Empresarial de Tubarão
ACT!ON - Associação Capixaba de Tecnologia
AGIFES - Agência de Inovação do IFES
ALETI – Federação das Associações de Entidades de TIC da América Latina, do Caribe, Espanha e Portugal
ANPROTEC - Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores
ASSESPRO - Federação das Associações das Empresas Brasileiras de Tecnologia da Informação
BANDES - Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo
BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CDMEC - Centro Capixaba de Desenvolvimento Metal Mecânico
CETIL - Centro Eletrônico da Indústria Têxtil (),
CERTI - Centros de Referência em Tecnologias Inovadoras
CINDES - Centro da Indústria do Espírito Santo
CIESC - Centro das Indústrias do Estado de Santa Catarina
CITI - Centro de Incubação, Tecnologia e Inovação
CNI - Confederação Nacional da Indústria
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CRVD - Companhia Vale do Rio Doce
COPIN – Conselho de Política Industrial e Desenvolvimento Tecnológico
CONFAP - Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa
CRIATEC - Criatec Incubadora de Empresas de Inovação Tecnológica
CRM - Customer relationship management
CST - Companhia Siderúrgica de Tubarão
CTG - China Three Gorges Corporation
Labmetro - Laboratório de Metrologia do Departamento de Engenharia Mecânica

FAESA – Faculdade Espírito Santense de Administração
FAPES - Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado do Espírito Santo
FAPESC - Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina
FGA - Fundo Garantidor ACATE
FIESC - Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina
FINDES – Federação das Indústrias do Espírito Santo
FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos
FIP - Fundos de Investimentos em Participações
Funcitec - Fundo Rotativo de Fomento à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina
GRPS - Guia de Recolhimento da Previdência Social
IASP – International Association of Science Parks
IDEIES - Instituto de Desenvolvimento Educacional e Industrial do Espírito Santo
IEL - Instituto Euvaldo Lodi
IFES - Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)
MCI – Mobilização Capixaba pela Inovação
MEC - Ministério da Educação
NIAVI/ACIRS - Núcleo de Informática da Associação Comercial e Industrial de Rio do Sul
NUTIC - Núcleo de Tecnologia da Informação e Comunicação
OSCIP - Organização Social Civil de Interesse Público
PAC - Programa de Alavancagem Comercial
PDE - Programa de Desenvolvimento do Empreendedor
PGE - Programa de Gestão Estratégica
RMI – Rede Mineira de Inovação
RIA SC - Rede de Investidores Anjo
SEAG - Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca
Sebrae – Serviço de Apoio às Micro e pequenas empresas
SECTI - Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e, Inovação
SECULT – Secretaria da Cultura
SEDES – Secretaria de Desenvolvimento
SEED - Startups and Entrepreneurship Ecosystem Development
SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESI - Serviço Social da Indústria
SIGAEM - Sistema Gerencial atual

SINEPE - Sindicato das empresas particulares de ensino do Espírito Santo

SINDINFO - Sindicato das Empresas Industriais de Informática

SINFES – Sindicato das Empresas de Informática do Estado do Espírito Santo

SISECT - Sistema Estadual de Ciência e Tecnologia

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

UCL - Faculdade do Centro Leste

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFESTEC - Incubadora de Empresas de Base Tecnológica

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UNESC - Centro Universitário do Espírito Santo

UVV – Universidade Vila Velha

VAMO - Vale da Moqueca

WITSA – Aliança Mundial de Tecnologia e Serviços de Informação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 INOVAÇÕES E PRINCIPAIS COMPONENTES DO ECOSISTEMA DE INOVAÇÃO: UMA VISÃO A PARTIR DE SCHUMPETER E NEO SCHUMPETERIANOS	22
1.1 TEORIA DA INOVAÇÃO DE SCHUMPETER.....	24
<i>1.1.2 Teoria da inovação para os neoschumpeterianos</i>	<i>26</i>
<i>1.1.3 Rotina, paradigma tecnológico e trajetória tecnológica</i>	<i>28</i>
1.2 SISTEMAS DE INOVAÇÃO	30
1.3 ECOSISTEMAS DE INOVAÇÃO.....	31
1.4 EMPREENDEDORISMO INOVADOR.....	34
1.5 O MODELO HÉLICE TRÍPLICE	36
1.5 STARTUPS	37
1.6 CAPITAL DE RISCO	39
1.7 ACELERADORAS E INCUBADORAS	41
1.8 PARQUES TECNOLÓGICOS.....	45
1.9 CONCLUSÃO	49
2 ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE TECNOLOGIA (ACATE) E O ECOSISTEMA CATARINENSE DE INOVAÇÃO	50
2.1 O ECOSISTEMA CATARINENSE DE INOVAÇÃO.....	50
2.1.1 Fundação CERTI.....	52
2.1.2 Universidades	53
2.1.3 Sebrae	54
2.1.4 Fiesc	55
2.1.5 Senai.....	55
2.1.6 Fapesc	56
2.2 ACATE COMO INSTITUIÇÃO	57
2.2.1 StartLab.....	62
2.2.2 Verticais de negócios	64
2.2.3 Miditec	65
2.2.4 ACATE startups	68
2.2.5 Linklab.....	69
2.2.6 RIA – rede de investidores anjo	71
2.2.7 Investimentos	71
2.2.8 ACATE internacionalização	72
2.2.9 Mulheres ACATE	73
2.2.10 Demonstrações financeiras	74
2.3 CONCLUSÃO	78
3 O ECOSISTEMA CAPIXABA DE INOVAÇÃO: INSTITUIÇÕES E RESULTADOS	81
3.1 O ECOSISTEMA CAPIXABA DE INOVAÇÃO	81
3.1.1 Mobilização capixaba pela inovação.....	82
3.1.2 Sistema Fíndes	83
3.1.3 Universidades.....	85
3.1.4 Incubadoras de empresas.....	86

3.1.5 Fapes e Bandes	87
3.2 SINDINFO (ACT!ON)	89
3.3 SEBRAE-ES	96
3.4 ASSESPRO-ES.....	99
3.5 VAMO	102
3.6 CONCLUSÃO	105
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114
GLOSSÁRIO	121
APÊNDICE	123

INTRODUÇÃO

As inovações denotam uma imprescindível importância no atual sistema econômico no Brasil e no mundo. Estas impactam a sociedade de diversas maneiras, seja por meio de novas tecnologias e as respectivas mudanças no sistema econômico que elas geram, seja pela geração de emprego e renda oriunda de todo o processo da inovação em si, além de todos os atores envolvidos neste meio, tanto indivíduos quanto instituições e órgãos governamentais.

Nesse sentido, o trabalho tem o objetivo de estudar, sob uma perspectiva teórica baseada nos conceitos de inovação de Schumpeter e autores Neoschumpeterianos, os conceitos relativos aos principais atores envolvidos no ambiente inovativo, tais quais: o ecossistema de inovação; as *startups*; aceleradoras e incubadoras de empresas; o capital de risco; entre outros. A partir disso, é possível uma análise comparativa entre a atuação da Associação Catarinense de Tecnologia (ACATE), uma importante instituição de conexão catarinense, em relação a algumas instituições do Ecossistema Capixaba de Inovação, buscando captar funções em comum e diferenças na atuação em relação à instituição de Santa Catarina, quando a mesma busca conectar os agentes locais. As instituições capixabas estudadas são o Vale da Moqueca (VAMO); o Sindicato das Empresas Industriais de Informática (SINDINFO), agora ACTION; o Sebrae-ES e por último, a Federação das Associações das Empresas Brasileiras de Tecnologia da Informação (ASSESPRO).

Vale ressaltar que inicialmente também se pretendia analisar a atuação do Centro Capixaba de Desenvolvimento Metal Mecânico (CDMEC), contudo, como a parte da dissertação relativa às instituições capixabas, utilizou-se o método de questionários aplicados aos integrantes das mesmas, o representante do CDMEC consultado não disponibilizou respostas pelo fato de não conhecer a ACATE, e, dessa maneira, impossibilitando as respostas do questionário.

Em primeira instância, o foco da pesquisa se direciona a uma instituição em específico: a Associação Catarinense de Empresas de Telemática e Eletrônica (ACATE), que mais tarde passa a ser chamada de Associação Catarinense de Tecnologia. A ACATE é uma das principais representantes do empreendedorismo inovador em Santa Catarina. Esta foi inaugurada em 1986, na Grande Florianópolis, e é uma associação privada sem fins lucrativos, a qual foi criada com o objetivo de fortalecer o setor da área tecnológica e apoiar o surgimento de novos negócios. A missão da instituição consiste em apoiar o ecossistema local de ponta a ponta, desde *startups* às empresas de grande porte, gerando conexões que fortalecem o setor de tecnologia no estado. (ACATE, 2019).

A ACATE representa, atualmente, mais de 1200 associados em 13 polos de inovação e tecnologia de Santa Catarina, além de gerenciar uma rede de Centros de Inovação em Florianópolis e possuir escritórios em outras regiões, como São Paulo e Boston (EUA). Em outras palavras, a ACATE é uma rede de suporte e capacitação aos empreendedores. Esta possui uma incubadora, a MIDITEC, criada há cerca de 20 anos, que foi escolhida como uma das 5 melhores do mundo. Ademais, as verticais de negócios da ACATE atuam em diversas áreas: Agronegócio, Aviação, Bancos e Financeiras, Educação, Indústria, Internet e serviços, Entretenimento entre outros (ACATE, 2019). De tal maneira, a escolha do termo “Instituição de Conexão” se caracteriza pelo fato de que o principal foco da mesma se dá através de facilitar a dinâmica de cooperação entre os atores envolvidos em determinado ecossistema de inovação.

A participação ativa, junto ao poder público e a amplitude de atuação da instituição, torna-a parte imprescindível do presente trabalho, que tem, de uma maneira geral, o objetivo de realizar uma pesquisa aprofundada sobre a associação, a fim de estabelecer conexões e pontos de convergência e divergência em relação à algumas instituições Capixabas que seguem a mesma trajetória da ACATE, porém, sem alcançar resultados similares.

Em tal aspecto, o objetivo da pesquisa busca contribuir academicamente com a área de Organização Industrial, destacando a importância da ACATE e seu impacto direto no setor tecnológico de Santa Catarina, além de destacar pontos referentes aos métodos organizacionais e processuais da Instituição. Por fim, delimitando, a partir da análise feita no segundo capítulo e das entrevistas realizadas no terceiro capítulo, as potenciais Instituições do Ecossistema Capixaba com o potencial para representar os feitos da ACATE em Santa Catarina.

Dessa maneira, vale sintetizar, de maneira breve, as instituições inseridas no Ecossistema Capixaba de Inovação que serão analisadas para fins comparativos. Primeiramente, o Vale Da Moqueca (VAMO) consiste em um movimento com a proposta de modificar e valorizar o cenário empreendedor do Espírito Santo (ES) por meio de incentivos à novos negócios, *startups*, eventos, entre outros. A escolha do nome é uma alusão ao prato típico da culinária capixaba. A missão do VAMO é alavancar e unir o ecossistema unindo a iniciativa privada, a acadêmica, e o governo (VAMO, 2019).

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) se caracteriza como uma instituição sem fins lucrativos, que tem como objetivo de auxiliar na promoção da competitividade e do desenvolvimento sustentável de micro e pequenas empresas. A instituição, no Estado do Espírito Santo, possui mais de 40 anos de atuação e se mostra

presente em todas as regiões do Estado capixaba. Esta possui uma estrutura própria que demonstra como seu foco de atuação a facilitação do acesso ao conhecimento, crédito, tecnologia e mercado. Ademais, esta atua como conectora de parceiras e clientes através de consultorias, capacitações e informações técnicas por meio de palestras, cursos, entre outros. Sua área de atuação abrange diversos setores econômicos, como o agronegócio, comércio e serviços, turismo, cultura e indústria. (SEBRAE-ES, 2021)

O Sindicato das Empresas Industriais de Informática (SINDINFO) atua no ramo da informática, hardware e software, robótica, manutenção e desenvolvimento, e atividades correlatas, similares ou conexas no âmbito do Estado do Espírito Santo. Fundado em 1991 com o objetivo de representar interesses individuais e coletivos de categoria e se consagrar como uma das principais interlocutoras das empresas do setor aos poderes públicos municipais, estadual e federal. Em 2008 sua razão social foi alterada para Sindicato das Empresas de Informática do Estado do Espírito Santo, ademais, recentemente teve seu conceito e nome alterado para Associação Capixaba de Tecnologia (ACT!ON), o novo nome escolhido possui certa analogia com a sigla do objeto de estudo, ACATE. (SINDINFO, 2019).

Por fim, a Federação das Associações das Empresas Brasileiras de Tecnologia da Informação (ASSESPRO), inaugurada em 1976, é a mais antiga entidade do setor no Brasil a defender os interesses das empresas nacionais de tecnologia e inovação. A ASSESPRO possui sua atuação reconhecida em todos os níveis governamentais, além de ser membro ativo de diversos conselhos e comitês, inclusive ligados ao Ministério da Ciência e Tecnologia. Atualmente, a ASSESPRO comporta mais de 2000 empresas de software e serviços de tecnologia ligadas a ela por intermédio de 13 regionais, com diretorias próprias e específicas (ASSESPRO, 2019).

A pesquisa pretende, assim, demonstrar de maneira prática as atividades realizadas pelas instituições capixabas, em comparação com os programas da ACATE, os quais serão detalhados posteriormente. Mediante as entrevistas, a análise permite uma visão de dirigentes que atuam, através de suas instituições, diretamente no ecossistema capixaba, elucidando importantes características do mesmo e permitindo esclarecer aspectos importantes que a comparação com a ACATE permite apreender sobre seus gargalos atuais.

O trabalho está dividido em três capítulos: o primeiro será referente a teoria econômica no âmbito das inovações tecnológicas de Schumpeter e de autores Neoschumpeterianos, além de toda a delimitação teórica acerca dos principais componentes de um Ecossistema de Inovação e como esses atuam; o segundo aborda a ACATE e sua participação como motor Catarinense no campo do empreendedorismo inovador e setor

tecnológico; o terceiro e último capítulo refere-se aos resultados obtidos após pesquisas realizadas e entrevistas realizadas com integrantes das instituições presentes no Estado do Espírito Santo, citadas anteriormente.

Diante disso, torna-se necessário um aprofundamento teórico a respeito tanto da ACATE, objeto referencial do estudo, quanto das instituições capixabas por assim citadas, além da base teórica que facilitará a compreensão acerca de como tais instituições atuam. O foco principal da pesquisa consiste em responder à pergunta de quem tem o maior potencial, em termos de analogia, de se tornar a nova “ACATE” do Estado do Espírito Santo ou desenvolver algumas das atividades que esta associação realiza em Santa Catarina.

Não obstante, em termos de metodologia, o primeiro capítulo, por se tratar em grande parte de teorias e definições dos atores que compõe um ecossistema de inovação, foi realizado com base em artigos, livros e periódicos acerca dos temas explorados, tratando-se de um capítulo teórico para a melhor compreensão dos processos utilizados pelas instituições analisadas posteriormente.

Em seguida, o segundo capítulo da dissertação consiste em uma breve análise do ecossistema de inovação catarinense, denotando outras instituições além da ACATE que atuam neste, e, de maneira mais acentuada, da própria ACATE enquanto instituição, desde seus programas, grupos temáticos, assim como os centros de inovação e suas composições, além de uma breve análise de suas demonstrações financeiras. Vale ressaltar que há escassez literária acerca da instituição e por conta disso, o segundo capítulo se baseia em informações obtidas através do relatório de atividades da entidade, assim como um documento denominado Observatório ACATE Tech report 2020, que demonstra através de dados, informações acerca da inovação no país.

Por fim, o terceiro capítulo da dissertação compõe a análise do ecossistema capixaba de inovação, demarcando tanto as instituições em análise, assim como as que não foram utilizadas no processo das entrevistas. Nesse âmbito, o terceiro capítulo se demonstra com informações mais práticas a partir da concepção dos integrantes das instituições analisadas, acerca da própria ACATE, assim como da instituição em que o (a) determinado (a) entrevistado integra, e as que atuam em cooperação no ecossistema capixaba de maneira geral. Vale ressaltar que durante a pesquisa, por motivos de privacidade, os nomes dos entrevistados (as) foram ocultados e não serão divulgados. Dessa maneira, os mesmos foram caracterizados através das primeiras quatro letras do alfabeto, e, sendo assim, os entrevistados A, B, C e D representam, respectivamente, ACT!ON, Sebrae-Es, Assespro e VAMO.

Portanto, a metodologia referente ao terceiro capítulo possui caráter qualitativo. O questionário aplicado aos integrantes das instituições selecionadas possui onze perguntas que estão localizadas no apêndice anexado ao fim da dissertação. As perguntas foram escolhidas da seguinte maneira: as quatro questões iniciais buscam evidenciar a visão dos entrevistados acerca da ACATE, e isso se justifica em prol de uma análise prática sobre a instituição em relação ao exposto no segundo capítulo da dissertação; as cinco questões posteriores têm o objetivo de relacionar informações obtidas sobre a ACATE ao ecossistema capixaba, tais como o nível de maturidade, programas, lacunas a partir do ponto de vista dos entrevistados; por fim, as duas últimas questões são meramente comparativas entre os programas e processos utilizados pelas instituições as quais os entrevistados integram, em relação aos programas realizados pela ACATE.

Em síntese, a pesquisa possui metodologia documental e qualitativa, e a ACATE foi escolhida como instituição base de comparação devido ao seu renome enquanto uma entidade atuante no ecossistema de inovação catarinense. A hipótese inicial é permeada pela suposição da imaturidade do ecossistema capixaba em relação à ecossistemas de inovação com maior grau de desenvolvimento, como o de Santa Catarina ou dos demais Estados que compõem a região Sudeste, como Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

Dessa maneira, a relevância do trabalho se dá em prol de uma análise sobre o ecossistema do Espírito Santo e suas principais instituições, em relação a uma entidade com grau de maturidade e experiência elevado. Tal análise permite evidenciar lacunas e desafios encontrados pelas instituições que atuam diretamente na dinâmica de um processo inovador regional.

1 INOVAÇÕES E PRINCIPAIS COMPONENTES DO ECOSISTEMA DE INOVAÇÃO: UMA VISÃO A PARTIR DE SCHUMPETER E NEO SCHUMPETERIANOS

A contribuição teórica utilizada para sustentar a base da pesquisa é fundamentada, principalmente, em Schumpeter (1911, 1943) devido à sua ótica focada nas inovações e progressos tecnológicos para explicar o desenvolvimento econômico de maneira oposta ao tradicional. Também é exposta a contribuição Neoschumpeteriana e contextualizada sua influência atualmente. Tais aspectos vão de encontro ao tema escolhido e posteriormente permitirão associar questões teóricas às práticas.

Joseph Alois Schumpeter representa um grande expoente do pensamento econômico da metade do século XX. Em suma, tal crédito é obtido através do seu pensamento de considerar as inovações tecnológicas como motor do desenvolvimento capitalista, denotando ruptura teórica com a ortodoxia predominante na época, a qual examina a ciência econômica a partir do conceito de equilíbrio estático. Nesse âmbito, a concorrência na economia capitalista se torna um processo evolutivo e, portanto, dinâmico, gerado por fatores endógenos ao sistema econômico, notadamente as inovações que emergem incessantemente da busca de novas oportunidades lucrativas por parte das empresas em sua interação competitiva. (POSSAS, 2002).

A trajetória intelectual de Schumpeter pode ser dividida em dois ciclos: um antecedente à Primeira Guerra Mundial, quando suas obras escritas durante a juventude são publicadas, entre elas, a “Teoria do Desenvolvimento Econômico” em 1911; a segunda fase começa após sua mudança para os Estados Unidos, em 1932, quando seus principais ensaios são divulgados em inglês. O destaque de maior relevância para essa época foi “Capitalismo, Socialismo e Democracia” (1943), obra na qual Schumpeter põe em pauta a continuidade do sistema capitalista e o eventual êxito do socialismo em algum momento. (SZMRECSÁNYI, 2006).

Nesta última obra, Schumpeter introduz a base teórica para o conceito de “Destruição Criativa”. Esse configura um tema de níveis abrangentes na ótica da inovação expressa, em síntese, que uma nova tecnologia pode ocasionar a destruição de uma antiga por meio de uma substituição induzida por modificação. Schumpeter busca ressaltar que tal caráter evolutivo não se dá devido ao aumento da população ou do capital, nem mesmo das variações do sistema monetário. Nas palavras do autor “O impulso fundamental” que põe e mantém em funcionamento a máquina capitalista procede dos novos bens de consumo, dos novos métodos

de produção ou transporte, dos novos mercados e das novas formas de organização industrial criadas pela empresa capitalista.” (SCHUMPETER, 1961).

Além disso, Schumpeter (1911) em sua obra “Teoria do Desenvolvimento Econômico” explora o modelo clássico de estado estacionário. O autor apresenta as falhas deste modelo estático e revela uma perspectiva única acerca processo de desenvolvimento. Nesse sentido, Schumpeter utiliza o fluxo circular walrasiano como principal base para elucidar o sistema capitalista no modelo clássico. Tal modelo configura um caráter circular para as relações econômicas, evidenciando que o papel de compradores e consumidores também é exercido pelos produtores e vendedores, desta forma, o equilíbrio é alcançado de maneira natural pela dinâmica do mercado. Em outras palavras, Schumpeter (1997) elucida que “uma demanda está esperando solicitamente cada oferta e que, em nenhum lugar do sistema econômico há mercadorias sem complementos”.

Nesse âmbito, Schumpeter denota a impossibilidade de haver mudanças substanciais no sistema a partir do fluxo circular de renda, fato este que o permite introduzir a ideia das inovações tecnológicas como motor capaz de transformar tal sistema. Em primeira instância, Schumpeter ressalta a importância de delimitar os conceitos de fenômenos de crescimento e desenvolvimento econômico. Para ele, o crescimento econômico tem relação com alterações de variáveis quantitativas e não gera mudança alguma em termos qualitativos. (SCHUMPETER, 1997).

Por outro lado, o desenvolvimento é gerado através de novas combinações de meios de produção, que se processam de forma descontínua e são derivados de fatores econômicos. O termo utilizado por Schumpeter para denominar esses novos arranjos foi o de “inovações tecnológicas”. Essas representam o principal motor de desenvolvimento econômico e também são responsáveis por romper com o quadro de equilíbrio, gerando progresso e desenvolvimento, além de evolução. Além disso, para Schumpeter, as inovações transformadoras não podem ser previstas *ex ante*. No entanto, esse tipo de inovação é originado no próprio sistema quando inserida na atividade econômica e isso possibilita mudanças qualitativamente diferentes das alterações cotidianas, levando ao rompimento do equilíbrio alcançado durante o fluxo circular neoclássico. (DA COSTA, 2006).

Nesse aspecto, a visão Schumpeteriana, especificamente acerca do processo de inovação, se demarca como base teórica fundamental da pesquisa. A justificativa se dá através do conceito de inovação como principal base dos processos efetuados pela ACATE como instituição e objeto de pesquisa do trabalho.

1.1 TEORIA DA INOVAÇÃO DE SCHUMPETER

Conforme o exposto acerca da visão de Schumpeter em relação ao desenvolvimento, o autor enfatiza o papel das grandes empresas como requisito primordial neste processo de inovação, elucidando uma perspectiva sobre a ótica produtiva. Nesse âmbito, esta surge a partir do lado da produção, não se tratando de melhorias ou aperfeiçoamentos, e sim de uma radical mudança a partir da combinação dos fatores envolvidos na produção. A partir disso, Schumpeter (1997, p76) elucida cinco pontos que identificam inovações:

- I. Introdução de um novo bem, ou seja, um bem que os consumidores ainda não estejam familiarizados;
- II. Introdução de um novo método de produção, em outras palavras, um método que ainda não foi testado pela experiência naquele determinado ramo da indústria;
- III. Abertura de um novo mercado, logo, um mercado em que o ramo particular da indústria de transformação do país em análise não tenha ainda entrado, tenha esse existido ou não;
- IV. Obtenção de uma nova fonte de oferta de matérias primas ou de bens semimanufaturados, independente do fato de que essa fonte já existia ou se teve que ser criada;
- V. Estabelecimento de uma nova organização de qualquer indústria, como a criação de uma posição de monopólio – por exemplo, pela trustificação – ou a desintegração de uma posição de monopólio.

Dito isso, o desenvolvimento é alcançado quando o produtor desconfigura o estado de equilíbrio, ao realizar tais combinações de fatores, dado que as rotinas do processo produtivo se rompem com a destruição da estrutura econômica existente e a criação de uma nova, superior à antiga. (WAGNER, 2004).

Schumpeter atribui a iniciativa de tal mudança a um personagem particular: o empresário. O empresário distingue-se na sociedade por ser portador de uma energia e capacidade de realizar coisas novas que não estariam presentes de maneira difundida entre a população. (Da Costa, 2006). Dessa maneira, Schumpeter atribui o dinamismo do sistema econômico à figura do empresário. Em outras palavras, este possui a habilidade para que o novo seja implementado. Após as novas combinações serem adicionadas ao fluxo regular da atividade econômica, o empresário perde esta sua condição e adentra à classe capitalista ou da burguesia.

Nesse âmbito, Ricardo Carneiro (2003) demarca que para Schumpeter as inovações são caracterizadas como mudanças endógenas, em outras palavras, são mudanças descontínuas e não reações a alterações que ocorrem externas ao processo. Essas mudanças implicam em reações não adaptativas, que ocorrem dentro do sistema e são elas que geram as inovações e promovem o progresso (HADDAD, 2010).

O crédito também compõe um importante fator de análise para a figura do empresário. O crédito perante a ortodoxia representaria uma criação de poupança que financiasse novos projetos de investimento, no entanto, Schumpeter (1961) demarca o mesmo como um instrumento utilizado pelo empresário com o objetivo de viabilizar o poder de compra desse, dinamizando os meios de produção e incentivando o processo de inovação.

Em relação as classificações das inovações, estas podem ser três: incremental, radical, e mudança no sistema tecnológico ou alteração no paradigma técnico-econômico. A primeira diz respeito às mudanças de rotina, pequenas melhorias no design ou na qualidade dos processos de logística ou organizacionais. Já a inovação radical representa um salto descontínuo na tecnologia de produtos e processos, nesse sentido, uma mudança do sistema tecnológico é considerada radical quando rompe com trajetórias existentes, originando uma nova rota tecnológica. Por fim, no paradigma técnico econômico estão inseridas inovações que alteram o sistema econômico e social como um todo, criando novas indústrias e estabelecendo trajetórias de inovações por várias décadas (TIGRE, 2006).

No âmbito do processo de inovação radical nas firmas, em um trabalho elaborado por Christensen, Raynor e McDonald (2013) é exposto o conceito de inovação disruptiva. Essa tipificação de inovação corresponde ao processo de uma empresa entrante no mercado, portanto, com poucos recursos em relação as estabelecidas, obtém sucesso mediante estas. Para os autores, tal sucesso deriva do fato de que uma empresa estabelecida busca, no geral, melhores produtos e serviços priorizando a demanda já existente, negligenciando os “novos mercados” e os “mercados inferiores”. O primeiro termo corresponde aos mercados criados, onde previamente não existia um. O segundo se refere aos mercados formados por consumidores com menor poder aquisitivo, e, conseqüentemente, menos exigência acerca da inovação em si.

Diante disso, uma firma entrante ganha o privilégio de usufruir de determinada inovação que transforme indivíduos em novos consumidores, dessa forma criando um novo mercado. Além disso, uma inovação que apresente um bom custo benefício, ainda que não especificamente atenda inicialmente os mesmos níveis qualitativos do produto de uma firma

estabelecida, pode ser suficientemente satisfatória para atender determinado nicho de consumidores, atendendo ao mercado inferior.

Nesse âmbito, a inovação disruptiva opera à medida em que os entrantes, que apresentam êxito em capturar um dos dois mercados, ganham posições em função da lenta resposta das firmas estabelecidas. Em um contexto geral, as firmas estabelecidas tendem a negligenciar os “mercados inferiores”, pois estes não englobam o público que representa sua demanda e faturamento, além de subestimar o potencial dos “novos mercados”. Isso possibilita às firmas entrantes, após atingir maior posição no mercado e certo patamar de qualidade, capturar os consumidores mais exigentes das firmas estabelecidas. Ao ampliar sua gama de produtos e serviços para atender a nova demanda, a firma entrante incorreu no processo de “disrupção” (CHRISTENSEN; RAYNOR; MCDONALD, 2015).

O conceito de inovação elaborado por Schumpeter e sua importância no sistema capitalista apresenta relações diretas com o objeto de estudo do trabalho, a ACATE. Por este motivo, é necessária para a análise não só a demarcação do conceito de inovação em Schumpeter, mas também na teoria Neoschumpeteriana.

1.1.2 Teoria da inovação para os neoschumpeterianos

A partir da década de 1970 diversos autores retomaram a teoria Schumpeteriana e estes são conhecidos como os Neoschumpeterianos. Em essência, estes sugeriam que Schumpeter atribuiu papel de protagonismo ao progresso técnico no processo de desenvolvimento econômico, contudo, não aprofundou sua ótica para as características do fenômeno inovativo, tampouco para a produção e difusão das inovações em larga escala. (OLIVEIRA, 2018).

Cassiolato e Lastres (2005) demarcam que “apenas a partir do final dos anos 60 que, através de diversos estudos empíricos houve um avanço da compreensão sobre o significado da “inovação””. Os autores também enfatizam a polarização teórica acerca da inovação que perdurou até o fim da década de 1960, nesse sentido, o debate consistia entre estudiosos que acreditavam no progresso técnico como motor do desenvolvimento, a tal chamada *Science push*; e por outro lado, a *demand pull* era composta pela ideia de que o fator determinante era dado através de mecanismos de mercado e a demanda por novas tecnologias.

Com isso, os NeoSchumpeterianos surgem a partir da demanda de uma nova atribuição teórica, diferente das duas anteriores. Os mesmos expandiram a análise de forma a não considerar nenhuma das duas óticas com a responsabilidade integral de prover e

compreender por completo o processo de mudança técnica. Em suma, as correntes de pensamento econômico Neoschumpeteriano atribuem à firma o papel central durante o processo inovador. A inovação garante à firma vantagens em suas atividades perante ao mercado, tal fator torna imprescindível a constante busca inovativa a fim de obter lucros e difusão de inovação tecnológica. (FREEMAN; SOETE, 2008).

No quesito da definição formal de inovação, diversos autores apontam suas delimitações sobre o conceito. Giovanni Dosi (1988 et al) demarca que a inovação representa “a busca, descoberta, experimentação, desenvolvimento, imitação e adoção de novos processos produtivos e configurações organizacionais”. Nesse âmbito, o autor ressalta que a inovação envolve diversos elementos de incerteza, citando exemplos de problemas técnico econômicos com soluções previamente desconhecidas, e ainda, a imprecisão das consequências em relação às ações utilizadas pelo inovador. Em síntese, o processo inovador se configura como cumulativo, derivando do resultado da interação entre capacitações e estímulos advindos do setor ou da própria firma, além de causas externas, tais quais a capacidade científica, acesso ao conhecimento, a disponibilidade de capacitações técnicas e a aversão dos consumidores à mudança.

Michael Porter (1993) demarca a significativa melhora em termos de produtividade que a inovação gera nas empresas. A justificativa reside no ponto que a capacidade de inovação está entre os fatores mais importantes em termos de influência positiva para o desempenho de um negócio. Essa inovação pode se manifestar como uma nova tecnologia ou como uma nova forma de realizar tarefas, alterações de produtos, novos métodos logísticos entre outros.

Carlota Perez (2004) elaborou uma distinção teórica entre invenção e inovação. Invenção seria a criação de um produto ou processo novo, ainda não levado ao mercado. Após tal invenção ser introduzida no mercado, ela é definida como inovação, sendo comercialmente vendida, pois no mercado há um processo de aceitação ou não daquele produto/processo. Analogamente, a inovação torna possível que outras inovações incrementais, as quais apenas melhoram determinado produto, ao ponto que este processo de inovação tecnológica se torna difundido, e após isso, se exaurindo, gerando assim, uma oportunidade para a criação de um novo produto ou tecnologia previamente não existente, logo, uma inovação radical, e este configura o motor de todo o sistema econômico. Em suma, o fato de gerar uma demanda por um novo produto que é comercialmente aceito em determinado mercado, transforma a invenção em uma inovação.

A distinção dos regimes tecnológicos foi tema do estudo elaborado por Marcelo Arend e Silvio Cário (2004). Os autores elucidam a possibilidade de firmas atuar em ambientes industriais diferentes, ao ponto que cada regime tecnológico representa uma nova combinação de propriedades inovativas. Visto que diferentes combinações geram diferentes regimes tecnológicos, cada um destes determina diferentes padrões setoriais de inovação, permitindo que ocorram diferenciações tecnológicas e de competitividade entre os setores.

De fato, a inovação é exemplificada como estratégia central pela ótica Neoschumpeteriana. A este respeito, um estudo produzido por Clélio Diniz e Marco Crocco (2006) revela que a existência de um modelo único de inovação não se torna factível pelas diferenças regionais com atributos próprios. Nesse sentido, é evidente que as condições e políticas conduzidas diferem de acordo com a própria singularidade de determinada região. Tal fator mostra-se relevante ao objeto do trabalho, que compõe instituições em locais geográficos distintos.

1.1.3 Rotina, paradigma tecnológico e trajetória tecnológica

A despeito das características produtivas da firma, a rotina representa um escopo de padrões comportamentais regulares e previsíveis de uma firma (Nelson; Winter, 1982). Tal definição denota um conjunto de respostas padronizadas em meio a situações e ações de variáveis internas e externas à firma. Em outras palavras, as rotinas permitem ao agente, em um ambiente de incerteza, desenvolver formas organizacionais que tornem possível a decisão sem o conhecimento de todas as variáveis relevantes (AZEVEDO, 1998).

Ao passo que as rotinas são definidas com certo teor de regularidade por Nelson e Winter (1982), um segundo grupo define as rotinas como regras de procedimentos operacionais padrão. Cyert e March (1963,1992) representam grandes autores no âmbito da compreensão das rotinas enquanto procedimentos operacionais padrão. Os autores demarcam que tais procedimentos se configuram em regras simples de decisão. Logo, as empresas agem com base nessas regras a fim de evitar a incerteza, isto é, ao se atrelarem a determinado conjunto de regras, as empresas minimizam a necessidade de preverem eventos futuros incertos (MILAGRES, 2011).

Uma terceira classificação dos tipos de rotinas diz respeito à ideia de que estas são disposições coletivas que levam os agentes a praticarem comportamentos obtidos anteriormente, colocados em prática de acordo com determinado contexto ou situação. Este grupo entende que as rotinas envolvem, além de padrões de comportamento, um estoque de

capacidades de comportamento, conhecimento e memória, estruturas organizacionais e hábitos individuais (MILAGRES, 2011).

Já no âmbito dos paradigmas e trajetórias tecnológicas, a construção do pensamento surge a partir da década de 1970 e Giovanni Dosi (1982) representa um dos maiores expoentes da área. Nesse sentido, o autor, para a definição de paradigma tecnológico aborda sua ideia com o pensamento contrário ao tradicional: ao passo que o progresso técnico é geralmente definido em termos de ampliar as possibilidades de produção, em sua definição, o termo ganha uma maior amplitude. O autor define um paradigma tecnológico como um “modelo” de solução de selecionados problemas tecnológicos utilizando-se de analogias com o paradigma científico de Thomas Kuhn (2009).

Tais paradigmas denotam maior importância para o trabalho em específico, estes denotam as oportunidades tecnológicas das inovações ao passo que definem as necessidades a serem preenchidas, os princípios científicos, além do material tecnológico utilizado. Para o autor, este conceito está diretamente por uma série de heurísticas, ademais, o mesmo é responsável por guiar o fenômeno de evolução tecnológica. Mediante problemas, o inovador deve se ater ao paradigma no qual está inserido. (DOSI, 1982).

O conceito do paradigma tecnológico engloba também o conceito de trajetória tecnológica. Esta pode ser definida como um padrão de atividade de solução de problemas no ambiente do paradigma tecnológico (Dosi, 1982). Em outras palavras, a trajetória tecnológica advém da tentativa de resolver problemas específicos dentro de determinado paradigma. Nesse sentido, a trajetória tecnológica se configura como o conjunto de inovações adotada pela firma para tentar concretizar novas oportunidades dentro do paradigma na qual está inserida. A trajetória tecnológica é complementar ao paradigma tecnológico e a interação entre estes denota a o processo evolutivo de uma firma. (VIEIRA, 2015).

Uma das características próprias das trajetórias tecnológicas são as inovações incrementais e radicais: as primeiras correspondem as adaptações inovativas de uma tecnologia existente dentro daquela trajetória, enquanto a última, é a criação advinda de uma tecnologia inédita.

De tal maneira, uma associação de paradigmas e desenvolvimento progressivo das oportunidades de inovação cria as chamadas trajetórias tecnológicas, responsáveis por definir as transformações vivenciadas pelas economias com o transcorrer dos anos. Essas são definidas como os diferentes processos contidos nos compromissos econômicos e tecnológicos assumidos pelos paradigmas. Paradoxalmente, as trajetórias tecnológicas advém de tentativas de enfrentar desequilíbrios tecnológicos gerados por elas próprias e a instauração

dessas trajetórias tem como resultado a observação de regularidades no padrão da mudança técnica em diversas condições do mercado. (OLIVEIRA, 2018).

De fato, a difusão de uma inovação transforma a mesma em um paradigma, que conseqüentemente está atrelado a uma trajetória, gerando inovações incrementais e suplementares a esta. Ao ser amplamente difundida, a inovação pode ser encontrada em diferentes esferas e setores de produção capitalista, dessa maneira, é possível originar uma inovação radical que por sua vez, gerará um novo paradigma. (OLIVEIRA, 2018).

Em síntese, a seção teórica acerca de Schumpeter e dos conceitos explorados, tais quais a destruição criativa, inovações radicais, entre outros, são de suma importância para a base teórica do trabalho visto que os próximos temas a serem explorados utilizam-se destas constantemente na dinâmica do processo inovador

1.2 SISTEMAS DE INOVAÇÃO

A definição de um “sistema de inovação” tem base no processo de inovação por meio de forma interativa entre elementos institucionais e organizativos. Em outras palavras, esta visão retira a liderança do processo de inovação especificamente pelo empresário e por determinado setor de P&D, ao passo que atribui tais aspectos às interações entre as firmas de determinada região. A expressão advém dos anos 1980, principalmente por Freeman (1987) e Nelson (1987).

O sistema de inovação representa uma construção institucional, podendo esta ser o produto de uma ação planejada e consciente ou o somatório de decisões não planejadas e desarticuladas, impulsionando o progresso tecnológico em economias capitalistas complexas (Freeman, 1988; Nelson, 1993 *apud* Albuquerque, et al, 2000). A realização de fluxos de informação necessários ao processo de inovação tecnológica se dá através da construção de tal sistema de inovação. Estes arranjos podem envolver firmas, redes de interação empresarial, universidades, institutos de pesquisas, entre outros.

O artigo escrito por Russo-Spena, Trégua e Bifulco (2017) demarca as principais características próprias de um sistema de inovação. Este é sistêmico e evolucionário, sistêmico no sentido de que inovações como tecnologia de desenvolvimento geram complexas interações entre indivíduos do sistema (Freeman, 1995; Cooke et al., 1997); e evolucionário pelo motivo de que a inovação implica em uma constante interação de atividades envolvendo difusão, absorção e o uso da inovação (Lundvall, 1990, 2007). Além disso, ele é dependente de um contexto que possui características institucionalizadas no âmbito social, econômico,

político e cultural. Nesse sentido, cada contexto é específico em termos de experiência, competência e conhecimento (Edquist, 2001; Coenen, 2005). Por último, este é composto por mudanças em organizações e nas interações entre os atores que atuam em tal sistema, em outras palavras, possui um caráter de constante mutação.

Dessa maneira, a definição de um “sistema de inovação” de Cassiolato e Lastres (2005, p37) remete a “um conjunto de instituições distintas que contribuem para o desenvolvimento da capacidade de inovação e aprendizado de um país, região, setor ou localidade”. Ainda de acordo com os autores, a ideia básica de tal conceito reside no fato de que o desempenho inovativo depende não apenas das empresas e organizações, mas também da maneira em que estas interagem entre si e com vários outros atores e ainda, como as instituições e suas políticas afetam o desenvolvimento dos sistemas. Em outras palavras, a inovação representa um fenômeno sistêmico e interativo, determinado por diversos meios de cooperação.

Para Lundvall (1992) é necessário enfatizar os elementos e redes que interagem e produzem conhecimento útil para determinado país. Nesse sentido, organizações estão inseridas dentro de um padrão socio econômico de maior amplitude, no qual aspectos culturais e políticos permitem determinar a escala, direção, e relativo sucesso de atividades inovativas.

1.3 ECOSSISTEMAS DE INOVAÇÃO

Em um primeiro momento, se torna necessário definir o que é um Ecosistema de Inovação e enumerar seus importantes componentes. No entanto, há de se ter em mente que não se trata de um conceito uniforme e que a literatura acerca do tema abarca diferentes perspectivas, fato corroborado por Koslosky, Speroni e Gauthier (2015) que em uma revisão bibliográfica sistemática referente a este tópico, demarcam diversas possíveis definições de um Ecosistema de Inovação em múltiplas áreas do conhecimento.

A partir do relatório “*Innovate America: Thriving in a World of Challenge and Change*” divulgado através de um encontro composto por mais de 400 líderes de todo o mundo denominado “*National Innovation Summit*” realizado em 2004, Washington, Namba (2006) define ao termo como uma estrutura para fomentar inovação onde ofertantes e demandantes de inovação interagem como público que ofereça maiores ganhos em termos estratégicos. Diante disso, o usuário ganha posição de cocriador da inovação. (KOSLOSKY, SPERONI, GAUTHIER 2015).

Seguindo tais aspectos, o trabalho de Sawatani et. Al. (2007) propõe uma definição sobre inovação na área de serviços. Segundo a autora, o Ecossistema de inovação corresponde a uma estrutura de rede que engloba ligações para todos os participantes, sendo estes consumidores, provedores de serviço, fornecedores e o próprio ambiente. Além disso, a autora também enfatiza que as descrições podem ocorrer em nível conceitual ou precisas, como por exemplo em casos reais, logo, os eventos ocorridos a partir de mudanças na sociedade e inovações influenciam estes níveis. (KOLOSKY, SPERONI, GAUTHIER, 2015).

A definição de Guo (2009) está relacionada à indústria de Tecnologia de Informação. Nesse âmbito, o Ecossistema de Inovação é um sistema de inovação que inclui organismos e ambientes de inovação com fluxos de material inovador, energia e informações em determinado espaço e tempo. As pesquisas apontam para o desenvolvimento sustentável como objetivo, utilizando métodos da ecologia a fim de organizar e discutir a formação do ecossistema de inovação e suas regras evolutivas para o desenvolvimento sustentável do meio ambiente. (KOLOSKY, SPERONI, GAUTHIER, 2015).

Para evidenciar o cenário de cooperação entre universidades e indústrias na China, Wang (2010) elucida que o “Ecossistema de Inovação” representa o sistema dinâmico de instituições e pessoas interconectadas a fim de impulsionar o desenvolvimento econômico e tecnológico. Tal ecossistema inclui atores da academia, indústria, fundações, organismos científicos, econômicos e governamentais. Além disso, a organização desse ecossistema não é rigidamente estabelecida com papéis bem definidos para estes atores, com isso, as condições de restrição e impulso do processo de inovação estão em constante mutação. (KOLOSKY, SPERONI, GAUTHIER, 2015).

Moore (1996), a fim de explicitar uma analogia com cunho biológico, revela que um Ecossistema biológico tem a capacidade de repor determinada comunidade de organismos vivos interagidos, além de seu ambiente e a própria interação entre estes. Dessa maneira, espécies vivas representam o componente principal de um ecossistema, ao passo que componentes não vivos, como íons minerais, água e condições externas, são essenciais para a sobrevivência das espécies vivas. Os componentes biológicos se manifestam em diversos níveis tróficos: produtores primários, macro consumidores e micro consumidores. (MERCAN; GOTKAS, 2011).

Ainda sobre a analogia entre o mundo biológico e o mundo de negócios, Moore (1996) elucida que uma “comunidade econômica”, composta pela interação entre indivíduos e instituições, constituem o “ecossistema dos negócios”. A “comunidade econômica” produz valor e serviços para os consumidores, que também são componentes de tal ecossistema. Os

organismos participantes são os ofertantes, manufatureiros, rivais e outros agentes. Com o tempo, cooperativamente desenvolvem suas capacidades e papéis e tendem a alinhar-se com as orientações definidas por uma ou mais empresas centrais. (MERCAN, GOTKAS, 2014).

Nesse sentido, Mercan e Gotkas (2011) estabelecem a relação comparativa entre o sistema de inovação e o ecossistema de inovação. Para os autores, tal diferença se dá em vista que um Ecossistema de inovação possui natureza dinâmica, ao passo que o primeiro, natureza estática. Em suma, a estrutura de um ecossistema é mutável perante novos desejos e circunstâncias, o que permite uma maior e mais flexível operacionalidade entre pequenas empresas.

Conforme o exposto, o “Ecossistema de inovação” representa, além da interação entre políticas públicas e estratégia empresarial, um organismo evolucionário que se desenvolve em torno da inovação como foco estratégico no âmbito competitivo. Ele representa um ambiente mais flexível com o propósito de estimular a relação entre diversos atores dentro desta dinâmica (empresas, investidores, organizações públicas), além disso, absorve da biologia a base de constante seleção e adaptação de rotinas e trajetórias tecnológicas. (RUSSO-SPENA; TREGUA; BIFULCO, 2017).

Em síntese, as divergências conceituais entre um sistema de inovação e um ecossistema de inovação existem e foram expostas no trabalho de Spena, Tregua e Bifulco (2017). No âmbito da inovação, um “sistema de inovação” representa a análise e explicação de mudanças na tecnologia, tal qual no crescimento econômico, ao passo que no “ecossistema de inovação”, o foco reside na compreensão da dinâmica do comportamento de empresas e rede de firmas. Já no fator geográfico, um sistema de inovação pode possuir caráter regional ou setorial, enquanto no ecossistema, possui semelhanças com uma plataforma de estruturas modulares de recursos para inovação, não possuindo caráter físico.

Em relação aos atores presentes na dinâmica, enquanto no sistema de inovação estes representam atores econômicos, regionais e institucionais que interagem mantendo suas próprias autonomias, no ecossistema de inovação os negócios são interdependentes e há uma maior preocupação com as relações periféricas. No âmbito da gestão, o que difere os dois em síntese é o processo burocrático, enquanto em um sistema de inovação a gestão obedece a um papel pré-definido, muitas vezes de teor jurídico, no ecossistema de inovação os processos podem ser deliberados ou imprevistos. Por último, a intermediação em um sistema de inovação se dá pelo conhecimento e aprendizado fomentados pelo sistema, ao passo que no ecossistema de inovação, a tecnologia e o conhecimento misturam-se e impulsionam-se mutuamente. (RUSSO-SPENA; TREGUA; BIFULCO, 2017).

Agora que tais diferenças possuem delimitação teórica, é possível a partir das características expostas analisar o mais viável de acordo com o objeto tema do trabalho. Nesse sentido, Kon (2016) aponta a necessidade dos ecossistemas de inovação para o processo de desenvolvimento, visto que este otimiza processos de produção e logística, além de proporcionar o processo de “inovação aberta”. A inovação aberta representa o modelo em que firmas inseridas em um ecossistema criam e implementam determinada inovação, sendo uma contraposição ao modelo de “inovação fechada”, no qual todas as etapas de criação de um novo produto são realizadas dentro de uma empresa, arcando sozinha com custos, riscos e benefícios da inovação. A inovação aberta denota um processo de cooperação entre firmas através dos fatores de produção, fato este que permite lucros usufruídos por outros agentes inseridos dentro de tal ecossistema, dessa maneira, reduzindo riscos ao passo que se aumenta a velocidade, além da intensidade de todo o processo de inovação.

Diante disso, Jackson (2011) evidencia que no esforço inovador as firmas possuem uma tendência de relação e estabelecimento de metas e rotinas que possuem o objetivo de implementar e desenvolver a inovação. Durante o processo de suas rotinas, tais firmas aglomeram-se e interagem no uso dos fatores de produção, fato este que permite aprofundar a complexidade do ecossistema, dentro de determinado paradigma tecnológico no qual a firma específica utiliza.

Em síntese, o ecossistema de inovação, por não estabelecer regras claras como o sistema de inovação, apresenta um caráter de maior flexibilidade. Este fator dinâmico estabelece maior favoritismo para o empreendedorismo inovador atuar, tal como as *startups*, que necessitam de maior flexibilidade e regras menos rígidas a fim de iniciar o processo e obter resultados viáveis dentro do ecossistema na qual está inserida.

1.4 EMPREENDEDORISMO INOVADOR

Em administração, a definição formal de empreendedorismo possui aspectos que giram em torno da criação de empresas, aproveitamento de oportunidades e do desenvolvimento de produtos. Nesse sentido, o empreendedorismo é constantemente associado ao processo de inovação, aprendizagem e pesquisa de organizações. (SCHUMPETER, 1961).

O empreendedorismo inovador, conforme definido por Sarkar (2008), representa o processo de aplicação da inovação em um contexto de negócios, difusão de produtos, implementação de métodos inéditos de produção, criação e abertura de mercados e

empreendimentos de base tecnológica. Já para Dolabela (1999) o empreendedorismo inovador refere-se a um processo de geração de riquezas por meio da difusão do conhecimento e da tecnologia, tal qual o desenvolvimento de produtos e a introdução de inovações no âmbito do marketing, produção e no modelo de negócio da organização em evidência. (BAGGIO, BAGGIO, 2015).

Nesse sentido, o mesmo autor define o empreendedor inovador como o que consegue desenvolver invenções com sucesso, agregando valor tanto para a organização, quanto para os clientes desta. Enquanto Filion (1999) demarca que o indivíduo que estabelece objetivos com alto grau de desafio e identifica meios para realiza-los de maneira criativa, aproveitando as oportunidades mediante o contexto, é o empreendedor inovador. (MARTINS, 2013)

Baumol (1993) elucida que diversos autores, seguindo a visão de Schumpeter, analisam o empresário de maneira que este pode ser qualquer um que adora determinada atividade inovadora. Nesse sentido, a inovação contrapõe a invenção como o processo onde a invenção é colocada em prática, passando por transformações que aderem viabilidade funcional e econômica ao novo produto, tornando-se a inovação.

Sarkar (2014) demarca que o negócio tradicional é subdividido e quando a inovação ocorre é dependente de algum setor dentro da empresa, que opera de maneira quase independente dos demais. Já o negócio empreendedor tem uma visão integrada da firma, na qual a inovação é capaz de atingir todas a amplitude da firma. Nesse sentido, o autor esclarece que ao ensinar o “negócio empreendedor”, as escolas procuram formar indivíduos com maior capacidade de liderança e espírito empreendedor do que os mais preocupados com teorias gerenciais. (ALMEIDA, 2019).

Tal espírito empreendedor é definido por Drucker (1985) como um dínamo motivacional, ou seja, a utilização da inovação como instrumento de realizar mudanças, ao passo que para Chiavenato (2004) é uma energia de economia que gera recursos e dinamiza ideias. De tal maneira, é evidente a importância da figura do empreendedor, justamente pela criação e ampliação de relações econômicas e sociais, sendo a inovação um dos principais instrumentos utilizados por este a fim de explorar e aproveitar mudanças e oportunidades de negócio no contexto da firma. (ALMEIDA, 2019).

A importância do empreendedorismo é exposta por Rushing (1990) com a justificativa de contribuição à sociedade a partir do estímulo às inovações e ao crescimento econômico. Em outras palavras, o empreendedorismo é configurado a partir do estabelecimento da ideia da inovação, se esta é viável e de única competência, gerando valor no meio na qual está inserida. (FUZETTI, SALAZAR, 2007).

O empreendedorismo inovador representa a criação e desenvolvimento de ideias, de maneira que ao serem incorporadas nas atividades econômicas, sociais e artísticas em um contexto coerente de criatividade, particularmente em ambientes mutáveis e incertos, criam novas oportunidades. Em outras palavras, o ato de criar atividades que venham a gerar oportunidades dentro de determinado contexto podem ser compreendidas como empreendedorismo inovador. (UENO, 2011).

1.5 O MODELO HÉLICE TRÍPLICE

Em tal contexto é importante mencionar o modelo hélice tríplice. Este foi elaborado a partir de uma parceria de Etzkowitz (2002), que se continuamente estudou a parceria entre universidade e indústria, e Leydesdorff (1995). Este evidencia a função e a importância de três atores, em analogia às hélices, inseridos no ecossistema de inovação. A função da universidade é contribuir com conhecimentos, desenvolvendo capital humano e intelectual, além de suporte tecnológico. O papel da indústria é atuar na produção dos produtos e no desenvolvimento das inovações. Já o governo regula e fomenta os empreendimentos, criando condições legais e ambientais que tornem o empreendedorismo inovador factível. De fato, a interação entre os três atores contribui diretamente para o desenvolvimento de inovações, além do desenvolvimento individual destes, e por último, para a criação de estruturas institucionais geradas pela dinâmica conjunta entre estes atores (LEYDESDORFF, 2012).

Em um exemplo que evidencie maior praticidade ao tema, pode-se citar o papel do governo na consolidação da cadeia produtiva do Biodiesel no Brasil, fundamentada no modelo Hélice Tríplice. O governo atua como agente de institucionalização e fomento do programa ao financiar capital de risco pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES); apoiar os investimentos em pesquisa e tecnologia pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); e também ao estimular a inclusão social via incentivos fiscais para as firmas que adquiram matérias primas de agricultura familiar. (BERNARDES, VARELA, SOARES, 2012).

Outro estudo de caso de grande importância ao tema é pesquisa de Tonelli e Zambalde (2007), que analisou o papel da universidade na construção de um ambiente institucional adequado para a geração de riquezas e desenvolvimento de inovações, mediante o modelo Hélice Tríplice. Os autores demonstraram através de seus resultados que quanto maior o comportamento empreendedor dos pesquisadores acadêmicos, maiores são os benefícios para

o empreendedorismo inovador. Essa iniciativa empreendedora, por parte dos pesquisadores, se estende além dos trabalhos científicos, envolvendo parcerias tecnológicas, marketing, desenvolvimento de meios de produção, além de precaução acerca de aspectos legais.

De fato, a interação entre os três atores, se bem conduzida, facilita o sucesso do país em garantir a qualidade de vida da maior parte da população de maneira mais igualitária e não somente a fração correspondente à elite privilegiada. (MEDEIROS et al, 1992).

1.5 STARTUPS

Ainda que a origem do termo *startup* não seja plenamente conhecida, certos estudos relatam que o termo é utilizado de maneira ampla e em diversas vezes, em um contexto em que a definição não elucida clareza. A Associação Brasileira de *Startups* define o termo como uma empresa com base tecnológica e com um modelo de negócios de caráter repetitivo e escalável, com elementos de inovação e ambiente de incerteza.

Em países que apresentam desenvolvimento avançado, as *startups* são peças fundamentais para o crescimento econômico e a geração de empregos. Nesse sentido, o governo e a iniciativa privada focam no auxílio para incentivos e mecanismos de apoio a estas empresas. Pode-se citar que as *startups* focadas em inovação e tecnologia ganham destaque nesse cenário, exibindo potencial de crescimento essencial para o desenvolvimento sustentável. (CNI, 2016).

As *Startups* representam um caso particular do empreendedorismo inovador, além de um importante ator dentro do Ecossistema de Inovação. O processo de inovação se dá por meio de dois caminhos: o “modelo corporativo” e o “modelo empreendedor”. Nesse sentido, as firmas estabelecidas e normalmente maiores recebem a classificação de corporações, enquanto novas firmas recebem a classificação de “*startups*”. As *startups*, em relação as empresas estabelecidas, usualmente possuem menos capital, cientistas e engenheiros, além de menos alianças estratégicas e difusão da marca, por esse motivo, representam alto risco e estatisticamente, a chance do fracasso é superior à do sucesso. (FREEMAN, ENGEL, 2007).

Nesse sentido, no âmbito do modelo corporativo, um tema central de pesquisa, acerca do comportamento organizacional, corresponde ao problema da agência, na microeconomia. Em síntese, o problema da agência principal se dá no quesito de que nem sempre o bom para um indivíduo em específico, é bom para a corporação no geral. Diante disso, a firma elabora contratos com estes definindo o que fazer e os incentivos para isso, além de monitorar as capacidades e disciplinar para que o foco seja direcionado à estas capacidades. Em síntese, o

modelo corporativo é caracterizado por fricções internas que impedem a transferência tecnológica e reduzem a velocidade de alocação financeira e outros recursos. (FREEMAN, ENGEL, 2007).

Em relação ao modelo empreendedor, esses empresários se engajam na construção de *startups* baseados em inovações majoritárias que são canalizadas através de um papel social chamado de “empreendedorismo profissional”. Tal canalização é justificada pelo fato dos problemas estratégicos que estes empreendedores enfrentam, que os induz a crescer rápido assim como firmas rivais e estabelecidas. No entanto, isto requer altos graus de injeção de capital em parte, por investidores institucionais, especialmente “capitalistas de risco”. Essa forma de inovação envolve colaboração entre empreendedores e capitalistas de risco para a criação de determinado valor líquido. (FREEMAN, ENGEL, 2007).

A competitividade gerada por meio das inovações tecnológicas e inovações do modelo de negócios representam um componente essencial do processo de inovação. Na perspectiva de um empresário de uma *startup*, o espírito empreendedor o guia na medida em que suas desvantagens são drasticamente superiores pela presença das firmas estabelecidas. Nesse sentido, os investidores normalmente tornam-se sócios das *startups*, aconselhando estrategicamente os empresários dentro deste ambiente competitivo. (FREEMAN, ENGEL, 2007).

Ademais, fatores geográficos também configuram importante destaque acerca do funcionamento das *startups*. De fato, relações sociais e alianças de negócios se tornam mais factíveis sob um menor distanciamento, principalmente quando as transações não são padronizadas. Essas transações são produzidas em larga escala pela inovação e em um ambiente de incerteza. Nesse sentido, as decisões são frequentemente baseadas no processamento da informação social. De tal maneira, *clusters* geográficos são formados por meio de um conjunto de firmas que produzem produtos similares ou apresentam certo grau de interdependência em base nos padrões transacionais da oferta. (FREEMAN, ENGEL, 2007).

Além disso, a proximidade física leva a outros benefícios além da interação social, visto que a concentração industrial e regional facilita a mobilidade de recursos, além da instalação de firmas com o objetivo de suporte técnico durante a formação dos ecossistemas de inovação. Nesse sentido, os capitalistas de risco também são privilegiados, visto que tal concentração pode atrair mais investidores, auxiliando na formação de um agregado de capital para investimentos com tais características em outras *startups* inovadoras. (FREEMAN, ENGEL 2007).

De fato, conforme exposto anteriormente, as *startups* se apoiam na incerteza e esse fator levou Alexander Osterwalder (2011) a desenvolver um modelo de negócio chamado de “*Business Model Generation Canvas*”. Este funciona como instrumento de gerenciamento estratégico, permitindo desenvolver e esboçar modelos de negócio novos ou existentes. Em outras palavras, o modelo *Canvas* mapeia as principais áreas que constituem determinada firma, sendo, atualmente, utilizado de maneira ampla devido a sua fácil aplicação. Esse modelo divide a ideia de um negócio em nove elementos para auxílio das *startups*: clientes, oferta de valor, canais, relacionamento, receitas, recursos, atividades, parcerias e custo.

1.6 CAPITAL DE RISCO

Corder e Salles-Filho (2004) demarcam a importância do sistema financeiro em um ecossistema de inovação. Sua principal função é alavancar investimentos e a sustentabilidade das firmas. Ademais, os autores evidenciam que ao tratar de inovação tecnológica, os interesses relacionados possuem caráter mais complexos. Nesse sentido, o capital de risco constitui a principal fonte do mercado financeiro para o financiamento da inovação, sendo assim, necessitando de um mercado de capitais estável a fim da consolidação do processo. (RAPINI, 2009).

O capital de risco configura uma modalidade de investimentos no qual o investidor possui o papel de aplicar recursos em empresas com potencial de crescimento. Tal participação ocorre de diversas maneiras, seja pela aquisição de ações ou direitos de participação (cotas de sociedades limitadas, debêntures conversíveis, entre outros), seja ao adquirir cotas de fundos de investimento específicos com o intuito de obter ganhos de capital a médio e longo prazo. Além disso, é importante frisar a diferença entre o capital de risco e financiamento: tal diferença é justamente o risco assumido pelo primeiro item. Além disso, este último implica em entrada de recursos financeiros e compartilhamento da empresa entre o investidor e o empreendedor. (CHEROBIM et al, 2011).

Diante disso, torna-se evidente a importância do capital de risco para que os atores do Ecossistema de inovação obtenham relativo sucesso durante suas interações dinâmicas. Nesse sentido, as organizações empresariais, composta por firmas, investidores anjos, bancos, entre outros; as instituições, que englobam universidades, órgãos do setor público e organismos financeiros; e os processos empresariais, interagem de maneira a conectar, medir e gerenciar o desempenho dentro de determinado ambiente empresarial. (MASON, BROWN, 2014).

Um dos agentes responsáveis em tal dinâmica é o investidor anjo. Este é definido por Wetzel (1983) como investidores que preenchem o que outros evitam no capital de risco, buscando a promoção de desenvolvimento para empreendedores de base tecnológica. Em outras palavras, este é responsável pelo capital de risco que não atinge critérios de tamanho e crescimento para investidores profissionais de capital de risco. Ademais, o Investidor Anjo é de grande importância para a continuidade das *startups* e pequenos negócios, visto que este cobre o espaço de investimento para pequenos empreendedores, geralmente em estágio inicial do negócio e com restrições de acesso a maiores fundos de capital de risco. (MACHADO, 2015).

A definição de Mason e Harrison (2000) segue o mesmo caminho, visto que para estes, o Investidor Anjo representa um indivíduo de caráter privado, que empresta capital de risco a novos e crescentes negócios nos quais anteriormente havia sequer qualquer tipo de conexão familiar. De fato, tal inexistência de qualquer relação permite delimitar a diferença entre investidor e empreendedor, onde evidentemente, tal investidor não deve ser confundido com familiares ou amigos. Nesse sentido, a definição de Bacher e Guild (1996) segue o mesmo raciocínio ao definir que tais indivíduos se configuram a parte dos empreendedores e da família, que investem em seus próprios fundos em companhias privadas. (MACHADO, 2015).

No Brasil, o mercado de capital de risco se destaca em uma tipologia de três modalidades de classificação, que basicamente, se diferenciam por meio de maturidade da empresa investida: capital semente (*seed capital*), *venture capital* e *private equity*. O capital semente geralmente é voltado para empresas de pequeno porte com forte perfil inovador, muitas ligadas a incubadoras ou parque tecnológicos do país. O *venture capital* está presente em micro, pequenas e médias empresas, recentes e com alto potencial de crescimento, ao passo que o *Private equity*, configura uma modalidade de investimento em empresas maduras não listadas em bolsas de valores com o objetivo de preparar as companhias a abrir capital, fundir-se ou serem adquiridas por outras empresas. (SILVA, BIAGINI, 2015).

A carência de fundos privados de Venture Capital no Brasil torna a ação dos órgãos públicos imprescindível para o fomento de firmas que atuam na base tecnológica. Nesse âmbito, dois órgãos ganham notoriedade por atuar por meio de programas e fundos setoriais de apoio à inovação: o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). Tais agências fortalecem a dinâmica que envolve o capital de risco no país. Isso reside, principalmente, a partir de resultados oriundos de duas iniciativas: o projeto Inovar, da FINEP, o qual tem o objetivo de apoiar a criação de

fundos de investimentos para financiar empresas inovadoras; e o projeto de capital semente, CRIATEC do BNDES, com o objetivo de encaminhar e aplicar recursos no formato capital semente em firmas inovadoras. (CHEROBIM, 2011).

A divergência do CRIATEC em relação ao projeto Inovar se dá através que o primeiro visa aplicar recursos do fundo em empresas inovadoras de caráter emergente ou em estágio nulo com alto potencial de crescimento. Tal fator ocorre devido a participação acionária das empresas cujas cotas podem ser repassadas para investidores em um período entre dois e dez anos, de acordo com o desempenho. (CHEROBIM, 2011).

O Capital Semente é um modelo de financiamento dirigido a projetos empresariais em estágio inicial ou estágio zero, em fase de projeto e desenvolvimento, antes da instalação do negócio, onde um ou mais grupos interessados investem os fundos necessários para o início do negócio, de modo que ele tenha fundos suficientes para se sustentar até atingir um estado onde consiga se manter financeiramente sozinho ou receba novos aportes financeiros.

1.7 ACELERADORAS E INCUBADORAS

Conforme exposto anteriormente acerca das *startups* e desafios enfrentados por elas, dentro de determinado ecossistema de inovação, é necessário evidenciar novos atores de suma importância para esse processo empreendedor. As incubadoras e aceleradoras têm trazido determinado aprofundamento acadêmico acerca do tema por parte dos pesquisadores, principalmente em termos de conceitos, características e denominações claras com o objetivo de evitar confusões e consequências mais graves, como o direcionamento de verbas públicas em programas de aceleração e incubação, desenvolvimento de políticas de ciência e tecnologia, entre outros (Ribeiro, Plonski, Ortega, 2015). Nesse sentido, Cohen e Hockberg (2014) sintetizam e esclarecem os dois perfis da seguinte maneira:

“Filosoficamente, incubadoras foram desenhadas para nutrir negócios nascentes amortecendo-os de seu ambiente, provendo aos mesmos, local para crescer em um espaço protegido das forças de mercado. Aceleradoras, em contraste, são desenhadas para aumentar a velocidade das interações com o mercado visando ajudar negócios nascentes a se adaptar rapidamente e aprender.” (COHEN, HOCHBERG, 2014, p.9, tradução nossa)

As aceleradoras são oriundas do Vale do Silício e, em síntese, são organizações financiadas com capital privado com o objetivo de fomentar o crescimento de *startups* em um curto espaço de tempo. Essas empresas possuem elevado potencial de crescimento e oferecem

aporte financeiro e estratégico para as *startups*, baseado desde a criação ao desenvolvimento do negócio. Também é válido ressaltar que a interação entre a aceleradora e a *startup* é fundamental na inserção dessas novas empresas no Ecossistema empreendedor, facilitando a criação de network e potenciais oportunidades. (SARMENTO, COSTA, 2016).

De acordo com Kim e Wagman (2012) o de aceleradoras tem origem com as pioneiras *Y Combinator*, fundada em 2005, e *Techstars*, fundada em 2006. Ambas foram pautadas em programas de duração de 12 semanas que terminavam em um “*demo day*”¹, no qual comparecem investidores potenciais interessados no portfólio das aceleradoras. O objetivo reside em oferecer o suporte necessário para as empresas desenvolverem seu modelo de negócios alinhando-se com maior eficiência em seus respectivos mercados. Em geral, essas organizações nascem com o propósito de desenvolver o ecossistema local, principalmente por meio de empreendedores que notaram a dificuldade da comunidade local em criar seus negócios, assim, transformando uma oportunidade em benefícios para um grande número de empresas potenciais. Tal tipo de interesse também tem sido explorado por órgãos públicos, inclusive brasileiros, como no programa SEED do Governo de Minas Gerais (SEED), no desenvolvimento de ecossistemas de empreendedorismo e pólos tecnológicos. (RIBEIRO, PLONSKI, ORTEGA, 2015)

Na visão de Lynn (2012) as aceleradoras são organizações compostas por empreendedores experientes que oferecem serviços, espaços, mentorias, rede de contatos, conhecimentos em gestão e expertise em criação de novos negócios para empresas nascentes com o objetivo de auxílio para o sucesso das mesmas. Nesse sentido, a assistência se dá na construção do corpo de empreendedores, o ajuste detalhado da ideia e a mentoria sobre o negócio e seu lançamento no mercado. Tal processo ocorre em um período de imersão com intensivo foco em mentorias direcionadas na melhora do modelo de negócios. Passado esse período, as *startups* com maior aproveitamento são selecionadas para uma apresentação para “*venture capitalists*”, investidores anjo e potenciais parcerias ou clientes. (RIBEIRO, PLONSKI, ORTEGA, 2015).

Barrehag et al. (2012) demarca a interação entre três principais atores para que a existência do programa de aceleração de empresas seja factível: *startups*, investidores e mentores. Em relação aos mentores, existe uma relação, seja esta sistemática ou não, na qual o mentor, com base em sua experiência e maturidade profissional e pessoal, indica linhas de atuação facilitando, estimulando e acompanhando o desenvolvimento do indivíduo ou cliente.

¹ Dia de demonstração onde as *startups* se apresentam em frente a uma grande plateia de investidores experientes (COHEN, 2013)

(SARMENTO, COSTA, 2016). Nesse contexto, Miller e Bound (2011) configuram um modelo com cinco das principais características de uma aceleradora:

- I. Processo de aplicação altamente competitivo: os programas têm inscrição online, alcançando aplicação internacional e a seleção é mediada por especialistas do mercado;
- II. Prestação de aporte financeiro para sustentar a operação. Normalmente o investimento tem relação com o custo para que os cofundadores possam se sustentar durante o período de aceleração;
- III. Foco em equipes pequenas e não em fundadores individuais, visto que se considera que o trabalho necessário para erguer uma *startup* exija mais de um indivíduo;
- IV. Apoio em tempo limitado, geralmente de três a seis meses, com a justificativa do período relativo ao lançamento de um produto inicial na área de tecnologia da informação e comunicação, tal qual com a alta pressão que impulsiona o progresso e aprendizado;
- V. Orientação e seleção de *startups* por meio de classes, em outras palavras, a cada período de aceleração, uma nova leva de *startups* é selecionada.

Agora que definidas as principais características das aceleradoras, o conceito das incubadoras possui alguns pontos de divergência. Nesse sentido, a Incubadora representa um mecanismo de apoio para a criação de pequenas e médias empresas, incentivando o desenvolvimento de negócios deste porte, assim como buscando capacitação dos empreendedores durante a gestão das firmas. De fato, empresas instaladas em uma incubadora tendem a apresentar maiores chances de sobrevivência quando inseridas no mercado, em relação às firmas que não dispuseram da mesma oportunidade. (BAÊTA, BORGES, TREMBLAY, 2006).

Para Fonseca e Kruglianskas (2000) a premissa das incubadoras está diretamente associada ao propósito de estimular o surgimento de negócios oriundos de projetos tecnológicos desenvolvidos no interior dos centros de pesquisa universitários ou não. Nesse sentido, o conceito demarcado é o de incubadoras tecnológicas, voltadas para o apoio do nascimento e fortalecimento das firmas de base tecnológica.

A Associação Nacional de Entidades Promotoras de Investimentos de Tecnologias Avançadas (ANPROTEC) conceitua uma incubadora de empresas como um ambiente flexível e encorajador onde são oferecidas diversas facilidades para o surgimento e crescimento de

novos empreendimentos. Nesse sentido, além da assessoria na gestão técnica e empresarial da empresa, a incubadora oferece a infraestrutura e serviços compartilhados necessários para o desenvolvimento do novo negócio, tais quais o espaço físico, salas de reunião, telefone, fax, acesso à internet, suporte em informática, entre outros. Dessa maneira, as incubadoras de empresas geridas por órgãos governamentais, universidades, associações empresariais e fundações, representam canalizadoras do processo de desenvolvimento e consolidação de empreendimentos inovadores no mercado competitivo. (BAËTA, BORGES, TREMBLAY, 2006).

Em síntese, uma incubadora de empresas é um mecanismo mantido por instituições e entidades governamentais, além de universidades, grupos comunitários, etc. Ela possui o objetivo de acelerar o desenvolvimento de empreendimentos, mediante um regime de negócios, serviços e suporte técnico compartilhado, além de orientação prática e profissional. Por fim, a incubadora foca na produção de empresas de sucesso, em constante desenvolvimento, financeiramente viáveis e de caráter competitivo em seu mercado, ainda depois destas deixarem a incubadora, geralmente em um período de dois a quatro anos. (DORNELAS, 2002).

Nesse contexto, as incubadoras podem ser classificadas em três diferentes tipos (MCT, 1998). A primeira é a incubadora de empresas de base tecnológica. Esta se configura como uma incubadora que ampara empresas as quais possuem produtos, processos ou serviços gerados em decorrência de pesquisas aplicadas onde a tecnologia, por sua vez, demarca elevado valor agregado. Por outro lado, a Incubadora de empresas dos setores tradicionais abriga empresas relacionadas aos tradicionais setores da economia, que detêm tecnologia largamente difundida e queiram agregar valor aos seus produtos, processos ou serviços por meio de um incremento no nível tecnológico empregado. Por fim, a Incubadora de Empresas Mista abriga empresas dos dois tipos anteriormente descritos. (DORNELAS, 2002).

As diferenças e semelhanças entre incubadoras e aceleradoras, e ainda investidores anjos, são demarcadas por Susan Cohen (2013) e expostas no quadro a seguir:

Quadro 1 - Diferenças entre Aceleradora, Incubadora e Investidor anjo

Item	Incubadora	Investidor Anjo	Aceleradora
Duração do Programa	1 a 5 anos	Contínuo	3 meses
Programa em Grupo	Não	Não	Sim
Modelo de Negócio	Aluguel (sem fins lucrativos)	Investimento	Investimento (pode ser sem fins lucrativos)
Seleção	Não competitivo	Competitivo, contínuo	Competitivo, cíclico
Estágio	Inicial ou Expansão	Inicial	Inicial
Educação	Ad Hoc, recurso	Nenhum	Seminário

	humano, legal, etc		
Mentoria	Mínima, tática	Se necessário, por investidor	Intensa, por si ou outros
Local	No local	Fora do Local	No local

Fonte: Cohen, 2013

É possível verificar, de maneira sintetizada, os processos que delimitam as diferenças e semelhanças entre as mesmas. No âmbito desse contexto, a comparação será predominante entre as Incubadoras e Aceleradoras. Quanto à duração do programa, a aceleradora possui um período significativamente menor em relação à incubadora, além disso, a aceleradora comporta o sistema de programa em grupo, ao passo que a incubadora não. Em relação ao modelo de negócio, as duas também diferem ainda que possam ser semelhantes quanto à ausência de fins lucrativos. A seleção também apresenta características opostas, ao passo que a incubadora possui caráter não competitivo, a aceleradora configura-se como um ambiente de competição elevada. Já no contexto do estágio, ambas podem ser de caráter inicial, no entanto a incubadora também pode ser utilizada como meio de expansão. Ambas as iniciativas apresentam a presença de mentoria, no entanto em graus diferentes. Por fim, o local representa uma completa semelhança tanto em incubadoras, quanto aceleradoras.

Tanto as aceleradoras quanto incubadoras representam organizações de extrema importância no âmbito do Ecossistema de Inovação, principalmente no contexto do empreendedorismo inovador e no desenvolvimento de *startups*, ainda que com focos de processos diferentes. A análise teórica se mostra extremamente relevante no âmbito da pesquisa do trabalho, principalmente pelo fato que a ACATE possui uma incubadora, a MIDITEC, criada há cerca de 20 anos, que foi escolhida como uma das 5 melhores do mundo. (ACATE, 2019).

1.8 PARQUES TECNOLÓGICOS

A literatura internacional demarca Parques tecnológicos como instrumento de promoção a diversos objetivos econômicos e políticos. Nesse sentido, seu objetivo compreende exercer o papel de suporte para a integração entre agentes sociais similares, por exemplo, pequenas e grandes empresas, ou ainda, agentes sociais distintos, como universidade e indústria. Além disso, os parques tecnológicos ganham destaque como função de um mecanismo de desenvolvimento regional com o intuito de estímulo para a competitividade e

performance empresarial, por este motivo, gerando crescimento e desenvolvimento econômico. (VEDOVELLO, JUDICE, MACULAN, 2006).

Os parques tecnológicos constituem uma realidade factível nos países com maior desenvolvimento em ciência e tecnologia. Nesse sentido, o Sistema Paulista de Parques, depois de desenvolver certa experiência de trabalho após o envolvimento em um projeto acerca do tema pela participação na IASP – *International Association of Science Parks*, em 2002, definiram parques tecnológicos como empreendimentos criados e geridos com finalidade permanente de promoção da pesquisa e da inovação tecnológica, além de estímulo a cooperação entre instituições de pesquisa, universidades e empresas. Não obstante, estes têm o objetivo de conceder suporte ao desenvolvimento empresarial relacionado a atividades intensivas em conhecimento, sob forma de projetos urbanos e imobiliários, delimitando áreas específicas para localização de empresas, instituições de pesquisa e serviços de apoio. (STEINER, CASSIM, ROBAZZI, 2008).

Em relação à sua origem, os parques tecnológicos advêm de Stanford, Estado da Califórnia nos Estados Unidos. Durante a década de 1930, a universidade de Stanford abre as portas de suas instalações para que alunos e ex-alunos, com interesse em fundar uma firma na área da tecnologia, pudessem utilizar as instalações e laboratórios da universidade, além de fornecer bolsas de estudos para os alunos interessados, a fim de transformar ideias em produtos. (SPOLIDORO; AUDY, 2008).

Nesse sentido, com o incentivo dado aos empreendedores, foi factível tornar possível a criação, em 1951, do Stanford Industrial Park, na própria área de Universidade. Essa era uma área de 2,8 km² de um total de 33 km² do campus total. 23 anos depois, em 1974, o Stanford Industrial Park tinha mais de 70 empresas com objetivos intensivos em conhecimento que empregavam vinte e seis mil profissionais, alterando sua denominação para *Stanford Research Park*, expressão utilizada até hoje. Posteriormente, em 2005, o número ultrapassara 150 empresas e, com o esgotamento dos terrenos do *Stanford Research Park*, a partir da década de 1970, empresas intensivas em tecnologia e conhecimento passaram a se instalar nas proximidades da universidade, dando início ao que hoje se conhece como o Vale do Silício. (SPOLIDORO; AUDY, 2008).

Lofsten e Lindelof (2002) demarcam vantagens relativas às empresas que se instalam nos Parques tecnológicos, por exemplo: as empresas possuem maior capacidade de se relacionar em um ambiente de redes; existe um estímulo à busca de informações externas, tais como institutos de alto nível, consultores e grupos de empreendedores; as firmas tem a

capacidade de atração de um número maior de empreendedores e maior facilidade na distribuição de produtos.

Para Joan Bellavista e Luis Sanz (2009), existem cinco fatores críticos de sucesso para um parque tecnológico: imagem/prestígio do parque, localização, ligação com universidades e institutos de pesquisa, suporte institucional e demanda local. Outros pontos citados como fatores que afetam o desempenho e a competitividade dos parques são: a qualidade geral das empresas residentes, o número e a qualidade dos serviços oferecidos.

Nesse sentido, em meio a vasta literatura acerca do tema, Bolton (1997) estabelece uma tipificação onde os Parques Tecnológicos podem ser classificados como “Estáticos” ou “Dinâmicos”, no qual estes apresentam determinadas características, para cada uma das classificações. O modelo estático representa um espaço industrial composto por edifícios e infraestrutura associados a uma série de utilidades bem projetadas e funcionais que buscam como ocupantes empresas de base tecnológica. Já o modelo dinâmico é um espaço projetado com base no conceito de crescimento do negócio, tendo como objetivo, abrigar empresas baseadas no conhecimento que se instalam em determinada região sob a forma de clusters. Além disso, seu objetivo também engloba o estabelecimento de um elo de ligação de organizações de ensino superior e pesquisa, com o intuito de dinamizar as ações de transferência de conhecimento e de tecnologia (GARGIONE, PLONSKI, LOURENÇÃO, 2005).

Zouain (2003) elaborou um modelo de parque tecnológico em um contexto urbano, onde adicionar inéditos elementos que são necessários para contribuição ao modelo conceitual proposto por Bolton. Nesse sentido, tais elementos configuram, por exemplo, Centros de pesquisa cooperativa no círculo médio; Ampliação dos atores externos aos círculos concêntricos; Irradiação de ações de formação e treinamento, incluindo aquelas voltadas ao empreendedorismo (GARGIONE, PLONSKI, LOURENÇÃO, 2005).

Neste modelo, pode-se definir os Centros de Pesquisa Cooperativa como instalações com foco direcionado para a pesquisa e desenvolvimento de *corporates*, conjuntamente com entidades de pesquisa instaladas na região. O modelo de parque tecnológico urbano usufrui das instituições baseadas em conhecimento, onde de fato, valoriza-se o networking gerado entre os participantes envolvidos ao processo. Tal modelo denota nuances de suporte ao desenvolvimento de políticas públicas regionais que se utilizam do conhecimento como base, estimulando assim, tanto a formação quanto o crescimento de empresas focadas no conhecimento, propondo a renovação de áreas urbanas danificadas ou frágeis em um contexto econômico. (GARGIONE, PLONSKI, LOURENÇÃO, 2005).

Em outras palavras, tal modelo garante o desenvolvimento de mecanismos que tenham o objetivo de estimular a sinergia entre os centros locais de ensino superior e de pesquisas com as empresas, em prol de proporcionar a geração de empresas com foco no conhecimento que se instalam na região, ou ainda, que formem *clusters*. Dessa maneira, os negócios estabelecidos no parque tecnológico amadurecem segundo uma lógica de desenvolvimento em um contexto de estágios de crescimento envolvendo negócios a partir de pesquisas desenvolvidas no contexto das instituições de ensino e pesquisa. (GARGIONE, PLONSKI, LOURENÇÃO, 2005).

No Brasil a iniciativa de Parques tecnológicos teve início na década de 1980 com iniciativa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Nesse sentido, a inexistência de uma cultura com foco na inovação, além do baixo número de empreendimentos inovadores existentes na época, tornou possível que os primeiros projetos de parques tecnológicos acabassem dando origem às primeiras incubadoras de empresas no Brasil (PEREIRA, OLIVEIRA, OLIVEIRA, 2016).

Ainda em relação aos parques tecnológicos no Brasil, pode-se citar o Porto Digital, localizado em Recife, no Estado de Pernambuco. O Porto Digital foi considerado pela Associação Nacional de Promotoras de Empreendimentos Inovadores (Anprotec) por 3 anos, em 2007, 2011 e 2015, o melhor parque tecnológico do Brasil. A atuação do parque reside primordialmente nas áreas de software e serviços de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) e Economia Criativa (EC), com foco nas ramificações de games, cine-vídeo-animação, música, fotografia e design. (PORTO DIGITAL, 2020)

O Porto Digital está instalado no centro histórico do Bairro do Recife e nos bairros de Santo Amaro, Santo Antônio e São José, configurando um total de 171 hectares. A região do parque possuía um alto grau de degradação, além demonstrar pouca importância para a economia local, no entanto, desde a fundação do Parque Tecnológico no ano de 2000, já foram restaurados mais de 138 mil metros quadrados de imóveis históricos na região. Além disso, o Porto Digital também representa uma origem advinda do modelo hélice tríplice, inclusive com programas de inovação aberta; suporte ao empreendedorismo e ainda, incubadoras e aceleradoras. O processo de ação coordenada entre o governo, academia e empresas tornou possível que este se transformasse em um dos maiores ambientes de inovação do país com cerca de 330 empresas, 11 mil trabalhadores e faturamento anual de R\$ 2,3 bilhões em 2019.

Ademais, ANPROTEC ressalta alguns dos fatores que atuam de forma integrada para o crescimento crescente de projetos de tais parques no território brasileiro. Entre eles pode-se

citar: o fortalecimento da consciência dos atores de governo acerca da importância da inovação para o desenvolvimento sustentável e do crescimento econômico do país; o aumento significativo do número de empresas que tem interesse de se instalar em Parques Tecnológicos, empresas geradas ou graduadas em incubadoras, empresas multinacionais de tecnologia e empresas nacionais determinadas a fortalecer suas unidades de P&D; a experiência bem sucedida de outros países como Espanha, Finlândia, França, Estados Unidos, Coreia, Taiwan, entre outros; e por fim, a necessidade de tanto governos estaduais, quanto municipais, identificarem novas estratégias de estimular o crescimento, direcionando este para o desenvolvimento de suas regiões. (PEREIRA, OLIVEIRA, OLIVEIRA, 2016).

1.9 CONCLUSÃO

O primeiro capítulo da dissertação teve como objetivo esclarecer, primeiramente, o conceito de inovação proposto por Schumpeter e pelos Neoschumpeterianos, pelo fato de representar a base teórica da pesquisa. Além disso, também foram evidenciadas as principais diferenças entre um Sistema de Inovação e um Ecossistema de inovação, e também os principais atores que interagem nessa configuração, além das diferentes visões teóricas acerca de importantes aspectos relacionados ao âmbito do trabalho.

Também se mostrou necessária a demarcação do conceito de *Startups*; da definição do modelo Hélice Tríplice; considerações e delimitações entre aceleradoras e incubadoras; elaboração do conceito de parques tecnológicos e dos principais métodos de capital de risco utilizados, pelo fato de representarem importantes atores de um ecossistema de inovação.

Elucidar tais fatores se demonstra primordial a fim de uma melhor compreensão acerca dos processos utilizados pela ACATE para promover a inovação, e, conseqüentemente, o crescimento e desenvolvimento econômico. A expectativa é demonstrar, de maneira prática, a partir de tais aspectos, o singular papel exercido pela ACATE no ecossistema de inovação de Santa Catarina e evidenciar fatores que ainda não se mostram presentes no ecossistema de inovação capixaba.

A próxima seção pretende evidenciar informações técnicas e práticas a respeito da ACATE e de suas contribuições. A perspectiva esperada é a de uma melhor compreensão dos motivos que levaram a ACATE a conquistar tal posição de sucesso, dessa maneira, sendo possível intensificar a análise comparativa em relação às instituições do Espírito Santo.

2 ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE TECNOLOGIA (ACATE) E O ECOSSISTEMA CATARINENSE DE INOVAÇÃO

O seguinte capítulo possui o objetivo, primeiramente, de elucidar o ecossistema de inovação catarinense e como este se configura, em outras palavras, os atores inseridos neste e suas dinâmicas em relação ao uso da inovação para fins de desenvolvimento. Primeiramente são evidenciados alguns dados relativos ao setor de tecnologia de Santa Catarina para uma maior compreensão acerca do Estado em relação a outros ecossistemas de inovação brasileiros.

Posteriormente a análise se direciona para determinadas instituições que atuam em tal dinâmica, denotando por meio de uma pesquisa documental, suas principais funções e objetivos, tais quais dados relativos a infraestrutura e estatísticas recentes.

Por fim, é conceituada minuciosamente a definição da ACATE e como esta atua, demarcando seus principais programas, métodos descritos por estes e também a função dos grupos temáticos da instituição. Tal análise se dá através de uma verificação documental do relatório de atividades de 2019 da mesma, além de informações extraídas do observatório ACATE Tech Report 2019.

Esse conjunto de informações se torna imprescindível, visto que o objetivo geral da pesquisa se permeia em uma comparação entre a ACATE e determinadas instituições inseridas no ecossistema capixaba de inovação, dito isso, uma definição das outras instituições que se mostram próximas a ACATE, tanto em termos geográficos quanto de atuação, se mostra relevante.

2.1 O ECOSSISTEMA CATARINENSE DE INOVAÇÃO

A Pesquisa de Inovação (PINTEC), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) tem como objetivo a construção de indicadores setoriais, nacionais e regionais acerca de atividades no âmbito da inovação nas empresas no setor da Indústria, Eletricidade e gás e de serviços selecionados. Nesse contexto, o estudo publicado em 2017 revela que no triênio 2015-2017 a taxa de inovação de produtos e/ou processo obteve uma queda de 2,4 pontos percentuais em relação ao triênio anterior, que possuía a taxa de 36%. Tal cenário teve maior repercussão na área industrial, onde registrou-se 33,9% de empresas inovadoras, o menor valor alcançado nos últimos três triênios. Ademais, o estudo também aponta as principais causas de impedimento para o ato da inovação nas empresas, são elas,

respectivamente: riscos econômicos excessivos; elevados custos de inovação; falta de pessoal qualificado; escassez de fontes de financiamento. (PINTEC, 2017).

O Tech Report 2020 revela que no ano de 2019, o Brasil alcançou o número de 306,4 mil empresas atuantes no setor de tecnologia, demonstrando uma queda de 8,5% entre 2015 e 2019, onde no ano base, o país possuía 334 mil empresas. Ainda de acordo com o relatório, a justificativa para tal queda reside em grande parte no desempenho do Rio de Janeiro que perdeu 8 mil empresas durante o período e atualmente possui cerca de 30,3 mil empresas.

Tais dados se mostram relevantes visto que Santa Catarina possui um número de empresas inferior ao Rio de Janeiro (12 mil), no entanto, em termos de faturamento, o Estado possui um valor de R\$ 7 bilhões maior. Enquanto o faturamento catarinense totaliza R\$ 17,7 bilhões, o estado fluminense fatura R\$ 10,7 bilhões, mesmo com mais de o dobro de empresas que Santa Catarina. Essas observações demonstram a complexidade de um ecossistema de inovação e suas particularidades específicas.

A comparação dos dados referentes ao Rio de Janeiro em relação à Santa Catarina demonstra a necessidade de compreender os fenômenos que levam a tais resultados. A região Sudeste possui São Paulo como líder em faturamento e tamanho, porém Rio de Janeiro e Minas gerais não tem tamanho desempenho e perdem posição para regiões do Sul que crescem cada vez mais.

Ainda a respeito do documento ACATE Tech Report, o Setor de tecnologia de Santa Catarina ultrapassou Minas Gerais e o Rio de Janeiro, tornando-se o 4º maior polo de tecnologia do país, em termos de faturamento, atrás apenas de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. O setor alcançou um número superior a R\$ 17,7 bilhões de faturamento, representando 5,9% do PIB catarinense. Nesse âmbito, a produtividade das empresas de tecnologia do Brasil atesta a eficiência de Santa Catarina. Ademais, a receita das empresas catarinenses por trabalhador é de aproximadamente R\$80 mil, sendo assim, a segunda maior do Brasil.

Nesse sentido, tendo alcançado o número de 12.138 empresas e um crescimento de 7,7% em 2019, o ecossistema de tecnologia Catarinense é o sexto maior do país em número de empresas, ao passo que Florianópolis tem a maior densidade de empresas por mil habitantes. Ademais, com 56,5 mil colaboradores, Santa Catarina progrediu uma posição alcançando a 3º maior colocação de Estado no setor de tecnologia, ainda que seja o 10º estado mais populoso do país. Ademais, em 2019, o setor de tecnologia catarinense gerou 3,4 mil novas vagas de trabalho e região de Grande Florianópolis foi a líder do estado, com cerca de mil vagas abertas.

O Ecossistema de Inovação Catarinense se mostra como referência em âmbito nacional. Visto que os atores inseridos em tal ecossistema estão em um contexto de interação, torna-se necessário elucidar importantes instituições catarinenses que junto com a ACATE atuam em prol da inovação e do desenvolvimento.

2.1.1 Fundação CERTI

De início, é válido citar a Fundação CERTI, que é uma organização de pesquisa, desenvolvimento e serviços tecnológicos especializados com o objetivo de propor soluções inovadoras para a iniciativa privada, indústria e terceiro setor. Essa se configura como uma instituição independente sem fins lucrativos.

A Fundação CERTI tem sua origem no ano de 1984, demarcando mais de 30 anos de experiência acumulada na área da Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil. Essa presta serviços e desenvolve produtos, sistemas e processos, dessa maneira, aliando competências em áreas-foco estruturadas por meio de seus Centros de Referência em Tecnologias Inovadoras, evidenciando um trabalho de cooperação com entidades parceiras no país e no exterior. (CERTI, 2020).

Dessa maneira, a missão da Fundação CERTI consiste em desenvolver soluções em inovação e tecnologia a fim de promover a competitividade e relevância dos clientes e parceiros. Ademais, a visão da instituição consiste em ser a 1ª ou 2ª melhor ICTI em sua área de atuação com o objetivo de promover a competitividade e relevância de empresas líderes, órgãos inovadores, sejam da sociedade ou do governo, além das *startups* com alto potencial de crescimento.

A CERTI Fundação Centros de Referência em Tecnologias Inovadoras foi inaugurada em 31 de outubro de 1984, em Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina. Essa se originou das atividades do Labmetro (Laboratório de Metrologia do Departamento de Engenharia Mecânica da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina). Empresas privadas e públicas, além de órgãos dos governos federal e estadual já estiveram presentes dentro da constituição da entidade. A CERTI é administrada por uma Superintendência e por Conselhos. (CERTI, 2020).

Em um contexto onde o Brasil demandava expressivos saltos de qualidade, além de desenvolvimento de *Know how* único e inovador, especialmente na área da informática e das tecnologias de ponta, em particular a automação industrial, a criação da Fundação CERTI se mostrou imprescindível para impulsionar tais áreas.

Desde 1990, a Fundação atua em instalações próprias, no Campus da UFSC, bairro Trindade, em Florianópolis. Ademais, a fim de favorecer o acesso às demandas do mercado nacional, a CERTI estabeleceu também Institutos Tecnológicos em Manaus e em Brasília. Nas primeiras duas décadas de existência, a atuação da fundação foi ampliada para novas ramificações de atividade tecnológica, tornando-se referência em âmbito nacional e internacional por seus projetos, serviços e empreendimento. Atualmente, a Fundação CERTI é composta por sete Centros de Referência, que atuam com foco em reconhecidas Competências geradoras de soluções tecnológicas inovadoras para a sociedade e o mercado brasileiro.

2.1.2 Universidades

Nesse sentido, a academia merece destaque como um importante ator no ecossistema catarinense. Duas instituições ganham destaque na análise: a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). A primeira reside em Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina e foi fundada em 1960 com o intuito da promoção do ensino, pesquisa e extensão. Em sua comunidade há cerca de 70 mil indivíduos, sendo esses docentes, técnicos-administrativos em Educação, além de estudantes do ensino fundamental à cursos de pós-graduação. A instituição possui mais de 5600 servidores, onde dentre estes, cerca de 2650 exercem a função de professores. (UFSC, 2020).

A UFSC é uma instituição gratuita e pública e possui 5 campus: Araranguá, Blumenau, Curitibanos, Florianópolis e Joinville. Segundo o ranking internacional de universidades do Times Higher Education, a UFSC é a instituição brasileira de ensino superior melhor colocada no critério ‘citações’. Ademais, o Ranking Universitário Folha (RUF) demarca a instituição como a 7ª melhor do país em uma pesquisa realizada em 2019 com 197 outras instituições públicas e privadas. No âmbito das federais esta alcançou a 4ª posição e a 2ª da região Sul.

20 anos após sua inauguração, o foco da instituição passa a ser direcionado ao investimento na expansão da pós-graduação e pesquisa, também auxiliando a criação de centros tecnológicos no Estado e atuando no desenvolvimento de projetos de extensão em prol da sociedade. Ademais, a UFSC possui cerca de 30 mil estudantes divididos em 107 cursos de graduação presenciais e 13 de educação a distância. No âmbito da pós-graduação, são mais de 7,5 mil vagas para cursos *stricto sensu* subdivididos em 65 mestrados acadêmicos, 21 mestrados profissionais e, 56 cursos de doutorado.

Ainda no âmbito acadêmico, a segunda entidade que demonstra destaque é a UDESC. Esta foi criada em 1965 e na época era chamada Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina. Em termos de estrutura, a UDESC possui 12 unidades distribuídas em nove cidades do Estado de Santa Catarina, demarcando cerca de 15 mil alunos e 59 cursos de graduação, além de 48 mestrados e doutorados. (UDESC, 2020).

A UDESC consolidou um modelo de perfil socioeconômico e cultural de acordo com as regiões onde está inserida, nesse sentido, os cursos oferecidos remetem a área de saúde, tecnologia, educação, arte e socioeconômicas. Nesse âmbito, o Campus I reside em Florianópolis e seus cursos são direcionados à educação e ao terceiro setor da economia, visto que a região possui tais atividades, predominantemente. O Campus II está localizado em Joinville e São Bento Sul e a prioridade dos cursos está na área do setor industrial, como engenharias e informática.

No Campus III, em Lages, o foco reside na agropecuária, destacando cursos como Medicina Veterinária e Agronomia. O Campus IV, no Oeste, a oferta de cursos está direcionada às áreas de Enfermagem, Engenharia de Alimentos e Zootecnia. No Campus V, em Ibirama e Balneário Camboriú, Engenharia de Software, Administração Pública e Engenharia de Petróleo são os cursos oferecidos. Por fim, o Campus VI, em Laguna, oferta os cursos de Engenharia de Pesca, Ciências Biológicas e Arquitetura e Urbanismo.

2.1.3 Sebrae

Outra instituição importante para o Ecosistema Catarinense de Inovação é o Serviço de Apoio às Micro e pequenas empresas (Sebrae). O Sebrae é uma entidade civil sem fins lucrativos que foi instituído como um serviço social anônimo, presente em todos os estados e criados pela lei 8.029 e 8.154/90. (SEBRAE, 2020).

O Sistema Sebrae se sustenta através da iniciativa privada, por via do recolhimento compulsório na Guia de Recolhimento da Previdência Social (GRPS). Tal recolhimento sobre os salários de contribuição varia entre 0,3% a 0,6% conforme o ramo de atividade da empresa, podendo ainda ser isenta.

A instituição tem origem em 1972 e tem a missão de “promover a competitividade e o desenvolvimento sustentável dos pequenos negócios e fomentar o empreendedorismo para fortalecer a economia de Santa Catarina”. A visão da entidade consiste em transformar a sociedade, reduzindo desigualdades através do empreendedorismo, já em relação aos seus

valores, estão inclusos: Ética; cooperação; confiança; inovação e compromisso. (SEBRAE, 2020).

Para alcançar tais objetivos, a Sebrae promove cursos de capacitação, facilita o acesso a serviços financeiros, estimula a cooperação entre empresas, além de organizar feiras e rodadas de negócios a fim de incentivar o desenvolvimento de atividades que contribuam para a geração de emprego e renda.

2.1.4 Fiesc

Mais um ator de extrema importância no ecossistema catarinense, a FIESC (Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina, foi fundada em 1950 e tem o objetivo de promover o ambiente favorável aos negócios, agindo em favor da qualidade de vida e educação do trabalhador, e ainda, estimular a inovação. Ademais, a instituição, juntamente com o Centro das Indústrias do Estado de Santa Catarina (CIESC), o Serviço Social da Indústria (SESI-SC), o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI-SC) e o Instituto Euvaldo Lodi (IEL-SC) atua em articulação com a Confederação Nacional da Indústria (CNI) e com 141 sindicatos industriais filiados. (FIESC, 2020).

A FIESC age em prol do desenvolvimento da indústria, além de reduzir e simplificar impostos e burocracias, reduzir riscos, e criar melhores condições de transporte e mais segurança jurídica para investir e produzir. Para realizar tais feitos, a instituição tem o apoio de 23 câmaras setoriais e especializadas articulando, juntamente com o setor público, a adequação de leis e normas em diversas áreas, tais quais a ambiental, trabalhista e tributária. (FIESC, 2020)

A entidade também possui determinados programas, como por exemplo, o SESI e SENAI, de ações inclusivas, que atuam em benefício das pessoas cujo acesso ao emprego sofre limitações. Também pode-se citar o Portal da Inclusão, que conecta indivíduos com deficiência em busca de trabalho com empresas aptas a contratação dos mesmos.

2.1.5 Senai

Nesse âmbito, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) tem o propósito de estimular a inovação industrial através da educação, pesquisa aplicada e serviços técnicos e tecnológicos que se mostram imprescindíveis para fins de competitividade das empresas em ambos Santa Catarina e Brasil. O SENAI representa um dos maiores complexos

de educação profissional do mundo, sendo o maior da América Latina. A entidade é reconhecida como modelo de educação profissional e pela qualidade geral dos serviços, que se mostram focados em aspectos inovadores para formar trabalhadores qualificados para o desenvolvimento da indústria. (SENAI-SC, 2020).

Serviços de inovação social através de pesquisa, desenvolvimento e inovação; consultorias nas áreas de gestão empresarial, processo produtivo e segurança do trabalho; e serviços especializados de natureza técnica estão entre ações que o SENAI realiza, ademais, O SENAI Santa Catarina possui a maior rede de laboratórios de metrologia do Estado. Estes são especializados e conceituados em alto grau contabilizando um total de 11 laboratórios que atendem as áreas de alimentos e bebidas. Construção civil, meio ambiente, madeira e mobiliário, entre outros. O SENAI-SC possui 67 unidades fixas, totalizando um atendimento por meio de consultoria, educação, ações e serviços técnicos e tecnológicos para cerca de 80% dos municípios do estado, ademais, são 6 unidades de Instituto SENAI de Tecnologia; 3 do Instituto SENAI de Inovação; 52 unidades de Centro de formação profissional e por fim, 6 de atuação conjunta. (SENAI,2020).

2.1.6 Fapesc

Por fim, antes de dirigir-se à instituição tema do trabalho, a fim de elucidar de melhor maneira o Ecossistema Catarinense de Inovação, também é de extrema importância citar o FAPESC (Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina), que é um órgão do governo estadual que repassa recursos públicos para a execução de atividades relacionadas a pesquisa, inovação, capacitação de recursos humanos, além da difusão do conhecimento através de eventos, livros, entre outros. Tal apoio financeiro se dá através de editais de chamadas públicas. (FAPESC, 2020).

O orçamento da FAPESC é complementado mediante parcerias federais com o CNPq, CAPES, FINEP e o Ministério da Saúde, além das internacionais, principalmente as firmadas por meio da CONFAP (Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa).

A Fundação da instituição remete ao ano de 1990 quando foi instituído o Fundo Rotativo de Fomento à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (Funcitec). Esse era um fundo contábil com diretrizes estabelecidas pelo Conselho de Política Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina. O nome FAPESC surgiu em 2005 com a sanção da

Lei Complementar nº 284, que transformou a Funcitec em Fundação de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (Fapesc). Seis anos depois, com a Lei Complementar nº 534, de 20 de abril de 2011, surgiu a denominação utilizada até os dias atuais: Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina, incorporando a Inovação entre os programas fomentados pela FAPESC. (FAPESC, 2020).

A missão da FAPESC consiste em promover o Ecossistema catarinense de Ciência, Tecnologia e Inovação através do fomento e integração entre agentes, com o objetivo de avanço em todas as áreas do conhecimento, o equilíbrio regional, além do desenvolvimento econômico sustentável e a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos catarinenses. Já a visão da instituição constitui-se em tornar referência nacional como instituição promotora do desenvolvimento do ecossistema de Ciência, Tecnologia e inovação. Por fim, entre seus valores estão inclusos: Transparência, Inovação, Meritocracia, Ética, Eficiência e Eficácia, Gestão Participativa, Comprometimento. (FAPESC, 2020).

2.2 ACATE COMO INSTITUIÇÃO

Em primeira instância, o foco da pesquisa se direciona a uma instituição em específico: a Associação Catarinense de Empresas de Telemática e Eletrônica (ACATE), que mais tarde passa a ser chamada de Associação Catarinense de Tecnologia. A ACATE é uma das principais representantes do empreendedorismo inovador em Santa Catarina. Esta foi inaugurada em 1986 em Grande Florianópolis e é uma associação privada sem fins lucrativos que foi criada com o objetivo de fortalecer o setor da área tecnológica, além de apoiar o surgimento de novos negócios. A missão da instituição consiste em apoiar o ecossistema local, das *startups* às empresas de grande porte – *corporates* - gerando conexões com o objetivo de fortalecer o setor de tecnologia no estado. (ACATE, 2019).

A ACATE representa, atualmente, mais de 1200 associados em 13 polos de inovação e tecnologia de Santa Catarina, também gerencia uma rede de Centros de Inovação em Florianópolis e possui escritórios em outras regiões, como São Paulo e Boston (EUA). Em outras palavras, a ACATE é uma rede de suporte e capacitação aos empreendedores. Esta possui uma incubadora, a MIDITEC, criada há cerca de 20 anos, que foi escolhida como uma das 5 melhores do mundo pela UBI Global no ano de 2019. (ACATE, 2019).

A história de origem da ACATE remete ao ano de 1986, quando um grupo de empreendedores hegemônicos na área de tecnologia na Grande Florianópolis uniu-se com o objetivo de realizar um projeto para fortalecer o setor e apoiar a criação novos negócios. Em

primeira instância, origina-se a Associação Catarinense de Tecnologia, em um modelo de condomínio de empresas, que devido à sua proximidade, seria capaz de trocar experiências e oportunidades, gerando assim um ecossistema de inovação factível. (ACATE, 2020).

O surgimento de tal associação permitiu novos empreendedores e profissionais que já atuavam em outros setores, a criar empresas próprias, gerando assim um novo polo de tecnologia. Nesse sentido, em 1998, foi criada a incubadora MIDITEC, com recursos do Sebrae Santa Catarina e gerida pela ACATE. Ao longo destas duas décadas de atuação, a incubadora ajudou a criar mais de 100 empresas e foi eleita diversas vezes a melhor do país segundo a ANPROTEC.

A partir dos anos 2000, a entidade começou ganhar força com o crescimento do setor de tecnologia no estado e o surgimento de uma nova geração de empreendedores. Um notável marco na história da ACATE foi a criação das Verticais de Negócio, um modelo inovador que conecta empresas do mesmo segmento e promove integração, parcerias e novos projetos por meio de clusters de determinado segmento de mercado.

Ademais, a Associação também foi responsável pela idealização de projetos como o Geração Tec, que possui o objetivo de formar mão de obra qualificada no setor de TI, além do Juro Zero Empreendedor que auxiliou o poder público na Capital catarinense a desenvolver umas das primeiras Leis de Inovação do país. (ACATE, 2020).

Em 2015, a inauguração do Centro de Inovação Acate Primavera demarca a criação de um ambiente que atua com o objetivo da união de empresas de diversos portes, fator este que proporcionou a geração de eventos e novos projetos para a Associação, como o LinkLab (laboratório mantido por grandes empresas interessadas na conexão com *startups*), a Rede de Investidores Anjo, os grupos temáticos (Internacionalização, Mulheres ACATE, Investimentos, etc.) e o Observatório ACATE, que apresenta um panorama completo do setor de TI em Santa Catarina, entre outras iniciativas.

Em termos de estrutura, os 5 centros de inovação são os seguintes: Primavera; Downtown; Soho; Sapiens Parque e São José. O centro de inovação ACATE Primavera (CIA PRIMAVERA) está localizado na SC-401, Km 4, no bairro Saco Grande em Florianópolis. Neste habitat de inovação reside a sede da ACATE e algumas dezenas de empresas de tecnologia associadas, além de outros atores importantes, como a incubadora MIDITEC, o LinkLab, uma aceleradora, um espaço de *coworking*, um fundo de investimento, locais para eventos, além de uma infraestrutura de bares, restaurantes e empreendimentos de suporte aos trabalhadores do local. (ACATE, 2019).

Já o centro de inovação ACATE Downtown está localizado na área central, em uma das principais ruas da capital, próximo a restaurantes, bares e comércio, impulsionando a criatividade e a geração de novas ideias e negócios. Já o Centro de Inovação SOHO foi criado com base em três pilares: a Inovação, o Compartilhamento e a Evolução. Esse configura-se como um espaço para empreendedores, estudantes, incubadoras, *startups* e iniciativas tecnológicas que tenham o propósito de modificar o mundo por meio da inovação. A escolha do nome é incerta, podendo ser explicada através de 3 motivos: aos contemporâneos bairros em Londres, New York ou Bueno; a sonda espacial lançada pela NASA em 1995 para estudar o Sol; ou a união de duas realidades bem comuns dos empreendedores e *startups* como o “*Small Office*” e o “*Home Office*”. (ACATE, 2020).

O Centro CIA Sapiens está localizado no norte da ilha, próximo às praias de Jurerê, Canasvieiras e Cachoeira do Bom Jesus, o centro de inovação ACATE Sapiens insere-se dentro do maior parque de inovação do Brasil, o Sapiens Parque. O espaço possui uma ampla infraestrutura, oportuno para empreendedores e realização de eventos. Ademais, o parque conta com uma unidade da ACATE (com espaço para instalação de *startups* e times de inovação), uma unidade ACIF de apoio ao empreendedor. Tal centro também abriga o programa StartLab, voltado para a criação e o desenvolvimento de novas *startups*.

Em relação aos polos regionais, têm-se um total de 9, onde cada um destes possui focos de atuação distintos: CITI, Brusque; NUTIC, Itajaí; NIAVI/ACIRS, Rio do Sul; SOFTVILLE, Joinville; Instituto ORION, Lages; DEATEC, Chapecó; BLUSOFT, Blumenau; ACIT, Tubarão e por fim, ACIC, Criciúma.

O CITI (Centro de Incubação, Tecnologia e Inovação) localizado em Brusque, no litoral norte de Santa Catarina, é uma associação civil sem fins lucrativos, de direito privado, estabelecida com a missão de promover o Empreendedorismo Inovador, incentivando a transformação do conhecimento em produtos e serviços de valor agregado para o mercado. O NUTIC (Núcleo de Tecnologia da Informação e Comunicação) também se localiza no litoral norte. Este foi fundado em 2006 pela Associação Comercial e Industrial de Itajaí e tem como objetivo fortalecer o associativismo entre as empresas de tecnologia. Atuando como parceiro da ACATE na região, o Núcleo promove o desenvolvimento do setor e fomenta debates entre a comunidade empreendedora.

Em seguida, pode-se citar o NIAVI/ACIRS (Núcleo de Informática da Associação Comercial e Industrial de Rio do Sul). Este é localizado no Vale do Itajaí, local que conta com 26,8% das empresas de tecnologia do estado e representa 22% do faturamento do setor. De acordo com o Observatório ACATE, a região possui 3,3 mil empresas que geram mais de

10,3 mil funcionários, faturando aproximadamente R\$ 3,4 bilhões/ano. O SOFTVILLE (Incubadora e Capacitadora) está localizado na maior cidade de Santa Catarina, cupando o sétimo lugar entre os principais polos de tecnologia do Brasil com relação ao faturamento médio das empresas do setor. A vocação empreendedora e industrial de Joinville tem se transformado com a ascensão do setor de tecnologia nos últimos anos e o surgimento de programas, eventos e diversas *startups*. (ACATE, 2019).

O ORION configura um Parque Tecnológico localizado na Serra Catarinense, que conta com 2,7% do total de empresas e 3,1% do faturamento do setor de tecnologia. Segundo dados do Observatório ACATE, isso representa 333 empresas, que geram mais de 3 mil empregos e um faturamento anual estimado em R\$ 500 milhões. Sede do primeiro Centro de Inovação inaugurado pelo governo do estado, a cidade de Lages concentra diversas empresas de tecnologia na Serra catarinense e o trabalho de entidades como o Instituto Orion (ACATE, 2019).

O DEATEC (Associação Pólo Tecnológico do Oeste Catarinense) se localiza em uma área onde este já é responsável por 10% do total de empresas de TI e de 8,1% do faturamento do setor, aponta o Observatório ACATE. A região conta com mais de 1,2 mil empresas, que geram 4,7 mil empregos diretos e uma receita anual de R\$ 850 milhões. Ademais, o BLUSOFT (Polo Tecnológico de Informação e Comunicação da Região de Blumenau) localiza-se na principal cidade do Vale do Itajaí, Blumenau, que ocupa o quinto lugar entre os maiores polos de tecnologia do Brasil no índice de faturamento por empresa de tecnologia. O Vale do Itajaí é o polo pioneiro do setor de tecnologia em Santa Catarina. Existe aproximadamente 50 anos desde a criação do Centro Eletrônico da Indústria Têxtil (CETIL), referência no desenvolvimento de sistemas e berço de gerações de empreendedores. (ACATE, 2019).

Por fim, pode-se citar os dois últimos polos regionais associados a ACATE: o ACIT (Núcleo de Base Tecnológica da Associação Empresarial de Tubarão) e o ACIC (Núcleo de Base Tecnológica da Associação Empresarial de Criciúma). Ambos estão localizados no sul de Santa Catarina, onde cerca de 950 empresas e mais de 3 mil colaboradores no setor somam R\$ 855 milhões em faturamento por ano, além disso, nessa região estão 7,7% do total de empresas de tecnologia, que representam 5,5% do faturamento do setor. Em média, as empresas associadas à ACATE na região faturam R\$ 11,6 milhões/ano, conforme o estudo Observatório ACATE. Ademais, o ACIC, em Criciúma, maior cidade da região, tem apostado na integração entre suas principais vocações econômicas (cerâmica e mineração de carvão) e o apoio aos novos negócios inovadores. (ACATE, 2020).

Diante disso, a ACATE, além de uma entidade associativa, configura-se como uma rede de suporte, capacitação e inspiração aos empreendedores. Em relação aos Grupos Temáticos, são discutidas e propostas soluções para demandas de empresas, profissionais e demais participantes do ecossistema de tecnologia.

Outros programas que valem citação são o LinkLab, que é o primeiro laboratório aberto de inovação do estado com o objetivo de viabilizar a interação entre grandes empresas e *startups*. A Rede de Investidores Anjo (RIA SC) que tem o objetivo de conectar investidores com empresas inseridas no contexto da inovação, além de reduzir os riscos envolvidos para estes investidores através de um *deal flow* qualificado, consultorias, entre outros. (ACATE, 2020).

A ACATE tem participação ativa junto ao poder público na busca por soluções e projetos que qualifiquem o ambiente empreendedor e de negócios em Santa Catarina. A instituição possui parceria com várias entidades que atuam com o mesmo propósito, apoiando eventos e iniciativas que valorizem o setor de tecnologia do Estado.

A área de atuação da ACATE possui um alcance amplo, pode-se citar que a instituição atua diretamente em: Agronegócio; Área Contábil; Área Jurídica; Automação Comercial; Aviação; Bancos e Financeiras; Educação; Energia; Engenharia e Construção; Entretenimento; Equipamentos; Eletrônicos/Elétricos; Gestão Empresarial; Governança Corporativa; Governo; Eletrônico; Indústria; Infraestrutura de Hardware e Redes; Internet e Serviços; Jogo; Mídia; Negócios Eletrônicos; Saúde; Segurança da Informação; Socioambiental; Software Embarcado; Software Outsourcing; Telecomunicações. (ACATE, 2019).

De acordo com o relatório de atividades da ACATE no ano de 2019, a instituição demonstrou sucesso em diversos aspectos: parcerias; prêmios conquistados; novos projetos de expansão de atuação e mais de 300 novas empresas associadas à ACATE. Além disso, Santa Catarina se configurou como o primeiro estado em produtividade e densidade de *startups*, contando com mais de 15,7 mil empreendedores e mais de 11 mil empresas, que empregam 51,8 mil trabalhadores.

No âmbito das parcerias, duas merecem destaque na análise: Inovabra Habitat e CTG Brasil. A primeira representa o braço de inovação do Banco Bradesco ao passo que a segunda, uma multinacional chinesa do setor de energia. Com o Inovabra, a parceria envolve a aproximação de ambos os ecossistemas de inovação, a divulgação de desafios das *corporates* do Inovabra às *startups* associadas e a promoção conjunta de eventos. Com a CTG, o

destaque vai para o desenvolvimento do Digital Innovation Lab, projeto voltado a fomentar a inovação e a transformação digital dos negócios da geradora.

Durante sua trajetória a ACATE recebeu diversos prêmios, no entanto, no ano de 2019 a ênfase se dá no reconhecimento da MIDITEC entre as cinco melhores incubadoras do mundo, pelo segundo ano consecutivo, pelo UBI Global. A incubadora foi a única de toda a América Latina com destaque entre as 5 primeiras na categoria incubadora privada. A ACATE também ganhou, pelo segundo ano consecutivo, o prêmio de melhor hub de inovação do Brasil pelo *Startup Awards*, da Associação Brasileira de Startups (ABStartups). (ACATE, 2019).

Dois casos relevantes para citação em relação a atuação da ACATE podem ser expostos. Primeiramente, a atuação da instituição a favor da redução da alíquota de ISS sobre os serviços referentes a tecnologia para o piso constitucional de 2%. Por fim o observatório ACATE 2019 revela que a autorização para a criação do Fundo Garantidor ACATE (FGA) pode gerar garantias de até R\$ 40 milhões para empresas que desejarem captar recursos junto a instituições financeiras. (TECHREPORTSC, 2019).

2.2.1 StartLab

O StartLab é o programa da ACATE voltado para a criação e o desenvolvimento de novas *startups* e impulsionamento de negócios. Este é localizado no CIA Sapiens Parque e conta com um ambiente inspirador e dinâmico, proporcionando aos participantes do programa a imersão em um habitat de inovação com toda infraestrutura para desenvolvimento de seus negócios e projetos. O Programa StartLab teve início em setembro de 2019 e é composto por duas modalidades: Start e Connection.

- I. Start: voltada às *startups* em estágio inicial (fase de ideação/validação), com foco na criação, estruturação e validação de seu negócio para impulsionar a conquista de mercado. Esta conta com metodologia própria – uma trilha de boas práticas, percorrendo pontos importantes para o progresso da *startup* e do empreendedor, além de contar com o acompanhamento da equipe do StartLab, o acesso à Rede de Mentores ACATE, a conexão com os demais Programas Estratégicos da ACATE e o acesso à eventos de networking e capacitação. (ACATE, 2019).

- II. Connection: voltado aos Times de Inovação de empresas associadas consolidadas para desenvolverem seus projetos em um habitat de inovação. As empresas participantes devem ser associadas à ACATE e ter receita bruta anual acima de R\$ 4,8 milhões/ano. O objetivo principal é impulsionar o pensamento criativo por meio da imersão dos colaboradores em um habitat de inovação, promovendo a conexão com o ecossistema. Também conta com o acompanhamento da equipe do StartLab, a oportunidade de atuar como protagonista do ecossistema para ganhar visibilidade e o acesso à eventos de networking e capacitação. (ACATE, 2019).

Em síntese, a modalidade Start tem o objetivo de desenvolver *startups* em estágio inicial de validação para seu impulsionamento no mercado e a modalidade Connection visa desenvolver times de inovação de empresas já consolidadas, conectando-os com empresas associadas. (ACATE, 2019).

Dessa maneira, a seleção das *startups* se dá através da prospecção via marketing digital: os leads são captados a partir de uma *landing page* e recebem um formulário para realizar a inscrição. Neste formulário, informações a respeito da avaliação do perfil e da maturidade da *startup* são captadas, e aquelas que se enquadram nos pré requisitos (ideia em processo de validação; equipe qualificada e faturamento de até 60 mil) são convocadas para uma entrevista junto à equipe do StartLab. (ACATE, 2019).

Tal entrevista tem o objetivo de analisar a maturidade da ideia, além da jornada dos empreendedores e da *startup*. Nesse sentido, sendo identificado que a *startup* possui potencial e disponibilidade para adentrar ao programa, ela é encaminhada para a Gerência dos programas estratégicos da ACATE, o que valida o histórico dessa e finalmente define se esta está apta ou não para ingressar no programa.

De setembro a dezembro de 2019, oito *startups* foram conectadas ao Programa Start (Fluid, Gestaum, LotsApp, Ritmo do Esporte, Certul, Fazenda Cheia, Ekko e TechXBIM) e duas empresas ao Programa Connection (Vibe e Lince). Ambas modalidades são presenciais, têm duração de até 12 meses e são restritas para empresas associadas à ACATE. Na modalidade Start, a ACATE isentará a taxa de associação durante o período de participação no programa.

A metodologia do StartLab tem base nas literaturas “Disciplined Entrepreneurship”, de Bill Aulet, “Customer Development”, de Steve Blank, e “Lean Startup”, de Eric Ries. Esta metodologia envolve capacitar o desenvolvimento das *startups* através de testes e ciclos de

aprendizado, sendo composta por três fases e três pilares, sendo esses, respectivamente: descoberta; validação e geração de demanda e mercado; solução e empreendedor.

Durante o programa, um dashboard é utilizado a fim de registrar todas as entregas e evolução das *startups* ao longo do programa. Tais informações dão suporte para desenvolver e validar a *startup*, além de seu impulsionamento perante o mercado. Após a aprovação da *startup*, ela passa pelo *onboarding* e pelo diagnóstico. No *onboarding*, essa é apresentada à dinâmica e a metodologia do programa e também a outras *startups* participantes. Já no diagnóstico, o estágio de desenvolvimento da startup dentro da metodologia do programa é avaliado para que seja dado o devido direcionamento. (ACATE, 2019).

Por fim, ao longo do programa são feitos check-ins a cada 15 dias para avaliação da *startup* desde sua entrada à saída do programa, além de um acompanhamento das OKRs² traçadas e os KPIs³ como faturamento, equipe e número de clientes.

2.2.2 Verticais de negócios

São clusters formados por empresas de tecnologia associadas que atuam em um mesmo segmento de mercado, tais como Saúde, Educação, Segurança, Construção, entre outras. O modelo tem o objetivo de criar um estímulo para que os empreendedores venham a se conhecer, trocar experiências e buscar o desenvolvimento conjunto. Criadas em 2009, as Verticais de Negócios representam crescimento e geração de novos projetos com o passar do tempo.

Tais propósitos geraram o programa que conta com 13 verticais, nas áreas de Agronegócios, Conectividade & Cloud, Construtech, Educação, Energia, Fintech, Games, Governança & Sustentabilidade, IoT, Manufatura, Segurança, Saúde e Varejo. Através de reuniões periódicas, os associados tem participação em grupos respectivos com sua área de atuação, debatendo problemas e necessidades dos mercados, também desenvolvendo eventos e projetos com tal foco.

Todos os meses a entidade promove o *Vertical Meeting*, eventos organizados pelas próprias verticais. Esses trazem convidados e definem temas mais importantes a serem

² O acrônimo OKR significa Objetivos e Resultados chave (Objective and Key Results). O objetivo tem caráter qualitativo e os resultados chave, quantitativo. (WODTKE, 2016).

³ Os indicadores Chave de desempenho (Key Performance Indicator) refletem os objetivos de um projeto e provê meios de mensurar e administrar o progresso de caminho ao objetivo e ampliação do aprendizado e aprimoramento. (ALWAER; CLEMENTS-CROOME, 2010).

debatidos pelos seus mercados. Qualquer empresa associada pode participar da Vertical que representa sua área de atuação.

Nesse sentido, o Programa Verticais de Negócios tem o objetivo de reunir empresas associadas e parceiras da ACATE a partir dos segmentos de mercado em que essas atuam. Quando em cooperação, estas empresas desenvolvem diversas iniciativas com o fim de gerar novas oportunidades de negócios para seus participantes e impactar de maneira positiva o mercado pelo uso da tecnologia e de modelos de negócios com teor inovador.

O relatório de atividades de ACATE de 2019 elucida que este ano trouxe duas mudanças principais acerca dos segmentos atendidos, sendo estes a criação da Vertical Varejo, em março, com o intuito de reunir players de tecnologia voltados para o setor atacadista e varejista; e a mudança de direcionamento da Vertical Games, passando a ser denominada pelo nome de Vertical Economia Criativa, fator este que permite uma ampliação de segmentos.

Em síntese, o principal pilar do programa é a interação entre empresários com o suporte da equipe de gestão de Associação. Nesse sentido, o suporte da equipe de gestão da associação permite a realização de projetos, eventos e interação de troca de conhecimentos e experiências, além de articulações de parcerias e outras iniciativas. Esse processo permite trazer para a empresa diversos diferenciais de mercado, facilitando assim, o processo final da entrega de determinado produto para a sociedade a partir de negócios com maior nível de rentabilidade e sustentabilidade.

2.2.3 Miditec

A incubadora MIDITEC possui grande prestígio no Brasil, esta foi eleita em 2018 como uma das cinco melhores do mundo no ranking do UBI Global. Ela é gerenciada pela ACATE e mantida pelo Sebrae/SC e auxilia empreendedores por duas décadas no desenvolvimento de negócios inovadores obtendo um número superior a 100 graduadas, que representam cerca de 15% das empresas de tecnologia da Grande Florianópolis.

O MIDITEC tem como objetivo formar empreendedores e, a partir disso, desenvolver negócios conscientes e de alto impacto. Além da infraestrutura, o MIDITEC oferece consultorias em mais de 10 áreas (finanças, jurídico, investimentos e capital de risco, entre outras) para apoio no desenvolvimento dos novos negócios e se destaca pelo ambiente inovador e colaborativo que propicia conexões e networking com mentores e empreendedores

de sucesso, além de proporcionar às empresas incubadas os mesmos benefícios das empresas associadas. (ACATE, 2019).

Os empreendedores também têm acesso a programas de excelência focados na gestão estratégica (PGE), comercial (PAC) e no desenvolvimento do empreendedor (PDE). Mais de 110 empresas já participaram do programa de incubação MIDITEC, entre elas Pixeon, Resultados Digitais, Ahgora, Arvus, JExperts, Knewin, entre outras empresas de sucesso que estão continuamente impactando o mercado.

Ao longo de duas décadas já graduou mais de 100 *startups* e ajudou a formar quase 15% das empresas de tecnologia de Santa Catarina – algumas delas são referências internacionais em inovação e geram centenas de empregos. Somente nos últimos cinco anos, as egressas do MIDITEC somaram um faturamento superior a R\$ 1 bilhão.

Em 2019, o MIDITEC encerrou o ano com 133 negócios vinculados, sendo 15 desses, ativos no programa de incubação. Este programa se divide em duas modalidades: dez *startups* na modalidade residente e cinco *startups* na modalidade não residente. Das 118 empresas graduadas que o MIDITEC apoiou ao longo de seus 21 anos de trajetória, 82% estão com CNPJ ativo. No entanto, ao analisar apenas as empresas graduadas nos últimos cinco anos (2015 a 2019), que totalizam 45 negócios, 93% estão ativas hoje. Nesse sentido, em 2019 o MIDITEC gerou aproximadamente R\$ 394 milhões de faturamento; R\$ 229 milhões em exportações; R\$ 58 milhões de impostos pagos e 2.123 postos de trabalho. (ACATE, 2019).

Após a reformulação do modelo em 2018, quando uma nova metodologia foi desenvolvida em 2019, o foco direcionou-se a executar a metodologia com as empresas incubadas e validar na prática os diferenciais de tal modelo. Nesse âmbito, em 2019, as 15 empresas incubadas no programa de incubação MIDITEC já se enquadravam no novo modelo de incubação.

Nesse modelo, é efetuado um acompanhamento quinzenal de performance das empresas incubadas e uma banca semestral para as *startups*. Essa banca é denominada de Ramp-up Day e representa um rito de passagem de fase onde a empresa recebe uma nota de avaliadores de acordo com o seu desenvolvimento no último semestre. Ademais, em 2019 o MIDITEC utilizou o CoBlue e a Novare como ferramentas de suporte. O CoBlue configura um software de gestão com base na metodologia de OKRs, onde as principais empresas definem seu principal objetivo e alguns de seus resultados-chave para alcançá-los. Já a Novare é um sistema de acompanhamento de indicadores das *startups*, através deste eles atualizam os indicadores de negócios que se mostram relevantes para o acompanhamento da incubadora, como faturamento, número de clientes, entre outros.

Em relação às consultorias e treinamentos, ao longo da jornada de incubação, o MIDITEC oferece às *startups* capacitações e consultorias nas mais diversas áreas do negócio. No acompanhamento e monitoramento das incubadas, a equipe de gestão do programa identifica as demandas e busca promover treinamentos nas áreas demandadas, além de disponibilizar consultorias e mentorias para atendê-las. No ano de 2019, foram realizados 30 eventos de qualificação entre workshops, oficinas e palestras, que abordaram os eixos: gestão, capital, empreendedor, mercado e tecnologia.

O MIDITEC também se utiliza de 3 importantes programas como ferramenta: o PGE; PAC e PDE. O primeiro, Programa de Gestão Estratégica (PGE) tem como objetivo auxiliar os empreendedores incubados na definição das diretrizes estratégicas do negócio, desde a revisão do modelo de negócio até a definição dos OKRs anuais, gerando o plano de gestão apropriado estrategicamente para cada empreendimento. O monitoramento é feito por meio do acompanhamento dos OKRs, gerenciado pela CoBlue e atualizado na planilha de registro e acompanhamento dos planos estratégicos. Tal programa é executado através de um consultor credenciado da rede de consultores da própria incubadora e acompanhado pela gestão do MIDITEC.

O segundo item, o Programa de Alavancagem Comercial (PAC), tem como objetivo auxiliar os empreendedores durante a estruturação do processo comercial da empresa, contribuindo para definir as melhores estratégias e ações correspondentes a alavancagem da área comercial. Tal programa é realizado através de uma parceria com o SEBRAE/SC e executado pelo consultor da Semente Negócios, que fez parte da rede de consultores do MIDITEC. O programa é realizado anualmente e oferece consultorias para estruturação do processo comercial.

Por fim, o Programa de Desenvolvimento do Empreendedor (PDE) tem como objetivo oferecer ferramentas para que os empreendedores consigam traçar, de forma estruturada, estratégias para o autodesenvolvimento, alinhadas aos objetivos da companhia. Nesse âmbito, reuniões com consultores credenciados do MIDITEC são realizadas a fim de elaborar planos de desenvolvimento específicos para cada empresa incubada. Também são disponibilizados workshops relacionados ao tema da liderança e sessões de coaching subsidiadas em 30% para acompanhamento para um maior suporte ao PDE. A ferramenta utilizada para acompanhamento de cada PDE é a Aqto360, uma plataforma de gestão por competências e feedback usada para mapear habilidades e competências interpessoais (*softskills*). Nessa plataforma, cada empreendedor cria seu plano de desenvolvimento e seu plano de trabalho

que será monitorado pela consultora e também pela equipe de gestão do MIDITEC. (ACATE, 2019).

2.2.4 ACATE startups

O programa ACATE *Startups* é o espaço de conexão entre novos empreendedores e o ecossistema de tecnologia. Além do networking com os Embaixadores ACATE *Startups* – fundadores de *startups* que alcançaram sucesso e podem compartilhar suas experiências – o programa oferece um pacote de serviços e benefícios a quem está iniciando uma jornada empreendedora.

Em termos de requisitos, a ACATE estabelece que se determinada empresa faturou até R\$ 360 mil no ano anterior, tem até 15 funcionários e CNPJ criado a até três anos, é apta a fazer parte do ACATE Startups. Nesse sentido, o programa oferece: Contato com os demais Programas estratégicos e Grupos temáticos da ACATE: LinkLab, MIDITEC, StartLab, Verticais de Negócios, Mulheres ACATE, Internacionalização, Investimento, e RIA SC; Além de *Perks* e convênios: Benefícios que as *startups* recebem das instituições com parceria, com o objetivo de desonerar a aquisição de serviços básicos para o desenvolvimento de suas plataformas e aplicativos; oficinas e eventos de qualificação. Já no âmbito do Networking: potencialização das interações, formação de redes, transferência de conhecimentos e troca de experiências.

Em termos de benefícios, estes também chamados de “*perks*”, são destinados às *startups* associadas à ACATE, com o objetivo de auxílio na redução de custos para operacionalização da empresa, oferecendo descontos em diversas ferramentas. Em 2019, alguns dos benefícios foram renovados, além de novas parcerias, como com a Moskit e Zendesk. Os benefícios ativos do ACATE Startups são:

1. Pipedrive: é um CRM de vendas e software de gestão de funil. Na parceria, oferecem um free trial por 30 dias e um desconto de 50% por 12 meses.
2. Reev: é uma plataforma de outbound e sales engagement e oferece isenção na implementação da ferramenta, além de 10% de desconto na mensalidade.
3. AWS: é a plataforma de serviços de computação em nuvem da Amazon e oferece USD \$1.000,00 em créditos promocionais da AWS pelo período de 2 anos, um ano da AWS Business Support, acesso aos treinamentos AWS Technical e Business e 80 créditos para os Self-Paced Labs.

4. Google: oferece USD \$3.000,00 em Cloud e Firebase Credits. Hubspot: é uma ferramenta de Inbound Marketing que oferece até 90% de desconto em seus planos.
5. Moskit: é um CRM de vendas voltado para pequenas e médias empresas e oferece 20% de desconto na mensalidade do sistema.
6. Zendesk: plataforma para serviço de atendimento ao cliente hospedada na nuvem. São oferecidos USD \$218 em créditos por mês para 12 meses da Zendesk Suite e USD \$250 em créditos por mês para 12 meses no plano Sell Enterprise.

2.2.5 Linklab

Este é considerado o espaço de inovação aberta da ACATE responsável pela aproximação de grandes empresas a *startups*. O LinkLab tem o objetivo de estimular a experimentação, investimentos, negócios, acesso a mercados e networking nesse âmbito. Tal processo de aproximação entre as *startups* e *corporates* denota um benefício mútuo: De uma perspectiva, as *startups* aceleram o processo de inovação das *corporates* e, por outro lado, as *startups* recebem uma oportunidade de aproximação com o mercado em que atuam.

Em relação às *startups*, é realizada uma campanha de captação dessas a cada seis meses, especialmente para atrair aquelas com soluções dentro das áreas sugeridas pelas *corporates*. Em 2019, foram realizadas duas campanhas, uma em maio e outra em outubro. A equipe se mobilizou para fazer a divulgação e a execução dos eventos previstos, captando uma quantidade maior de *startups* do que nos outros meses do ano. Nesse sentido, somando os dois semestres os resultados revelam 147 *startups* inscritas; 42 *corporates* presentes no LinkLab Open Day; 550 participantes. (ACATE, 2019).

As grandes empresas envolvidas no LinkLab possuem como objetivo a inovação, podendo ser disruptiva ou incremental. Para auxílio e apoio no processo de inovação, o LinkLab facilita a conexão com *startups*, que dispõem de tecnologias e soluções inovadoras, com o ecossistema de Santa Catarina e com o espaço físico para que possam também introduzir seus colaboradores em um ambiente imerso no processo inovativo.

Em 2019, foram realizadas 43 reuniões com as *corporates* da Rede LinkLab, incluindo reuniões gerais e individuais. A gestão realiza reuniões de alinhamento em conjunto com todas as *corporates* para que possam fornecer à equipe LinkLab demandas de inovação, dificuldades e tecnologias de interesse. Esses encontros também promovem o networking e a geração de negócios entre as próprias *corporates* do programa. Já nas reuniões individuais, o foco reside em entender os processos únicos de cada *corporate* para que a equipe possa

auxiliá-los em cada etapa da inovação e para que o acompanhamento e conexão com a startup seja mais rápido e conciso. (ACATE, 2019).

Inaugurado em 2017, em um espaço de 640m² no Centro de Inovação ACATE Primavera, em Florianópolis, o LinkLab Primavera configura a primeira unidade do programa. O LinkLab é mantido por grandes empresas – líderes e referências em seus mercados, que vão da indústria, comércio e serviços – que apostam no poder da conexão e das ideias para gerar soluções e novos produtos, desde a indústria, ao comércio e serviços.

No ano de 2019 doze corporates integraram o LinkLab Primavera: o Grupo Nexxera (cofundador), Ambev, Engie, Cesusc, Flex, Brognoli, Teltec, Hippo, Realize, WEG, Marisol e o Governo do Estado de Santa Catarina. O processo de seleção é contínuo com uma banca realizando avaliações mensais dos novos inscritos e ajudando a conectar as *startups* aprovadas com as empresas que demandam soluções para seus mercados.

Em 2019 foram criadas duas novas unidades do LinkLab, sendo a primeira na unidade de São José, na Grande Florianópolis, com 82 posições de trabalho, duas salas de reunião e sete *corporates* (Dimas Concessionária, Havan, Koerich, Intelbras, Ostec, Unimed Grande Florianópolis e YouCast). Já a segunda, em Joinville, no Ágora Tech Park, possui dez *corporates* presentes na unidade: Arcelormittal, Porto de Itapoá, Cisa, Schulz, Tigre, FCDL, Whirlpool, Catarinense Pharma, WEG e Orbenk. (ACATE, 2019).

Dessa maneira, a atuação da ACATE e da Rede de LinkLabs é ampliada para toda Santa Catarina. Nesse sentido, as *startups* que adentraram ao programa registraram, em média, 118% de crescimento no faturamento, além de 163% de aumento na base de clientes. Atualmente, existem 31 *corporates* conectadas ao programa, além disso, o Governo do Estado de Santa Catarina passou a integrar o LinkLab com o lançamento do Laboratório de Inovação do Governo do Estado de SC, NIDUS, que tem o objetivo de buscar soluções inovadoras que possam ser incorporadas ao serviço público em prol do benefício da população. (ACATE, 2019).

Em relação a metodologia do programa, em 2019 foi identificada a necessidade de uma nova resolução própria. Tal metodologia foi criada com base na experiência adquirida ao longo dos dois primeiros anos do programa, em benchmarkings com programas de inovação aberta, além do estudo gerado através da interação entre *startups* e *corporates*, por fim, consolidou-se a metodologia do programa com dez formas de relacionamento possíveis, seguindo a metodologia de inovação aberta. São elas: Venda B2B Direta, Parceria Comercial, POC, MVP, Aprimoramento de Solução, Parceiro de Tecnologia, Co-Desenvolvimento, OEM/White Label, Mentoria e Corporate Venture Capital.

2.2.6 RIA – rede de investidores anjo

A RIA configura uma comunidade que reúne indivíduos com o interesse de investir e apoiar negócios inovadores que demarcam alto potencial de retorno financeiro. A Rede de Investidores Anjo (RIA SC) demarca uma parceria entre a ACATE e a Anjos do Brasil, empresa que já investiu em *startups* que obtiveram sucesso, além disso, tal feito gera capacitação além da extensão da rede de networking dos participantes do processo.

O acesso a capital representa é um dos grandes desafios do ambiente de tecnologia no Brasil. Para facilitar a conexão de *startups* que precisam de recursos a investidores que tem interesse no apoio de negócios nascentes, em 2016 foi inaugurada a a Rede de Investidores Anjo de Santa Catarina (RIA SC).

Operacionalmente, a RIA SC funciona como um Núcleo Regional da Anjos do Brasil em Santa Catarina. A Anjos do Brasil apoia a disseminação de informações aos investidores, como legislação aplicável, modelos de contratos, riscos e garantias da operação de investimento anjo, além de orientar e avaliar *startups* para torná-las aptas a receber aportes futuros.

A equipe da ACATE atua na seleção de *startups* de todo o país, que apresentam seus *pitches* em eventos presenciais. O relatório de atividades ACATE 2019 demarca que tal parceria obteve sucesso a alavancar negócios conduzidos por *startups* de caráter inovador. Nesse sentido, Além de investir nas *startups*, os investidores anjo ampliam sua rede de *networking* e negócios e recebem apoio da Anjos do Brasil em questões como legislação aplicável, modelos de contrato, riscos e garantias, além de expertise para avaliar novas empresas.

O benefício demonstra um caráter harmônico visto que a Rede de Investidores Anjo torna possível o acesso a investidores profissionais e a inserção no mercado de capital de risco por parte das *startups*, ao mesmo tempo possibilitando para os investidores benefícios como o acesso a um *deal flow* qualificado, troca de experiências, suporte legal ao investimento e diminuição de riscos. (ACATE, 2019).

2.2.7 Investimentos

Uma das principais barreiras entre novas empresas e o processo de geração de inovação, tecnologias disruptivas e geração de empregos é a dificuldade de se obter capital de

risco para auxiliar o crescimento das *startups*. Nesse sentido, a ACATE cria o grupo temático de investimentos com o objetivo de atrair quem deseja investir em *startups*.

O grupo temático é liderado por Marcelo Wolowski e atua em três outras áreas: a capacitação e trocas de conhecimento entre os investidores, a capacitação de empreendedores, além do credenciamento de prestadores de serviço e debates acerca do ambiente regulatório, político, jurídico e institucional para investimentos. (ACATE, 2019).

O objetivo é ampliar o volume de recursos disponíveis para *startups* do ecossistema e auxiliar atuais e futuros investidores na melhor forma de avaliação de negócios, mitigação de riscos do investimento e mentoria às empresas investidas – com o suporte dos embaixadores da ACATE, profissionais com relativa experiência no contexto do mercado de *venture capital*.

Em 2019, o Grupo Temático Investimentos realizou seis rodadas de negócios com fundos de investimentos e *corporates*, entre eles: Bossa Nova, Barn, Primatec, Oria, Andrade Gutierrez e Arcellor Mittal. Além disso, um dos eventos realizados pelo Grupo foi o Construtech Investment Day, uma parceria com a Vertical Construtech.

2.2.8 ACATE internacionalização

O Grupo temático Internacionalização da ACATE foi criado com o objetivo de modificar a configuração das empresas para o mercado externo e ajudá-las a se tornarem organizações globais. A entidade inaugurou em 2018 uma infraestrutura em Boston (EUA) e tem buscado parceiros para replicar a experiência internacional bem-sucedida de algumas de suas associadas para todas as empresas de tecnologia de Santa Catarina que querem vender para outros países. O feito foi realizado em parceria com ACIF, Klauss Raupp e IXL. Ao mesmo tempo, foi fundado o Grupo Temático de Internacionalização, liderado por Nayara D'Alama e Guilherme Coan.

Ademais, os embaixadores da ACATE neste grupo atuam como mentores e facilitadores nos encontros, promovidos regularmente para associados que ainda não exploraram outros mercados. Questões burocráticas, tributação, como buscar parceiros e profissionais e até mesmo referências políticas e culturais do exterior estão na pauta do Grupo de Internacionalização.

A justificativa do programa se baseia na ideia de que a competição a nível mundial ampliará a competitividade das empresas, aprimorando produtos e serviços, além de agregar valor à marca e diversificar o faturamento.

O grupo se reúne periodicamente a fim de trocar experiências, tanto positivas quanto negativas, acerca do trabalho efetuado. Nesse sentido, algumas reuniões contam com apresentações temáticas com foco em soluções ou mercados de interesse do próprio grupo.

Em 2019 o grupo realizou reuniões com temas relevantes que despertaram nos empreendedores certa visão de oportunidade sobre a atuação global, induzindo uma mudança cultural e de *mindset* de tais encontros. Além disso, foram também trabalhados temas práticos com o objetivo de auxiliar empreendedores nos primeiros passos da globalização de seus projetos.

No total, foram realizados oito encontros que tiveram mais de 880 inscritos com os mais diversos temas: Globalização de Produto; Contratação e gestão de times internacionais; Aspectos legais e tributários de faturar clientes internacionais; ações de marketing internacionais; Atendimento e suporte para mercados Internacionais.

2.2.9 Mulheres ACATE

Este é um grupo temático da ACATE que possui o objetivo de ampliar a participação feminina, atuando em prol da redução de desigualdades, expansão do desenvolvimento de liderança, o empoderamento e o apoio às novas gerações para a escolha de carreiras no setor de tecnologia.

O grupo promove encontros mensais abertos, tanto para as empreendedoras associadas, quanto às profissionais do mercado, além de estudantes, que possuem o objetivo de fomentar o desenvolvimento feminino no ecossistema de inovação e tecnologia, seja abrindo empresas, ou realizando trabalhos de base, seja no ensino médio ou no básico e fundamental, para que seja possível, posteriormente, que as líderes e profissionais encontrem no setor de TI, um espaço tanto pessoal quanto profissional. (ACATE, 2019).

Este se configura como um movimento colaborativo, e em 2019 o grupo comemorou seu primeiro ano de existência no Ecossistema de tecnologia catarinense, realizando diversos feitos de sucesso. Nesse sentido, o Grupo escolheu duas lideranças para atuação como embaixadoras do Mulheres ACATE: Luísa Guerreiro e Gisele Machado. Ademais, o grupo estabeleceu, também, um propósito, identidade visual e os canais de comunicação. Também foram realizados 10 encontros onde a associação de participantes pôde ser aumentada de cinco para 15 mulheres por encontro.

Outros feitos realizados pelo grupo foram elucidados pelo Relatório de Atividades ACATE 2019, nesse sentido, foi realizado o primeiro planejamento estratégico com o

objetivo de gerar engajamento no grupo, que teve seu tamanho dobrado alcançando o número de 80 participantes em seis meses, incluindo novas associadas. Também foram formados os primeiros grupos de trabalhos internos e o grupo conquistou visibilidade na mídia com o posicionamento das embaixadoras em matérias de veículos estaduais. (ACATE, 2019).

O grupo participou em mais de 10 eventos, entre eles, o *Startup Summit SC*; concluiu parceria com instituições de ensino, como UFSC, que também realizou uma pesquisa interna com o grupo; mapeou 18 outros grupos relacionados a mulheres na Grande Florianópolis e estabeleceu uma interseção de objetivos em comum, assim iniciando a construção do regimento interno do grupo.

Ainda que um grupo recente, com apenas 1 ano de existência, o Mulheres ACATE obteve êxito demonstrando o potencial de ampliação que o grupo pode alcançar em prol de realizar seus objetivos próprios, dentro do contexto do ecossistema catarinense de inovação.

2.2.10 Demonstrações financeiras

Tal seção pretende evidenciar as demonstrações financeiras da ACATE, com o objetivo de facilitar a compreensão acerca da origem dos recursos da instituição. Nesse sentido, será possível uma melhor concepção a despeito dos processos da ACATE, além da constatação prática dos resultados evidenciados ao longo do capítulo, porém em termos financeiros. Nesse aspecto, primeiramente é exposto o balanço patrimonial dos ativos e passivos da ACATE:

Tabela 1 - Balanço patrimonial ACATE – 31 de dezembro de 2019 e 31 de dezembro de 2018

	Nota	31.12.2019	31.12.2018
Ativo			
Circulante			
Caixa e equivalentes de caixa	4.1	2.031.949,18	1.072.896,47
Recursos com restrição de uso	4.1	6.377.577,95	6.042.955,84
Clientes a receber	4.2	4.875.993,99	2.613.793,55
Adiantamentos	4.3	4.682,45	18.612,24
Impostos a recuperar	4.4	130.050,88	58.687,57
Empréstimos	4.5	0,00	25.797,42
Despesas antecipadas	4.6	2.588,38	1.807,00
Total do ativo circulante		13.422.842,83	9.834.550,09
Não circulante			
Depósitos e cauções	4.7	119.354,46	104.200,83
Investimentos	4.8	16.731,86	17.791,73
Imobilizado	4.9	869.357,11	1.036.556,64
Bens de terceiros	4.10	435.265,72	225.415,48

Intangível	4.11	14.984,81	38.954,93
Total do ativo não circulante		1.455.693,96	1.422.919,61
Total do ativo		14.878.536,79	11.257.469,70
	Nota	31.12.2019	31.12.2018
Passivo			
Circulante			
Fornecedores	5.1	2.104.132,95	1.629.629,05
Recursos de convênios e projetos	5.2	5.716.567,52	3.767.803,90
Obrigações sociais e trabalhistas	5.3	93.171,70	47.004,90
Obrigações tributárias	5.4	20.993,28	16.272,46
Outras obrigações	5.5	2.985.031,00	3.204.105,79
Adiantamento dos associados	5.6	374.666,82	295.864,36
Obrigações com férias	5.7	195.893,96	202.720,12
Total do passivo circulante		11.490.457,23	9.163.400,58
Não circulante			
Fundo de Reserva	5.8	18.105,04	104.200,83
Provisões passivo contingente	7	153.975,44	
Total passivo não circulante		172.080,48	12.973,98
Patrimônio líquido	6		
Patrimônio social		1.860.696,63	38.954,93
Superávit/déficit		1.355.302,45	220.398,51
Total patrimônio líquido		3.215.999,08	2.081.095,14
Total do passivo e patrimônio líquido		14.878.536,79	11.257.469,70

Fonte: Relatório de Atividades ACATE, 2019

Os primeiros itens, “Caixa e equivalentes de caixa e Recursos com restrição de uso” (4.1) tem a finalidade de atender a compromissos de caixa no curto prazo, e não para investimentos ou outros fins. Nesse sentido, a associação considera esta uma aplicação financeira de conversibilidade imediata em um montante conhecido como de caixa, estando sujeita a um insignificante risco de mudança de valor. Para esse fim, a entidade utiliza o controle interno das movimentações bancárias através do Sistema Gerencial atual (SIGAEM).

Já no item “Clientes a Receber” (4.2) estão evidenciados os valores a receber de associados individualizadamente até a data do balanço. Os “Adiantamentos” (4.3) referem-se, no respectivo exercício, ao adiantamento de férias que foram pagas antecipadamente, além de adiantamento a fornecedores. A conta “Impostos a recuperar” (4.4) segue o regime não cumulativo referente a apuração de impostos, logo a mesma deve pagar o imposto COFINS sobre suas receitas financeiras, podendo, no entanto, apropriar-se de créditos referente a aluguel e energia gastos na entidade, ao qual refere-se o crédito nessa conta. (ACATE, 2019).

Finalizando o total do ativo circulante, tem-se os itens “Empréstimos” (4.5) e “Despesas antecipadas” (4.6). O primeiro demonstra o saldo remanescente refere-se aos contratos de mútuos firmados com o associado I3 (Instituto Internacional de Inovação). Nesse aspecto, os contratos de mútuo são atualizados pelos encargos contratados e condições e prazos firmados entre as partes e registradas de acordo com os termos contratados. Tal remuneração do mútuo corresponde à taxa de 1% ao ano. Por fim, o item 4.6 trata-se de seguros pagos com vigência de 12 meses. (ACATE, 2019).

Em relação ao ativo circulante, temos o item “Depósitos e calções” (4.7) que se tratam de cauções de projetos ou convênios em aberto. “Investimentos” (4.8) referem-se, em maior parte, às ações de telefonia e a quota de capital em cooperativa de crédito. Já o “imobilizado” (4.9) está demonstrado ao custo, menos as depreciações e amortizações acumuladas. Estas foram calculadas pelo método linear, com base em taxas determinadas em função do prazo de vida útil estimado dos bens e ou direitos. (ACATE, 2019).

O item “Bens de terceiros” (4.10) compõe os bens relacionados como de terceiros foram adquiridos com a aplicação de recursos de convênios. Por fim, os “Intangíveis” (4.11) tratam-se de licenças de software adquiridas no exercício. Tais itens finalizam o ativo total gerando um valor de R\$ 11.257.469,70 para o ano de 2018 e R\$ 14.878.536,79 para o ano de 2019. (ACATE, 2019).

Em relação ao passivo, mais especificamente, o passivo circulante, no primeiro item “fornecedores” (5.1), é evidenciado individualmente os valores de obrigações com fornecedores até a data do balanço. Nesse sentido, o principal fornecedor da ACATE é a Unimed, que representa aproximadamente 78% do saldo total (R\$ 1.687.085,10 em 2019). No geral, os pagamentos desses fornecedores são referentes aos gastos com plano de saúde dos associados (exceto o plano de saúde da própria entidade), que são cobrados através de notas de débitos da ACATE e repassado para UNIMED.

O item “Recursos de convênios e projetos” (5.2) evidencia a origem de recursos de diversos programas e convênios relacionados à ACATE, tais como as diversas verticais, o convenio Finep juro zero, o projeto transformação digital, entre outros.

O item “Obrigações Sociais” (5.3) referem-se aos encargos sobre a folha de pagamento que foram apropriados no mês de competência (dezembro/2019) e serão pagos no mês subsequentes (janeiro/2020). Em seguida, as obrigações tributárias (5.4) compõem valores a recolher com origem na retenção de impostos sobre prestação de serviços e salários. Nesse sentido, os itens 5.5, 5.6 e 5.7, representam, respectivamente, valores a pagar como

aluguel e condomínio; valores destinados a cauções e por fim, valores relacionados a obrigações com férias dos funcionários.

Em relação ao passivo não circulante, existem duas contas: “Fundo de reserva” (5.8) que são saldos encubados do MIDITEC, disponíveis para resgate no momento da saída, e “provisões passivo contingente” (7) que representa um valor destinado a contingências e obrigações legais vinculadas a processos judiciais. (ACATE, 2019)

Diante disso, a fim de uma melhor compreensão acerca da situação financeira da ACATE, em termos de lucros, despesas e receitas, segue a tabela que evidencia a Demonstração do Resultado do Período referente aos anos de 2018 e 2019 da Instituição.

Tabela 2 – Demonstração do Resultado do Período ACATE – 31 de dezembro de 2019 e 31 de dezembro de 2018

	Nota	2019	2018
Receitas operacionais			
Receita de associados	8.1	5.977.857,19	4.301.494,10
Trabalho voluntário	8.2	435.420,00	332.836,00
Doações	8.3	459.076,96	285.972,49
Deduções	8.4	(29.243,58)	-
Total de receitas operacionais		6.843.110,57	4.920.302,59
Despesas operacionais			
Despesas administrativas	8.5	(5.344.774,17)	(4.388.133,80)
Despesas tributárias	8.6	(14.685,28)	(18.940,01)
Trabalho voluntário	8.2	(435.420,00)	(332.836,00)
Total de despesas operacionais		(5.794.879,45)	(4.739.909,81)
Resultado operacional		1.048.231,12	180.392,78
Receitas financeiras	8.7	149.950,37	107.428,09
Despesas financeiras	8.8	(37.909,04)	(29.858,35)
Total resultado financeiro		112.041,33	77.569,747
Outras receitas e despesas	8.9	(25.368,51)	(37.564,01)
Superávit do exercício		1.134.903,94	220.398,51

Fonte: Relatório de atividades ACATE, 2019

A maior parte do valor de receitas da ACATE advém das receitas dos associados, que compõe valores de receitas de mensalidades recebidas dos associados da entidade, como receitas de cursos e eventos durante o ano. Nesse quesito também são englobados os valores recebidos relativos as taxas de administração realizadas para beneficiar os associados como convênios e projetos.

Ademais, também estão inclusos serviços voluntários de gestão financeira, administrativa e deliberativa prestados por indivíduos de altos cargos, além de doações recebidas durante o exercício, principalmente por parte de empresas associadas e parceiras conveniadas sob forma de patrocínio de cota e incentivos. (ACATE, 2018)

Em relação as despesas, pode-se citar as tributárias, as quais são em sua maioria compostas de impostos referentes a taxas municipais, estaduais e federais; e as financeiras, estas sendo relativas às despesas bancárias, descontos concedidos e juros com fornecedores.

Nesse aspecto, no ano de 2019 a ACATE gerou um saldo superavitário no valor de R\$ 1.134.903,94. Este valor evidencia um grande aumento em relação ao superávit do ano anterior, de R\$220.398,51(ACATE, 2019). Diante disso, tal seção teve a pretensão de analisar as demonstrações financeiras da ACATE, elucidando conceitos contábeis a fim de estabelecer uma maior compreensão das origens dos recursos da instituição, assim como o modo operacional como a mesma atua.

2.3 CONCLUSÃO

Ao longo do capítulo, foram expostas diversas informações relativas ao Ecossistema Catarinense de inovação, e mais precisamente sobre a ACATE e sua importância em fomentar o mesmo. Nesse sentido, elucidou-se os principais objetivos institucionais da ACATE como instituição, sua forma estrutural e parcerias configurando os Centros de Inovação e os polos Regionais. Em maior parte, durante as seções, os programas e grupos temáticos da entidade foram conceitualizados em termos de objetivos e modus operandi dos mesmos, além de uma breve demarcação acerca das demonstrações financeiras para especificar a origem dos recursos da instituição, além de uma maior noção a respeito do faturamento e grandeza do patrimônio da mesma.

Diante disso, o quadro 2 pretende sintetizar os programas e grupos temáticos da ACATE, elucidando brevemente seus objetivos e a área de atuação em um contexto de um Ecossistema de Inovação, no qual cada um está inserido, justificando a parte teórica relativa ao primeiro capítulo do trabalho.

Quadro 2 - Síntese geral dos programas e grupos temáticos da ACATE.

Programa	Objetivo	Método	Área de atuação
-----------------	-----------------	---------------	------------------------

StartLab	Criação e o desenvolvimento de novas startups e impulsionamento de negócios	Networking; investigação via marketing digital; entrevistas; mentoria	Startups; empreendedorismo inovador
Verticais de Negócios	Estimular os empreendedores a se conhecer, trocar experiências e buscar o desenvolvimento conjunto	Clusters constituídos por empresas de tecnologia associadas que atuam em um mesmo segmento de mercado	Parques tecnológicos
MIDITEC	Formar empreendedores e a partir disso, desenvolver negócios conscientes e de alto impacto	Incubação de empresas; consultoria e treinamento	Startups; aceleradoras e incubadoras; empreendedorismo inovador
ACATE Startups	Espaço de conexão entre novos empreendedores e o ecossistema de tecnologia	Networking; convênios e benefícios;	Startups
LinkLab	Espaço de inovação aberta que aproxima grandes empresas a <i>startups</i> .	Networking; Campanhas de captação; reuniões;	Empreendedorismo inovador
RIA	Comunidade que aproxima pessoas físicas que querem investir em startups a empreendedores que desenvolvem produtos e serviços com potencial de crescimento em escala	Networking; difusão de informações aos investidores	Capital de Risco
Investimentos	Ampliar o volume de recursos disponíveis para <i>startups</i> do ecossistema e auxiliar atuais e futuros investidores na melhor forma de avaliação de negócios, mitigação de riscos do investimento e mentoria às empresas investidas	Capacitação e trocas de conhecimento entre os investidores, capacitação de empreendedores, credenciamento de prestadores de serviço e debates sobre o ambiente regulatório, político, jurídico e institucional para investimentos	Capital de risco
ACATE Internacionalização	Abrir o <i>mindset</i> das empresas para o mercado externo e ajudá-las a se tornarem	Mentoria; referências políticas e culturais; reuniões periódicas	Startups; Empreendedorismo inovador

	organizações globais		
Mulheres ACATE	Aumentar a participação feminina, atuar em prol da redução de desigualdades e o apoio às novas gerações para a escolha de carreiras no setor de tecnologia.	Encontros mensais abertos; Participação em eventos	Social

Fonte: elaboração própria através de dados obtidos em Relatório de Atividades ACATE 2019.

Em síntese, o maior foco da ACATE em relação a um Ecossistema de Inovação são as conexões que a mesma gera. A entidade possui programas e grupos temáticos que abrangem as mais diversas áreas presentes em um Ecossistema, tais como as *Startups*, empreendedorismo inovador, parques tecnológicos, incubadoras, entre outros.

Conforme visto no primeiro capítulo do trabalho, a base de um Ecossistema de Inovação reside na dinâmica e interação entre estes mais diversos atores presentes nesse contexto e diante do exposto na segunda parte do trabalho, é evidente que o foco da ACATE reside em intensificar tal dinâmica, seja ampliando a acessibilidade de conexão entre pequenas e grandes empresas através do LinkLab; facilitando o acesso ao capital de risco através da Rede de Investidores Anjo; aumentando a probabilidade de sucesso de *startups* através da MIDITEC, entre outros.

O próximo capítulo pretende analisar, por meio de entrevistas, as potenciais instituições presentes no Ecossistema de Inovação Capixaba a fim de elucidar se as mesmas se encaixam em tais parâmetros demonstrados pela ACATE.

3 O ECOSSISTEMA CAPIXABA DE INOVAÇÃO: INSTITUIÇÕES E RESULTADOS

O seguinte capítulo pretende evidenciar, de maneira geral, o Ecosistema Capixaba de Inovação, demonstrando assim, alguns dados relativos ao setor tecnológico em geral, assim como um panorama geral dos maiores atores atuantes neste ecossistema.

Dessa maneira, em termos de metodologia o capítulo aborda um direcionamento diferente dos anteriores devido às entrevistas realizadas. Essas foram baseadas de forma a apresentar a perspectiva dos entrevistados acerca da ACATE, assim como do próprio ecossistema capixaba e por fim, do papel das instituições onde estes trabalham e sua inserção nesse contexto.

O objetivo geral do capítulo, conforme exposto anteriormente, é evidenciar, principalmente através de tais entrevistas, a instituição com maior potencial de ser a ACATE capixaba ou de exercer as atividades que a instituição de Santa Catarina se propõe, em termos de analogia. Essa analogia se dá através das comparações sobre as áreas de atuação, assim como os métodos realizados pela ACATE em Santa Catarina, porém sob uma perspectiva geográfica do Estado do Espírito Santo e suas particularidades.

O capítulo também evidencia de maneira mais ampla a conexão teórica sobre os conceitos explorados no primeiro capítulo do trabalho, tanto acerca das inovações em geral, quanto dos atores que atuam tanto em conjunto, em termos de competição ou interação em um mesmo ecossistema.

3.1 O ECOSSISTEMA CAPIXABA DE INOVAÇÃO

As entrevistas realizadas permitiram visualizar que o Ecosistema Capixaba de Inovação possui diversos desafios em relação a outros ecossistemas mais desenvolvidos. Contudo, a comprovação de sua evolução positiva, no decorrer dos últimos 5 anos, se mostra unânime entre as respostas dos envolvidos.

Nesse contexto, o presente capítulo consistirá em uma análise do ecossistema de inovação capixaba. Isso se dá, primeiramente, com as definições de algumas importantes instituições no Estado do Espírito Santo.

Em seguida, serão expostas as entrevistas realizadas a partir de um questionário de 11 perguntas aplicado aos integrantes das seguintes instituições: ACT!ON; Sebrae-ES; Assespro; e Vale da Moqueca (VAMO). Ademais, é possível verificar a existência de diversas outras instituições que atuam em conjunto com essas no processo inovador do ecossistema capixaba,

que serão demarcadas com maior ênfase durante as considerações finais da pesquisa.

3.1.1 Mobilização capixaba pela inovação

Nesse aspecto, é válido citar inicialmente a Mobilização Capixaba pela Inovação (MCI). Esta representa uma ação conjunta e alinhada de atores locais, com o propósito de criar condições de estímulo à inovação no Espírito Santo, dessa maneira, gerando benefícios que viabilizem o surgimento de um novo ciclo econômico para a sociedade capixaba. Tal movimento atua no Estado desde 2018 e é coordenado pela FINDES. (MCI, 2020).

As instituições envolvidas nesta dinâmica incluem representantes das mais diversas áreas que compõem a interação em um ecossistema de inovação, como: o setor produtivo (Arcelormittal, Suzano, Petrobrás e Vale); o Governo do Estado (Sedes, Secti, Seag e Secult); Instituições (Findes, Sebrae, ES em ação, Tecvitória); e a Academia (UFES, IFES, UVV e Sinepe-ES). Algumas ações realizadas mediante as atividades do MCI no ano de 2019 podem ser citadas como o Findeslab e o Programa Centelha.

O Governador do Espírito Santo, Renato Casagrande, reitera que após determinado período de estagnação é preciso de tempo para a realização de investimentos humanos, financeiros e políticos, porém aponta algumas características positivas acerca da inovação no Estado: economia estável, excelente clima, grandes indústrias, ambiente político favorável e uma posição geoeconômica estratégica, próxima dos grandes centros consumidores do país e facilmente acessível por terra, mar ou ar. (MANIFESTO DE INOVAÇÃO CAPIXABA, 2019).

Nesse sentido, o MCI estabelece 3 metas em seu programa para o Estado do Espírito Santo: a primeira é a de transformar o Estado em um dos cinco mais inovadores do Brasil, atualmente o Estado ocupa a 14^o posição, de acordo com o Ranking de Competitividade dos Estados; a segunda meta é referente à ampliação do número de empresas inovadoras nascentes no estado. O objetivo é alcançar o número de 1000 *startups* locais em um período de 10 anos, hoje o Estado possui 80, segundo a ABStartups 2019; a terceira e última meta corresponde à qualidade das instituições baseadas em tecnologia e inovação, o intuito reside em ter 20% de empresas associadas entre as 200 maiores do Estado, atualmente, de acordo com o ranking 200 maiores e melhores IEL-ES, o Estado possui 3%. (MANIFESTO DE INOVAÇÃO CAPIXABA, 2019).

3.1.2 Sistema Findes

O Sistema Findes (Federação das Indústrias do Espírito Santo) se configura como uma organização constituída de seis entidades que cooperam de forma integrada em prol do desenvolvimento industrial do Estado do Espírito Santo. Isso se dá através da promoção de ações de defesa e representação dos interesses da indústria, e ainda, a oferta de serviços e produtos às empresas associadas. A Findes surgiu no ano de 1958. (FINDES, 2021).

Esta é formada por seis áreas que trabalham de maneira sinérgica com atribuições definidas e complementares. Os seis segmentos são: Educação e Qualificação; Difusão tecnológica; Desenvolvimento Industrial; Saúde e Lazer; e Representação institucional. [na lista anterior só tem 5 áreas]. Em relação às 6 entidades que compõem o Sistema Findes, são estas: Federação das Indústrias do Estado do Espírito Santo (Findes), Centro da Indústria do Espírito Santo (Cindes), Serviço Social da Indústria (Sesi-ES), Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai-ES), Instituto Euvaldo Lodi (IEL-ES) e Instituto de Desenvolvimento Educacional Industrial do Espírito Santo (Ideies). (FINDES, 2021).

Ademais, A Federação das Indústrias do Estado do Espírito Santo possui 39 sindicatos patronais (filiados ou em processo de filiação). Esses sindicatos representam os interesses de aproximadamente 19 mil empresas dos mais diversos segmentos de atuação industrial. Nesse aspecto, vale citar de maneira sintetizada as atribuições relativas às outras entidades que compõem o Sistema Findes.

O Centro da Indústria do Espírito Santo (CINDES) se origina no ano de 1969. A entidade surgiu através da demanda de reuniões compostas por industriais para o debate de assuntos de interesse para a classe. Essa se configura como parceira do Sistema Findes desde o início de sua atuação. A entidade atua através da promoção de ações e eventos de teor político e econômico. (CINDES, 2021).

Dos programas realizados por tal entidade, vale destacar o encontro do empresariado capixaba, com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento de futuros empreendedores na ótica de projetos políticos atrelados ao desenvolvimento da indústria local. Ademais, a entidade também realiza o Cindes Jovem, programa de caráter associativista, sem fins lucrativos, com o intuito de desenvolver, através de ações diretas com a sociedade e a classe empresarial, o espírito de liderança de jovens entre 18 a 35 anos para adentrar ao ambiente do empreendedorismo inovador.

O Serviço Social da Indústria (SESI-ES) possui aproximadamente 70 anos de atuação no Estado do Espírito Santo. Este se configura como a maior rede de ensino privado do

Estado. Sua atuação se dá através de serviços nas áreas de inovação em saúde e segurança do trabalho; lazer; cultura, entre outros. Estes serviços compreendem consultorias, palestras, cursos, exames, etc. (SESI-ES, 2021).

A próxima instituição integrante do Sistema Findes é o Senai. A entidade é oriunda do ano de 1948, com sua iniciação de atuação no Estado do Espírito Santo em 1952 através de uma parceria com a Companhia Vale do Rio Doce (CRVD). Nesse contexto, a primeira unidade Senai foi inaugurada em 1952 denominada Escola de Aprendizagem Pedro Nolasco, com ligação direta à CRVD, e manteve seu funcionamento até 1964 em Cariacica, próximo às oficinas de locomotivas a diesel da Companhia com cursos nas áreas de mecânica e marcenaria. (SENAI, 2021).

A partir da década de 1970, grandes projetos tais qual a Companhia Siderúrgica de Tubarão (CST), Samarco e Aracruz Celulose ampliaram a demanda de expansão do Senai com o fim de atender às demandas industriais. Nesse contexto, o Senai contava com unidades móveis com laboratórios transportáveis a partir dos anos 1970. Posteriormente, foram inauguradas diversas unidades de ensino com focos em formações industriais específicas, usualmente conectadas com as necessidades das indústrias locais para fornecer mão de obra qualificada às empresas. (SENAI, 2021).

Atualmente, a atuação do Senai se dá através de todo o Estado capixaba, principalmente em função de ações móveis e 18 áreas industriais, como Alimentos e Bebidas; Construção Civil; petróleo e gás; polímeros; segurança do trabalho; entre outros. Após 2010, a entidade passa a oferecer consultorias em eficiência energética para as empresas e em 2017 cria a diretoria de Inovação, Tecnologia e Produtividade, com o intuito de oferecer serviços em tais áreas para empresas locais. Em 2019 é inaugurado o *hub* de inovação Findeslab, uma iniciativa conjunta do Senai e Findes, além, de no ano seguinte, inaugurar também, o espaço do Instituto Senai de Tecnologia, no Senai Vitória. (SENAI, 2021).

O Instituto Euvaldo Lodi (IEL) foi criado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) no ano de 1969. Na época, a proposta do IEL era a de aproximação de estudantes de linhas de montagem por meio de estágios supervisionados, contudo, 20 anos depois, o Brasil abre portas para a concorrência externa, o que evidencia a defasagem tecnológica da Indústria brasileira. Neste dado momento, o IEL foca em diversificar atividades, gerando a demanda de empresários que buscam o aperfeiçoamento de gestão dos negócios, inovação tecnológica e modernização das práticas empresariais. Atualmente, o instituto atua, através do aperfeiçoamento de gestão, capacitação empresarial e estágio e consultorias para empresas de todos os portes, nos 26 estados do País, além do Distrito Federal. (IEL,2021).

Por fim, a última instituição proveniente do Sistema Findes é o Instituto de Desenvolvimento Educacional e Industrial do Espírito Santo (Ideies). O foco da entidade reside na realização de estudos e posicionamentos estratégicos, com foco no fortalecimento da indústria do Estado do Espírito Santo. Nesse contexto, as pesquisas desenvolvidas pelo Ideies são divididas em alguns segmentos. “Observatório do Ambiente de Negócios” tem o objetivo de mapear os fatores que impactam a indústria; “Estudos Econômicos” compõe publicações de inteligência competitiva em prol do fortalecimento do setor e ampliação da produtividade e competitividade; e por último, o “Observatório da Indústria” consiste em uma ferramenta estratégica que reúne importantes informações relativas a dados e análises da indústria capixaba. (IDEIES, 2021).

A partir das informações acima, nota-se nitidamente a mudança de direção nas atividades do Sistema Findes rumo a uma visão mais sistêmica e ativa no que se refere à inovação, evidenciada nos últimos cinco anos, a partir de iniciativas como a MCI, o FindesLab e o Instituto Senai de Tecnologia, entre outras.

3.1.3 Universidades

As universidades são instituições de suma importância inseridas em um ecossistema de inovação, seja por suas ações de qualificação profissional e qualificação técnica, seja pela elaboração de projetos e estudos ligados às empresas ou ao governo, configurando o modelo hélice tríplice, contextualizado previamente.

Nesse âmbito, a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) ganha destaque na análise. Esta é uma instituição autárquica vinculada ao Ministério da Educação (MEC). A mesma possui autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial. Sua origem provém do ano de 1954 e a instituição possui quatro campus universitários: Goiabeiras e Maruípe, em Vitória; Alegre, no sul do Estado; e São Mateus, no Norte. Sua estrutura física global é de 302,4 mil metros quadrados de área construída. (UFES, 2021).

Em relação aos seus cursos, a UFES oferece 103 cursos de graduação presencial, com cerca de 5 mil vagas ofertadas anualmente. Na pós-graduação, são 62 cursos de mestrado acadêmico e profissional, além de 32 de doutorado. Já no contexto dos funcionários, a instituição possui cerca de 1800 professores efetivos e 2 mil técnicos administrativos. Ademais, no contexto da pesquisa científica e tecnológica, a universidade possui cerca de 500 projetos em andamento, além da extensão universitária que tem o objetivo de desenvolver

projetos e programas com abrangência em todos os municípios capixabas, fator este que contempla cerca de 3,5 milhões de indivíduos (UFES,2021).

Outra importante instituição acadêmica inserida no ecossistema capixaba é o Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Este foi criada em 1909 e era denominado como Escola de Aprendizes Artífices do Espírito Santo, até ser transformado, através da união das unidades do Centro Federal de Educação Tecnológica e das Escolas Agrotécnicas Federais, em 2008. A instituição atua em prol da promoção da educação profissional pública de excelência, através da integração entre ensino, pesquisa e extensão. (IFES, 2021)

O IFES possui aproximadamente 36 mil alunos, divididos entre cursos técnicos, graduações, especializações e mestrados. A instituição possui 22 campi em funcionamento ramificadas em todas as microrregiões capixabas, além de 49 polos de educação à distância no Espírito Santo.

Por fim, é válido citar as várias faculdades e universidades particulares. Entre elas, é importante lembrar da Universidade Vila Velha (UVV). Em 1976 foi inaugurado o Centro Superior de Ciências Sociais de Vila Velha, com os cursos de Direito, Ciências Contábeis e Administração. Posteriormente, em 1985, a entidade adquire sua própria matriz, que atualmente, se configura como o Campus Boa Vista. Já no ano de 2001, a união das três instituições que compunham o Centro Superior Ciências Sociais gera o Centro Universitário Vila Velha, que 10 anos depois, ao adquirir a credencial de universidade, ganha o título de Universidade Vila Velha. (UVV,2021).

3.1.4 Incubadoras de empresas

A Incubadora de empresas TecVitória representa uma comunidade de apoio e colaboração para o desenvolvimento de empresas incubadas e do empreendedorismo de base tecnológica no Estado do Espírito Santo. Essa possui algumas instituições citadas anteriormente como sócios fundadores: a UFES; a Secretaria de Estado do Planejamento, a FINDES, SEBRAE-ES, o IEL-ES, entre outros. A incubadora foi criada há mais de 20 anos e se configura como uma Organização Social Civil de Interesse Público. (TECVITORIA, 2021).

A Incubadora é gerada e pensada pelos próprios incubados, desde o ano de 2017. A entidade se mantém atrelada a princípios de compartilhamento de conhecimento, novos modelos de incubação e potência das redes. A incubadora é citada, posteriormente, na transcrição das entrevistas realizadas.

Em um contexto de Incubação, uma instituição que se demonstra como um importante componente do ecossistema local é a Universidade Federal do Espírito Santo. Essa possui a Incubadora de Empresas de Base Tecnológica (UFESTEC) por meio do apoio financeiro da FAPES. Atualmente, a incubadora possui três empresas incubadas e está localizada no Instituto de Inovação Tecnológica da UFES. (UFES, 2021).

Ademais, a UFES possui um programa de incubação de empresas denominado IncubaUFES. Esse se constitui como um programa de pesquisa e extensão sem fins lucrativos, com articulações que provêm desde o ensino técnico até a pós-graduação. Em termos operacionais, o programa visa disciplinar a criação, o funcionamento e a avaliação de incubadoras de empresas que estejam em operação nos diversos setores da instituição, ou ainda, que vierem a ser propostas. (UFES, 2021).

A Incubadora Sul Capixaba, inaugurada em 2018 demarca um processo cooperativo entre a UFES e o IFES, em função do desenvolvimento do Parque Tecnológico do Caparaó. A incubadora atua através de palestras, participações em mesas redondas nas duas universidades parceiras, além de um curso de competências empreendedoras.

Por fim, visto que o processo de incubação de empresas demonstra forte influência da própria Academia, fortalecendo conceitos teóricos explicitados anteriormente, pode-se citar o Programa Institucional em Rede de Incubação de Empreendimentos, inserido na Agência de Inovação (Agifes) do IFES. Esse atua com o papel de oferecer um conjunto de apoio para que os Núcleos Incubadores se constituam, de fato, em um habitat de inovação. O projeto tem o intuito de consolidar a incubadora do IFES na sociedade ao mesmo tempo em que é articulada a formação de uma rede composta de unidades de incubação em diversos campus da instituição.

A importância das Incubadoras é notória em um cenário de inovação. Ademais, pode-se verificar a relação positiva entre a Academia e programas do gênero, fortalecendo o conceito do modelo hélice tríplice, e ainda, agregando informações que posteriormente serão auferidas na transcrição das entrevistas realizadas.

3.1.5 Fapes e Bandes

Nesta subseção pretende-se explicar a atuação de instituições que auxiliam financeiramente projetos e programas direcionados à dinâmica inovativa no ecossistema de inovação capixaba. Nesse contexto, pode-se citar a Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (FAPES), criada em 2004 juntamente com a Secretaria de Estado

de Ciência, Tecnologia, Inovação e Educação Profissional (SECTI), objetivando a implementação do Sistema Estadual de Ciência e Tecnologia (SISECT). (FAPES, 2021).

A FAPES se constitui como uma autarquia vinculada à SECTI e cumpre diretrizes de política estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação. Entre suas atribuições, pode-se citar a operacionalização de apoio institucional, financeiro e técnico a programas e projetos de promoção do desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação para com instituições públicas e privadas atuantes na área de C, T&I. Ademais, a entidade também atua na gestão do Fundo Estadual de Ciência e Tecnologia (FUNCITEC) e na captação de recursos financeiros, além da construção de parcerias no âmbito do desenvolvimento de pesquisa e desenvolvimento no Estado do Espírito Santo. (FAPES,2021).

Em síntese, grande parte das ações da FAPES busca difundir conhecimento no Estado Capixaba, seja através do apoio institucional ou financeiro a projetos, além de bolsas e auxílios de apoio a pesquisa. E nesse contexto, merece destaque o crescente apoio às atividades inovativas no Estado, a partir de iniciativas como os programas Tecnova, Sinapse da Inovação e Centelha, programas de apoio às incubadoras do Estado, etc.

O Banco de Desenvolvimento do Estado do Espírito Santo (BANDES), por sua vez, é um banco de caráter público estadual que possui a função de promover o financiamento para o desenvolvimento de negócios. O Banded foi inaugurado no ano de 1967 e atua em prol de micro, pequenas, médias e grandes empresas, tanto em regiões do interior, quanto localizadas na Grande Vitória. (BANDES,2021).

Em tal contexto, o BANDES investe em negócios de diferentes áreas, tais como: microcrédito; agronegócio; economia criativa; Fundos de Investimentos em Participações; Parcerias Público Privadas, entre outros. Ademais, a atuação da instituição se dá na Secretaria Executiva do Programa de Incentivo ao Investimento no Estado do Espírito Santo (INVEST-ES), conjuntamente à Secretaria de Estado de Desenvolvimento do Espírito Santo (SEDES). (BANDES, 2021).

No âmbito da inovação, o Banded atua através de duas óticas: No crédito para a inovação e por meio dos Fundos de Investimentos em Participações (FIP's). O primeiro se dá através de financiamentos com recursos próprios e por meio da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP). Em relação aos FIP's, estes são direcionados para *startups* com a promoção de processos seletivos que buscam identificar empresas de alto potencial inovador, que promovem o aporte financeiro e o auxílio na gestão em troca de participação direta no capital social da empresa. (BANDES, 2021).

As duas instituições se mostram imprescindíveis em relação ao apoio financeiro necessário para alcançar níveis de desenvolvimento desejáveis em um cenário do empreendedorismo inovador no Estado do Espírito Santo.

3.2 SINDINFO (ACT!ON)

O SINDINFO compõe o Sindicato das Empresas Industriais de Informática, de Hardware e Software, Robótica, manutenção e Desenvolvimento, e Atividades Correlatas, Similares ou Conexas, no Âmbito do Estado do Espírito Santo. Este foi fundado no ano de 1991 e era nomeado SINFES (Sindicato das Empresas de Informática do Estado do Espírito Santo) tendo sua razão social trocada para SINDINFO em 2008, e mais recentemente, em 2019, para ACT!ON.

A entidade possui objetivo de realizar aproximação de empresas produtoras e usuárias de tecnologia, academias, *startups*, além de instituições voltadas para o fomento da inovação, com o propósito de fortalecer negócios que utilizam a base tecnológica através de conexões. Nesse sentido, a visão da entidade consiste em até 2025, tornar o estado do Espírito Santo reconhecido nacionalmente como um dos maiores inovadores do país.

A atuação do ACT!ON se baseia em função do desenvolvimento do setor de tecnologia da informação no Estado do Espírito Santo. A sede da entidade reside em Vitória, com diretorias regionais em Colatina, Cachoeiro do Itapemirim e Linhares. Em termos de associações, vale citar a filiação do ACT!ON à FINDES (Federação das Indústrias do Espírito Santo) onde tal cooperação torna possível que as associadas utilizem serviços das instituições do Sistema FINDES, como o SESI, SENAI, IEL-ES, CINDES e por fim, o IDEIES.

Em relação ao método utilizado pela instituição, pode-se citar os serviços às associadas; treinamento; cursos; assessoria e consultoria; atividades recreativas, culturais, sociais e esportivas; entre outros. A conexão entre os diferentes atores do ecossistema possui base forte entre os objetivos da ACT!ON.

Um integrante da instituição colaborou com a pesquisa através de uma entrevista online, relativa ao questionário anexado ao apêndice da dissertação. Esse será nomeado como “entrevistado A” e suas respostas e considerações serão sintetizadas nesta seção.

A primeira pergunta do questionário busca elucidar se e como o Entrevistado “A” conhece a ACATE, ademais, como este tem interagido com ela. Nesse sentido, o entrevistado “A” revela que conheceu a instituição em uma missão da ACT!ON em 2017, além de outros componentes do ecossistema catarinense, como a Fundação CERTI e outras empresas. O

entrevistado também elucida que o diretor da ACATE fez uma apresentação acerca do funcionamento da mesma, o que serviu como referência para a ACT!ON, devido às dimensões da instituição em termos de programas e estrutura.

Em relação à interação, o mesmo aponta que a ACTION não possui uma interação direta com a ACATE, além de usá-la como inspiração, mas sim com a fundação CERTI, que através do contato por parte alguns de seus diretores, buscou auxiliar a instituição em relação ao projeto de construção de um parque tecnológico em Goiabeiras, no entanto, por questões políticas, o processo foi judicializado.

A segunda pergunta do questionário busca evidenciar a importância da ACATE para o ecossistema de inovação catarinense e as principais funções que o mesmo exerce neste. O entrevistado “A” revela que o espaço físico da instituição, que reflete um hub com espaço de conexão entre empresas, se demonstra uma fonte de inspiração, além disso, o mesmo também elucida que Vitória não possui tal espaço com as mesmas dimensões.

Ademais, o entrevistado A relata que ao conhecer Florianópolis e participar de diversos *meetups*, a ACT!ON teve a oportunidade de conhecer a proposta da aceleradora Darwin, localizada no CIA Primavera. Essa foi eleita em 2018 e 2019, pela Associação Brasileira de Startups, como a melhor do Brasil. O entrevistado “A” menciona que o modelo da mesma é muito pragmático por otimizar recursos, direcionando as oportunidades para empresas com potencial, enfatizando a analogia com o processo de seleção natural em relação ao nome da aceleradora.

A terceira pergunta do questionário busca compreender se os atos da ACATE são feitos exclusivamente por esta em termos institucionais. Nesse aspecto, o Entrevistado “A” relata que a ACATE não se preocupa somente em ser uma associação que arrecada recursos de seus associados, mas sim que a mesma buscou formas de crescer, tanto em tamanho quanto em quantidade de associados para obter peso político.

Para reiterar isso, o mesmo utiliza o exemplo da ACT!ON quando ainda sindicato e revela determinadas limitações para a vinculação de empresas, como por exemplo se o código de atividade que a empresa estabelece no contrato social está alinhado com o propósito da empresa, ou ainda se a faixa de CEP está dentro da região onde o sindicato tem autorização para atuar. Nesse aspecto, o entrevistado “A” demarca que a ACATE buscou formas de ampliar isso ao máximo ao se aproximar de associações do interior do estado, em cidades como Joinville e Blumenau, por exemplo, não cobrando taxas para que estas se associassem a ela, dessa maneira, o número de associados obteve um aumento exponencial, facilitando diversas articulações políticas através da representatividade gerada pelo número de

associadas.

Ainda sobre tais questões, o entrevistado “A” traz considerações acerca do papel da ACATE, sinalizando que a mesma é a entidade que mais representa empresas de tecnologia em Santa Catarina, e ainda, que a mesma atua em conjunto com o sindicato e a ASSESPRO local. Nesse âmbito, no Espírito Santo, não há uma ação conjunta alinhada. O entrevistado “A” demarca que a ACT!ON trabalha em um movimento de aproximação realizando dois desses três papéis, sendo um sindicato e uma associação, a entidade demonstra em interesse futuro em uma aproximação com a ASSESPRO, unificando os três elementos do ecossistema de tecnologia, em inspiração aos feitos da ACATE.

A quarta pergunta do questionário tem o objetivo de esclarecer se existe alguma outra entidade como a ACATE em ecossistemas brasileiros ou se a mesma se configura como uma instituição típica de Santa Catarina, tornando suas funções difíceis de serem exercidas em outros lugares.

Acerca do tema, o entrevistado “A” denota que a ACT!ON busca realizar algo parecido no Espírito Santo, assim como também ocorre em Minas Gerais, no entanto, cada estado possui uma dinâmica própria. O mesmo cita o programa da ACATE responsável por desenvolver novas *startups*, o Startlab e atribui a função do mesmo no Espírito Santo ao Findeslab da Findes.

O Sistema Findes compõe 6 entidades que atuam de maneira integrada em prol do desenvolvimento industrial capixaba, isso se dá através da promoção de ações de defesa, representação dos interesses da indústria, ou ainda produtos oferecidos para empresas associadas ou à sociedade em geral (FINDES, 2021).

Nesse aspecto, o entrevistado “A” demarca que o programa Findeslab atua através da mentoria, apoio, estrutura, entre outros, o que de fato se aproxima ao trabalho realizado pelo StartLab, da ACATE. Diante disso, não seria viável para a ACT!ON realizar tal trabalho por denotar duas instituições muito próximas em um mesmo campo de atuação. Nesse âmbito, o entrevistado “A” demarca que cada ecossistema terá seus atores atuando em lacunas não desenvolvidas. O mesmo cita o termo “ponte de inovação”, elucidado em apresentações da Fundação Certi, no qual, em termos de analogia, de um lado existe uma ideia, ao passo que do outro, um negócio, a ponte compõe os elementos que transformam uma ideia em um negócio, esses elementos são os diversos atores atuantes em um ecossistema, tais quais as incubadoras, aceleradoras, o investidor anjo, entre outros.

Em síntese, o entrevistado “A” relata que a Fundação Certi e a ACATE são os dois atores mais atuantes no ecossistema de inovação catarinense, ao passo que no Espírito Santo,

temos a ACT!ON; a Tecvitoria; Findes; Fapes; entre outros. Nesse aspecto, enquanto as lacunas em Santa Catarina são primordialmente preenchidas por essas duas instituições, no Espírito Santo a divisão entre as realizações de cada ator se mostra maior.

A próxima pergunta realizada na entrevista busca revelar qual das instituições existentes no Espírito Santo está mais preparada para ser uma “ACATE capixaba”. Nesse aspecto, o entrevistado “A” demarca que no processo de transformar o Sindinfo em ACT!ON, a instituição ampliou sua aproximação não só para empresas que produzem tecnologia, mas também empresas que consomem tecnologia.

O mesmo cita o exemplo da associação entre a ACT!ON e a AutoGlass, empresa inserida no mercado de venda de vidro. Nesse ponto, a mesma não produz tecnologia, no entanto, utiliza-se da tecnologia como suporte de seu modelo de negócios, sendo assim, ainda que a mesma esteja vinculada a um sindicato próprio mediante sua área de atuação, no quesito da tecnologia a empresa escolheu a ACT!ON como forma de apoio nos desafios da tecnologia.

Em síntese, o entrevistado “A” aponta que talvez a ACT!ON ainda esteja longe de realizar todo o papel exercido pela ACATE, no entanto, a mesma possui condições para realizar tais feitos, visto que sua preparação e reconhecimento em termos de abrangência de atuação não só limitada a um sindicato, mas a uma associação de tecnologia, torna a entidade com um potencial viável para isso futuramente. O entrevistado “A” também cita que o movimento de transição da instituição é recente e foi dificultado pela questão da pandemia do Sars-CoV-2, vírus causador da COVID-19, o que dificultou uma série de ações e eventos, inviabilizando um cronograma de visitas e ações programadas para ampliação da visibilidade da instituição.

A sexta pergunta referente ao questionário aplicado é: se já temos uma ACATE no ES, ela teria que fazer tudo o que a de lá faz? Ou focar?. De acordo com o entrevistado “A”, essa pergunta foi parcialmente respondida no quesito das lacunas a serem exploradas pelos atores de um ecossistema, exposta anteriormente. O mesmo cita o exemplo de uma capacitação desenvolvida pela ACT!ON para preparar empresas para se relacionar com fundos de investimento. De acordo com o mesmo, as empresas de sociedade limitada apresentam uma série de limitações administrativas e dificuldades internas, principalmente as de maturidade inicial. Nesse quesito, a probabilidade de um fundo de investimentos ser negado a uma empresa com essas características, é grande.

Tal capacitação se dá através da vinda de instrutores pela ABVcap, uma associação brasileira de *private equity* e *venture capital*, para demonstrar para as empresas capixabas

como se relacionar e negociar com fundos de investimentos; cláusulas e restrições de contrato, e ainda, mentoria para capacitação. Nesse aspecto, esta foi uma lacuna identificada pela ACT!ON. O entrevistado “A” também cita uma parceria com a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) para o lançamento de um novo programa. Essa parceria compõe uma mentoria de professores e pesquisadores da universidade para capacitar empresas com uso de tecnologias mais avançadas, como Big Data e Inteligência Artificial.

A seguir, o questionário aborda três funções não exercidas por nenhum ator que uma ACATE pode exercer no Espírito Santo. Tal pergunta foi respondida mediante uma comparação com os programas da ACATE expostos anteriormente.

Diante disso, o entrevistado “A” revela que as verticais de negócios compõem uma proposta de atuação da entidade. Nesse quesito, a associação iniciou uma vertical relacionada ao campo da construção civil, no entanto, a pandemia dificultou tal processo. Em relação à formação de empreendedores, o entrevistado “A” cita a IEL e o SEBRAE que se utilizam dessa demanda. O Startlab pode ser caracterizado como o Findeslab, em termos de analogia. Já em relação ao ACATE *startups*, a ACT!ON vem realizando tal trabalho por meio de programas de associação com taxas e valores menores para *startups*.

O espaço de inovação aberta da ACATE também pode ser comparado com propostas realizadas pela Findes, segundo o entrevistado “A”. Já a Rede de Investidores Anjo é comparada com processos realizados pelo SEBRAE e pelo Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo (BANDES). Nesse contexto, o primeiro realiza cursos para difundir o conhecimento sobre fundos de investimento, enquanto o segundo, atua na linha do capital de risco e investimento, ocupando tal lacuna com quase R\$ 50 milhões em fundos de investimento para o Estado do Espírito Santo. O entrevistado “A” revela que em Santa Catarina, o Banco de desenvolvimento possui uma atuação relativamente fraca de acordo com sua experiência.

Em relação ao ACATE internacionalização, o entrevistado “A” relata que a ACT!ON utiliza o Centro de Internacionalização da Findes, no entanto, o mesmo não possui uma atuação específica para empresas de tecnologia, e sim de maneira geral. Por fim, o programa “Mulheres ACATE” é visto como extrema importância para o entrevistado, visto que ACT!ON vem gradualmente tentando implementar processos do gênero.

Em síntese, o entrevistado “A” revela que as três funções expostas no questionário são: Mulheres ACATE, ACATE internacionalização e Verticais de negócios. A primeira devido a sua inspiração para a atuação feminina em cargos da diretoria, a segunda devido ao fato de não haver uma especialização no quesito das empresas tecnológicas e a última por ser

uma opção já analisada pela ACT!ON para sua implementação, denotando assim um alto potencial de viabilidade.

A oitava pergunta do questionário: “ *Se não temos ainda uma ACATE no ES, é sinal claro de imaturidade do nosso ecossistema? Mesmo com essa imaturidade, é possível que ela, caso surja, venha a exercer um papel importante neste momento no nosso ecossistema?*” também foi contextualizada pelo entrevistado “A”.

O entrevistado “A” revela que a imaturidade do ecossistema capixaba é um fato, ademais, nos últimos 5 anos este alcançou elevados níveis de desenvolvimento em relação à períodos anteriores. O entrevistado cita a Mobilização Capixaba pela Inovação (MCI) como um “divisor de águas” visto que o mesmo auxiliou fortemente tal processo de desenvolvimento. O entrevistado demarca que tal processo utilizado pelo MCI se guiou pela identificação e unificação dos atores do ecossistema em um só movimento.

Nesse sentido, o mesmo identifica que o MCI é um movimento recente, especificamente, 4 anos, e isso de fato, em relação a ecossistemas mais maduros, denota uma imaturidade do ecossistema capixaba em termos relativos. Apesar da segunda parte da pergunta, o entrevistado “A” demarca que a ACT!ON possui tal proposta e que, nesse aspecto, conseguiria desenvolver um papel relevante dentro do ecossistema capixaba de inovação. O mesmo cita como exemplo a posse de um representante da instituição no conselho científico e administrativo da FAPES.

Ademais, o entrevistado “A” cita também um representante da ACT!ON em um dos maiores conselhos da FINDES, o Conselho de Política Industrial e desenvolvimento tecnológico (COPIN). Além disso, há um movimento de criação do instituto de inteligência computacional do Espírito Santo que será sediado na UFES com o apoio da FAPES, que também contou com participação da ACT!ON. Em síntese, devido à participação ativa da ACT!ON, o entrevistado “A” demarca que a instituição possui reconhecimento dentro do ecossistema de inovação e tecnologia como uma entidade que pode realizar o papel da ACATE, no Espírito Santo.

A nona questão do questionário consiste em analisar a evolução do Ecossistema local de inovação nos últimos anos, utilizando uma analogia em forma de questionamento se o Espírito Santo já deixou de ser a famosa “lata de caranguejos”. Ademais, como seria inserida a discussão da ACATE em tal contexto.

Em alusão à questão anterior, o entrevistado “A” novamente cita o significativo avanço do ecossistema local nos últimos 5 anos, principalmente com o MCI, que direcionou os atores de maneira a preencher lacunas onde antes não havia sua atuação. Em relação ao

termo “lata de caranguejos”, o mesmo considera que visto que um ecossistema compõe organizações que dependem de atuação política, existe o risco de mudanças governamentais que alterem visões, pensamentos e prioridades, contudo, não considera que tal termo descreva o funcionamento atual das instituições ligadas à inovação no Estado do Espírito Santo.

O entrevistado demarca que apesar de tais eventuais mudanças, é importante sempre manter atualizações mediante as pautas em questão, citando o exemplo enunciado anteriormente, a respeito do parque tecnológico em Goiabeiras. Nesse contexto, o mesmo evidencia como um dos papéis da entidade defender os interesses das empresas, no caso, em termos de legislação tributária, direcionamentos, discussões e soluções de problemáticas. Ademais, o mesmo também cita a FINDES como uma instituição de articulação junto aos governos, principalmente no contexto da tecnologia. Nesse aspecto, a ACT!ON se utiliza da força política da FINDES quando entendem que a mesma não tenha força suficiente para determinadas pautas ou discussões.

A décima pergunta redigida no questionário da entrevista busca determinar se a instituição em análise, no caso, a ACT!ON, possui algum programa ou processo que se assemelhe aos da ACATE e qual, no caso de resposta positiva. Nesse sentido, o entrevistado “A” considera que a representatividade das empresas na base tecnológica é o principal alinhamento, visto que a entidade deixou de ser apenas um sindicato se transformando em uma associação, que representa não só empresas que produzem tecnologia, mas também as que as utilizam. Ademais, o mesmo também cita diversas ações que se encaixam nos feitos da ACATE, tais quais a mobilização de empresários; processos de capacitação; associação de *startups*; entre outros processos de desenvolvimento do Ecossistema de Inovação.

Por fim, a última questão busca elucidar a atuação da instituição em análise no ecossistema capixaba de inovação, demarcando quais outras instituições capixabas atuam em cooperação com esta, e de que maneira isso ocorre. Nesse aspecto, o entrevistado “A” demarca que a transição da SINDINFO para ACT!ON, mais especificamente, a proposta, o nome e até mesmo a marca da entidade, tornou possível ampliar sua atuação e obter reconhecimento por isso. O entrevistado também menciona uma entrevista concedida à CBN, onde diversos temas foram analisados: mão de obra; mercado; formação de empresários; fundos de investimentos, entre outros. Tal fator evidencia a atuação da ACT!ON em relação a tal contexto. Por conseguinte, o entrevistado enfatiza a atuação da FINDES e do MCI como grandes entidades de auxílio ao Ecossistema Capixaba de Inovação.

3.3 SEBRAE-ES

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) é um importante ator no quesito da tecnologia e inovação. Esta é uma instituição sem fins lucrativos que possui o propósito de promover a competitividade e o desenvolvimento sustentável de micro e pequenas empresas, assim, auxiliando no fomento ao empreendedorismo. (SEBRAE-ES, 2020).

Em relação ao Estado do Espírito Santo, a instituição possui mais de 40 anos de atuação e está presente em todas as regiões do estado, possuindo uma estrutura própria além de parcerias com o intuito de consolidar um modelo de desenvolvimento sustentável através do acesso ao conhecimento, crédito, tecnologia e mercado.

Esse auxílio as micro e pequenas empresas se dá através de soluções para aproximar parceiros e clientes por meio de consultorias, capacitações e informações técnicas, sendo estas obtidas através de palestras, cursos ou atendimentos individuais e setoriais. (SEBRAE-ES, 2020)

O questionário das entrevistas relativo a pesquisa foi respondida por uma integrante da instituição, que será denominada como “Entrevistada B”. Nesse âmbito, têm-se a primeira pergunta: “*Você conhece a ACATE, em SC? Em caso de resposta positiva, em que situação a conheceu e como você tem interagido com ela?*”. A entrevistada “B” declara conhecer a instituição devido ao seu reconhecimento pelo Sebrae como uma entidade referência no quesito de impulsionamento da inovação, delimitando um estreito relacionamento entre a ACATE e o Sebrae/SC.

A segunda questão direcionada a entrevistada “B” busca expressar qual a importância da ACATE para o ecossistema de inovação em Santa Catarina e quais as principais funções que esta exerce neste ecossistema. A entrevistada “B” discorre que a ACATE se configura como uma das principais organizações inseridas no ecossistema de inovação catarinense, ao passo que a mesma promove e apoia ações que vão desde o desenvolvimento de *startups* até a promoção da inovação aberta. Ademais, a atuação da ACATE no contexto da incubação de empresas se demonstra como uma importante referência para o Sebrae-ES, visto que a MIDTEC já foi reconhecida internacionalmente por sua efetividade em incubação.

A próxima pergunta do questionário reside em classificar o que somente a ACATE faz, e que nenhuma outra instituição faz, mesmo num ecossistema de inovação mais desenvolvido, como o de Santa Catarina. Nesse ponto, a entrevistada “B” esclarece que a diversidade de atuação da ACATE é atípica em outras instituições do gênero, portanto, a

mesma tem seu processo guiado desde o fomento para *startups*, até decisões de investimentos e internacionalização, além da aproximação entre atores do ecossistema e promoção da inovação aberta. Em síntese, a entrevistada “B” profere que tal diversidade configura o diferencial da ACATE dado sua conexão com o ecossistema de inovação catarinense.

Tem algo como a ACATE em outros ecossistemas brasileiros? Como no Porto Digital, por exemplo? Ou é uma instituição típica de SC, e difícil de ter suas funções exercidas em outros lugares? A entrevistada “B” menciona, em relação a tal questão, que existem muitas iniciativas que possuem proposta similar, ressaltando a dinâmica própria de cada ecossistema de inovação. Nesse sentido, a entrevistada “B” cita a Rede Mineira de inovação (RMI), o InovaBra Habitat em São Paulo e, no Espírito Santo, a Mobilização Capixaba pela Inovação (MCI).

A quinta questão reside em verificar qual das instituições existentes no ES está mais preparada para ser, ou já está sendo, a ACATE capixaba. A Entrevistada “B” considera que o Sebrae possui potencial em tal quesito, principalmente devido a seus projetos de desenvolvimento de *Startups*, entre eles, o Trilha SebraeUP e o InovAtiva Brasil; Internacionalização de *Startups* (Startout, Land2Land); ambientes de inovação próprio (SebraeLab) e por fim, projetos de apoio a demais ambientes: Habitats de Inovação ES, Nexo e Catalisa Corp no âmbito da inovação aberta e Catalisa ICT no contexto de apoio a *spin offs* acadêmicas. Ademais, a entrevistada “B” também cita o FindesLab por se caracterizar como uma instituição de excelência devido ao desenvolvimento de *startups* e promoção de inovação aberta.

Em seguida, a resposta da entrevistada “B” busca revelar se caso já exista uma “ACATE” no Espírito Santo, essa teria que focar em atividades específicas ou realizar os mesmos processos da entidade catarinense. A entrevistada “B” cita a existência de dois significantes desafios de uma instituição promotora de inovação no contexto capixaba: o primeiro consiste em apoiar *startups* a “vencer o vale da morte”, em outras palavras, transitar do estágio de ideação à operação e tração, com acesso a recursos para prototipagem, validação do negócio e acesso ao mercado e clientes. Este, segundo a entrevistada “B” é um dos principais gargalos atualmente no Espírito Santo, ao passo que o segundo consiste em formar e atrair fundos de investimento.

Em relação as três funções principais que uma ACATE pode exercer no ES, e que não são realizadas atualmente por nenhum dos atores capixabas, a entrevistada “B” cita as Verticais de negócios; a ACATE startups; a Rede de Investidores Anjo (RIA); e por fim, a

iniciativa Mulheres ACATE, grupo temático voltado para redução de desigualdades de gênero e ampliação feminina no contexto do empreendedorismo inovador.

A oitava pergunta questiona a maturidade do Ecosistema Capixaba dado o fato de ainda não existir uma ACATE no Estado, nesse quesito, em função de tal imaturidade do ecossistema, caso venha a surgir uma instituição similar, essa teria a capacidade de exercer um importante papel no ecossistema de inovação do Espírito Santo? A entrevistada “B” cita o MCI como importante ator que elaborou um planejamento de atuação conjunta de maneira concisa para a evolução do ecossistema capixaba. Ademais, a entrevistada “B” enfatiza que é necessário um avanço na horizontalização da governança de tal estratégia, assim como a ampliação desta para o interior do Estado. Por fim, a entrevistada “B” expõe como maior desafio a melhora da comunicação entre os atores do ecossistema a fim de evitar sobreposições de iniciativas, dessa maneira, direcionando ações prioritárias específicas.

A nona pergunta do questionário é complementar à anterior, indagando a evolução do ecossistema local de inovação nos últimos anos, e ainda, inserindo a metáfora da “lata de caranguejos” no contexto das empresas capixabas. Nesse âmbito, a entrevistada “B” também sinaliza o MCI como possível agregador do Ecosistema via otimização da comunicação entre as partes envolvidas. Essa se apresenta como uma falha enfrentada pelos atores do ecossistema capixaba, contudo, com o passar dos anos, os atores se mostram mais engajados e abertos à atuação conjunta do que em períodos anteriores, evidenciando assim, uma progressão em tal contexto.

Em relação aos programas e processos do Sebrae-Es que se assemelham aos da ACATE, os mesmos foram citados previamente na resposta da quinta pergunta do questionário. Esses se configuram na modalidade do desenvolvimento de *startups*; preparação e aproximação com investidores (capital empreendedor); internacionalização de *startups*; ambientes de inovação própria e inovação aberta, e por fim, projeto de apoio para demais ambientes de inovação.

Por fim, a última questão respondida se configura na modalidade de atuação da instituição em análise (Sebrae-ES) e quais instituições capixabas agem em cooperação com esta. De acordo com a entrevistada “B”, o Sebrae tem atuado de maneira norteada pelos objetivos e projetos coletivos propostos pelo MCI. De tal maneira, em 2020, os resultados de tal trabalho são expostos através de parcerias formais com diversas entidades, tais quais universidades: Ufes, Ifes, Faesa, UVV, UCL, entre outras; com o Governo Federal – Ministério da Economia e Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação – com o Governo

Estadual, especialmente Secti e suas incubadoras: LabGes e Secult. E por fim, com ambientes de inovação, organizações produtivas e sociais.

3.4 ASSESPRO-ES

A Federação das Associações das Empresas Brasileiras de Tecnologia da Informação (Assespro) é oriunda do ano de 1976, sendo assim a mais antiga entidade do setor no Brasil, com mais de 40 anos de atuação. Em relação aos seus objetivos, a instituição possui como propósito a promoção do desenvolvimento da sociedade com aplicação de inovação e tecnologia, de modo a trabalhar para que o setor de TI se configure como o principal vetor de desenvolvimento nacional. (ASSESPRO, 2021).

Nesse aspecto, a entidade possui reconhecimento em diversos níveis governamentais, ao passo que se evidencia como membro ativo de diversos conselhos e comitês, tais quais o Comitê da Área de Tecnologia da Informação e o Comitê Gestor de Internet do Ministério da Ciência e Tecnologia.

Atualmente, a Assespro representa mais de 2000 empresas de Software e serviços tecnológicos, interligados por meio de suas 13 regionais, cada uma com uma própria diretoria. A amostra de associados da instituição é composta por empresas privadas nacionais na área da tecnologia e inovação, atendendo a empresas de tanto médio e grande porte, como micro e pequenas empresas.

No ano de 2018, a Federação Assespro, em conjunto com suas 13 regionais, realizaram um processo transicional de identidade. Dessa maneira, a nova identidade da Assespro foi baseada em um modelo de comunicação distribuída, de maneira a representar a inteligência espalhada da entidade em seus conselhos, grupos, frentes de atuação e conexões. No mesmo ano, foi lançado o Conselho de Inteligência Jurídica com o fim de apoio estratégico para com a Federação Assespro e suas regionais, em relação a questões jurídicas controversas, principalmente no âmbito tributário e trabalhista, e ainda, gerar e discutir medidas que busquem avançar no marco regulatório do segmento de tecnologia e inovação. (ASSESPRO, 2021).

A Federação Assespro representa o Brasil internacionalmente por meio de duas entidades: Federação das Associações de Entidades de TIC da América Latina, do Caribe, Espanha e Portugal (ALETI); e a Aliança mundial de Tecnologia e Serviços de Informação (WITSA). A primeira constitui uma Federação que agrupa a Indústria de TIC de 19 países e possui o objetivo de promover a difusão, desenvolvimento e comercialização de tecnologias.

Ao passo que a WITSA é um dos principais consórcios de membros da Indústria de TIC's de aproximadamente 80 países, nesse âmbito, os membros da WITSA representam cerca de 90% do mercado mundial de TIC's. (ASSESPRO, 2021).

Em relação as empresas associadas, A Assespro possui duas categorias: a primeira consiste na Associação Regional e compõem empresas que tem sedes em estados que possuem uma Assespro Regional, nesse caso, as associadas tem direito exclusivo aos serviços proporcionados pela filial Regional da Entidade. No segundo caso estão inclusas Empresas sediadas em Estados que não possuem uma Assespro Regional, tal categoria sendo denominada como Associada Nacional.

Nesse âmbito, mediante dificuldades na aquisição da entrevista concedida pela Assespro regional do Espírito Santo, visto o não conhecimento acerca das características da ACATE, a entrevista foi respondida virtualmente por um integrante da Assespro Nacional e será denominado como “Entrevistado C”.

Diante disso, o entrevistado “C” relata conhecer a ACATE por se tratar de uma entidade estadual de Santa Catarina federada à Assespro, do qual o entrevistado “C” faz parte. Além disso, em relação a segunda pergunta que possui objetivo de denotar a importância da ACATE para o ecossistema de inovação catarinense, o Entrevistado “C” denomina como “fundamental”, ao passo que a entidade exerce o papel de desenvolvimento e integração do arranjo produtivo local.

A terceira questão busca elucidar o que somente a ACATE faz, mesmo em um ecossistema de inovação tão desenvolvido quanto o catarinense. Nesse âmbito, o Entrevistado “C” enfatiza que a maior parte dos estados do Brasil possui entidades com o potencial de fazer o mesmo que a ACATE, no entanto, a entidade se distingue por atuar, de fato, na maior parte das ações necessárias.

A quarta pergunta do questionário utiliza-se do exemplo do Porto Digital, em Recife, para exemplificar se existe outra instituição como a ACATE em Santa Catarina, e se por isso, suas funções são dificilmente exercidas em outros lugares. A respeito disso, o entrevistado “C” reforça sua resposta anterior, enfatizando que em todos os estados existem instituições similares, citando as Assespro's Regionais como exemplos válidos.

Em seguida, pretende-se definir qual das instituições existentes no Espírito Santo está mais preparada, ou já está sendo, a ACATE Capixaba. Nesse contexto, o Entrevistado “C” enfatiza o potencial da Assespro Regional de Espírito Santo para se configurar em tal quesito. Além disso, a sexta questão busca compreender se caso já exista a tal ACATE no estado capixaba, se ela teria que se mostrar idêntica a entidade catarinense, ou focar em outros

atributos, nesse quesito, o entrevistado “C” demonstra uma resposta positiva, reiterando o potencial da Assespro-Es de realizar todas as tarefas da ACATE, porém, em Espírito Santo.

A sétima questão respondida pelo entrevistado “C” solicita a citação de pelo menos 3 funções que uma ACATE pode exercer no Espírito Santo, e que não são realizadas atualmente por nenhum dos atores deste ecossistema de inovação. Nesse âmbito, o entrevistado “C” cita 4 funções:

1. Estimular a governança estadual do arranjo produtivo local de tecnologia
2. Impulsionar o desenvolvimento e capacitação de mão-de-obra especializada local
3. Incentivar as empresas locais a atuarem no mercado nacional e internacional.
4. Promover a integração das empresas locais para que atuem unidas e em parceria, local e nacionalmente.

A oitava questão: *“Se não temos ainda uma ACATE no ES, é sinal claro de imaturidade do nosso ecossistema? Mesmo com essa imaturidade, é possível que ela, caso surja, venha a exercer um papel importante neste momento no nosso ecossistema?”* Foi novamente enfatizada pelo entrevistado “C” a despeito da Assespro Regional do Estado Capixaba. O mesmo destaca que “a ACATE local já existe há muitos anos e se chama Assespro-ES”.

A nona pergunta do questionário configura na visão da evolução do ecossistema capixaba de inovação nos últimos anos, em analogia, utiliza-se a expressão “lata de caranguejos” para evidenciar se o Espírito Santo ainda se encaixa em tais padrões. Nesse aspecto, o entrevistado “C” relata a imaturidade do estado capixaba em relação a outros ecossistemas de inovação e, na visão do mesmo, ainda há muito a ser feito com o propósito de melhorar a governança do ecossistema local do Estado Capixaba.

A décima e penúltima questão busca evidenciar a existência de algum programa ou processo que a instituição analisada possua e que se assemelhe aos da ACATE, nesse contexto, o entrevistado “C” expressa que as unidades da Assespro que existem nos principais estados da Federação se encaixam em tais parâmetros.

Por fim, a última pergunta do questionário reflete a consideração do entrevistado “C” para com a atuação da instituição em análise no contexto do ecossistema de inovação capixaba, nesse quesito, o entrevistado “C” revela que para o mesmo, a filial capixaba ainda precisa se desenvolver muito, e que para isso, a ACATE pode servir como referência para a entidade capixaba.

3.5 VAMO

O Vale da Moqueca consiste em um movimento com o objetivo de transformar e valorizar, através de um ambiente favorável para o desenvolvimento de novos negócios, *startups*, eventos, entre outros, o cenário empreendedor do Espírito Santo. (VAMO, 2021)

A iniciativa de empresários capixabas de impulsionar o desenvolvimento local, tornou possível originar o movimento, que tem por sua base a crença no diferencial logístico; riqueza cultural, espírito colaborativo, assim como a diversidade local como fontes para o crescimento da região.

Nesse contexto, o nome do movimento se dá através de uma alusão ao prato típico da culinária do Espírito Santo. O Vale da Moqueca busca delimitar um território com o objetivo de atrair investimentos e receber novas empresas através da união de três pilares: a iniciativa privada, a academia e o governo. Em síntese, o movimento busca criar conexões no Ecossistema Capixaba, não se identificando como um grupo de investidores anjos, aceleradoras, entre outros.

O questionário de entrevista foi respondido por um integrante da instituição, que será denominado como “Entrevistado D”. Nesse âmbito, a primeira questão busca compreender se o entrevistado conhece a ACATE, e como este interagiu com ela. O entrevistado “D” relata que conhece a associação através de diversas circunstâncias, tais como visitas, em um evento de uma *startup* que o mesmo fundou, apresentação de investidores, e também, junto ao MCI, que contratou a ACATE para um mapeamento das principais verticais do Ecossistema local.

A segunda questão demarca a visão do entrevistado acerca da importância da ACATE para o ecossistema de inovação catarinense. Nesse quesito, o entrevistado “D” relata que em um contexto histórico a mesma se demonstra como essencial devido ao seu elemento agregador entre diversos atores, tais como investidores, inovação aberta, grandes empresas, entre outros.

Em seguida, a próxima questão busca relatar o que somente a ACATE realiza em relação a outras instituições que seguem o mesmo modelo. O Entrevistado “D” demarca que não considera os feitos da ACATE como únicos e específicos, e sim, que a mesma realiza seus processos de maneira mais centralizada por outros movimentos e organizações, devido ao arranjo particular do contexto da mesma, dessa maneira, a ACATE realiza feitos observados por outros ecossistemas de elevada maturidade.

A quarta questão busca evidenciar se existem outras instituições como a ACATE em outros Ecossistemas brasileiros ou se essa é única e difícil de ter suas funções exercidas em

outros locais. O Entrevistado “D” ressalta a resposta da pergunta anterior, citando o exemplo de São Paulo, onde devido ao seu Ecossistema maduro e atuante, com diversas verticais e instituições de inovação, não é necessário se ter uma “ACATE” especificamente em atuação neste ambiente. Em síntese, o entrevistado “D” relata que tal questão envolve aspectos históricos e específicos de cada região, sendo assim, ter uma ACATE em Espírito Santo não se demonstra como primordial e sim identificar os gargalos inexplorados em tal região para que se tenha um desenvolvimento próprio.

A quinta questão tem o propósito de elucidar as instituições existentes no Espírito Santo que estão mais preparadas ou já estão sendo uma “ACATE Capixaba”. Nesse âmbito, o entrevistado “D” demarca que em sua visão, o Espírito Santo não necessita de uma ACATE capixaba, mas sim de uma série de ações que a ACATE realiza. Nesse aspecto, o mesmo cita o MCI com o adendo da força do movimento em questões de políticas públicas, que para o mesmo, talvez nem a própria ACATE realize. Também cita movimentos orgânicos como o próprio VAMO ou, ainda, o Ilha Valley, demarcando que estes auxiliam na interação entre atores no ecossistema capixaba, reiterando que não é necessário ser uma associação para que isso funcione. Ademais, o entrevistado “D” também menciona a ACT!ON por se tratar de uma associação voltada para a área da tecnologia com focos em inovação, preenchendo assim, alguns gargalos encontrados no ecossistema capixaba, e, ainda, o Findeslab do Findes, por exercer processos de inovação aberta e a TecVitoria devido ao seu programa de incubação de empresas. Em síntese, o entrevistado “D” demarca que não considera essencial a existência de uma ACATE capixaba, e, sim, de diversos atores que focam em áreas específicas com sua área de atuação, agregando assim, de maneira geral ao ecossistema de inovação local.

A resposta da próxima pergunta, onde se questiona se a ACATE no Espírito Santo deveria fazer tudo o que a de Santa Catarina faz, ou focar, é complementada pela anterior, visto que para o entrevistado “D”, é necessário se identificar as lacunas onde não há atuação de alguma instituição, nesse âmbito, cada ator realizará sua própria tarefa com maior aptidão em meio aos processos utilizados pela instituição em específico.

A sétima questão respondida pelo entrevistado “D” compõe a citação de três funções principais que uma ACATE pode exercer no Espírito Santo. Nesse contexto, o entrevistado “D” manifesta não visualizar tais funções principais, e sim lacunas no Estado capixaba, porém sem especificar em uma perspectiva única da ACATE, o mesmo cita dois problemas encontrados no ecossistema local: o primeiro está relacionado à densidade de negócios, ao passo que o segundo reflete a carência de base da academia como fonte de inspiração de projetos, especialmente no ambiente público.

Em relação à oitava pergunta: “*Se não temos ainda uma ACATE no ES, é sinal claro de imaturidade do nosso ecossistema? Mesmo com essa imaturidade, é possível que ela, caso surja, venha a exercer um papel importante neste momento no nosso ecossistema?*” O entrevistado “D” reitera que a uma “ACATE” em específico não é imprescindível no funcionamento de um ecossistema, contudo, o entrevistado “D” relata que em relação à maturidade do ecossistema local, o mesmo “não é o mais maduro, chegamos atrasados e temos muito chão para percorrer”.

A nona questão se denota complementar à anterior, onde busca delimitar a evolução do ecossistema local nos últimos anos, além da visão do entrevistado em relação a analogia da “lata de caranguejos”. Nesse aspecto, o entrevistado “D” discorre que apesar de um início tardio, a evolução do ecossistema capixaba se mostra bem estruturada e acelerada. Para ele, o principal gargalo corresponde à base de talentos e projetos, pois o restante dos atores, tais quais aceleradoras, incubadoras, investidores ou até mesmo o acesso ao mercado, se mostram adaptados para com a estrutura do ecossistema local. Em relação a analogia da “lata de caranguejos” o mesmo relata não concordar com tal expressão, justificado no argumento de que a cidade de Vitória é comparada com grandes centros urbanos menores, sendo assim, apresentando aspectos provincianos, dessa maneira, tal expressão converge de maneira pejorativa, se apresentando como um problema do empreendedorismo tradicional, onde em ambientes modernos de inovação, não existe.

A décima pergunta do questionário consiste em analisar se a instituição do entrevistado possui algum programa ou processo que se assemelhe aos da ACATE. Nesse quesito, o entrevistado “D” demarca que pelo fato do VAMO consistir em um movimento orgânico, o mesmo não pode falar por todos os integrantes deste, e sim a partir da sua percepção como membro do conselho. Dessa maneira, o entrevistado “D” menciona a origem prematura da ACATE no ecossistema catarinense, sendo assim, a associação conseguiu abranger grande parte de atribuições importantes no local, ao passo que no Espírito Santo, isso se dá de forma dissipada. Nesse quesito, o VAMO surge como para ajudar na conexão entre empreendedores e empresas, assim como outros atores do ecossistema local, não necessariamente via inovação aberta, e sim através da integração, processo esse que não somente o VAMO realiza, mas outros movimentos como o MCI. No entanto, segundo o entrevistado “D” a atuação do VAMO se dá em um “passo atrás”, desde a ideação, formação de times, conectar empreendedores, o ambiente acadêmico, capital semente e afins. Em síntese, o entrevistado “D” considera que a proposta do Vale da Moqueca é atuar como ponte, facilitando o trânsito de todos os atores no ecossistema local.

Por fim, a última questão busca delimitar a atuação da instituição do entrevistado no ecossistema capixaba de inovação, além disso, quais instituições atuam em cooperação com ela e de que maneira isso ocorre. O entrevistado “D” relata que a instituição iniciou a pouco tempo sua atuação, visto que inicialmente passaram por um período de testes e validações, contudo, segundo o mesmo, o VAMO contribuiu com muitas questões concretas e pontuais, citando por exemplo, o fato do VAMO estar envolvido em trazer o programa SEED⁴ (*Startups and Entrepreneurship Ecosystem Development*) para Vitória, estando na fase de estruturação para o lançamento do mesmo.

Nesse contexto, o entrevistado “D” revela cooperação com o MCI e o Findeslab, estando envolvidos em todas as frentes onde o movimento se encaixa. Ademais, o entrevistado “D” elucida os problemas causados pela pandemia causada pelo Sars-CoV-2, vírus causador da COVID-19, redirecionando a dinâmica do movimento para atuações de assistência pelos mais impactados pela crise da pandemia, além de impossibilitar eventos e reuniões físicas em meio a um ambiente saturado de reuniões virtuais, o que levou o VAMO a aguardar a amenização da situação para uma atuação mais consistente. Por fim, o entrevistado “D” sintetiza que existe um papel importante para o VAMO, assim como para outras instituições, seja para facilitar a conexão entre os diversos atores do ecossistema local, ou para criar times de alta performance para realização de projetos desafiadores, aumentando assim a densidade de negócios locais, sendo esse o maior gargalo encontrado no ecossistema local, de acordo com o entrevistado “D”.

3.6 CONCLUSÃO

As entrevistas realizadas no terceiro capítulo permitiram a obtenção de diversas informações válidas no âmbito da pesquisa. A fim de facilitar a análise das informações concedidas pelos entrevistados (as), foi elaborado um quadro com a síntese das respostas do questionário aplicado. A transcrição das entrevistas evidencia um maior grau de detalhes, ao passo que o quadro 3 tem o objetivo de facilitar a compreensão acerca da visão enunciada pelos entrevistados (as).

⁴ Agente de fomento do ecossistema de empreendedorismo e inovação. Consiste em um programa de aceleração de *startups* para empreendedores com abrangência mundial (SEED, 2021)

Quadro 3 – Síntese das entrevistas

Instituição/ Entrevistado(a)	ACT!ON Entrevistado A	SEBRAE-ES Entrevistada B	ASSESPRO Entrevistado C	VAMO Entrevistado D
Conhece a ACATE?	Sim.	Sim.	Sim/Federada a Assespro.	Sim.
Importância da ACATE ?	Espaço físico da instituição que reflete um hub com espaço de conexão entre empresas se demonstra uma fonte de inspiração.	Desenvolvimento de <i>startups</i> até a promoção da inovação aberta. Referência em incubação de empresas.	papel de desenvolvimento e integração do arranjo produtivo local.	Historicamente essencial devido ao seu elemento agregador entre diversos atores.
ACATE é única ?	Sim, com ressalvas.	Sim, com ressalvas.	Sim, com ressalvas.	Não, com ressalvas.
Existe outra ACATE ?	Sim, dependente das lacunas e particularidades de outros estados.	Sim, , ressaltando a dinâmica própria de cada ecossistema de inovação.	Sim, em diversos estados existem instituições similares.	Sim, dependente de contexto histórico e específico de cada região.
Qual instituição capixaba é a ACATE?	ACT!ON	SEBRAE-ES	ASSESPRO-ES	-
ACATE capixaba tem que ser igual a catarinense?	Não.	Não.	Sim.	Não.
3 funções que a ACATE-ES precisa realizar	Mulheres ACATE, ACATE internacionalização e Verticais de negócios.	Verticais de negócios; Acate <i>startups</i> ; RIA; Mulheres ACATE.	Governança estadual do arranjo produtivo local de tecnologia; Capacitação de mão-de-obra especializada local; Atuação de empresas locais no	Densidade de negócios e carência da base acadêmica como fonte de inspiração de projetos.

			mercado internacional; Promoção da cooperação entre empresas.	
Ecosistema capixaba é imaturo ?	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Ecosistema capixaba evoluiu recentemente ?	Sim.	Sim.	Sim.	Sim.
Sua instituição possui algum programa igual ao da ACATE ?	Representatividade das empresas na base tecnológica.	Desenvolvimento de startups; Capital Empreendedor; internacionalização de startups; ambientes de inovação própria e aberta.	Regionais da Assespro.	Conexão entre empreendedores; formação de times; capital de risco
Quais instituições cooperam com a sua no ecossistema capixaba?	Findes e MCI.	MCI.	-	Findes e MCI.

Elaboração própria através das informações obtidas nas entrevistas.

Inicialmente, a resposta da primeira questão é unânime perante os entrevistados. Nesse sentido, a interação com a ACATE se deu através de maneiras diferentes, ao passo que o Assespro é a única instituição mencionada com uma interação direta com a ACATE, visto que esta é federada ao Assespro.

Em relação à segunda questão, os entrevistados também ressaltaram em conjunto a importância da ACATE no ecossistema de Santa Catarina. Diversos pontos foram auferidos para evidenciar a importância da instituição: contexto histórico, conexão entre atores do ecossistema local, espaços físicos de inovação e conexão entre *startups* e *corporates*,

referência mundial no contexto da incubação de empresas, entre outros. Nesse aspecto, é válido citar que os entrevistados visualizam a instituição como uma inspiração no quesito de sua atuação.

Ao analisar a terceira e a quarta pergunta do questionário, a princípio, as respostas das mesmas podem parecer contraditórias, visto que três dos quatro entrevistados consideram a instituição bem específica, e ainda assim, todos afirmam que existem instituições similares em outros estados. No entanto, também se revelou o padrão da existência de lacunas e gargalos de acordo com cada ecossistema regional, evidenciando suas particularidades e especificidades, nesse contexto, as respostas não aparentam contradição na análise em geral. Em síntese, ainda que a ACATE seja uma instituição referência no âmbito da inovação e do setor tecnológico, existem outras entidades que realizam processos e programas similares a mesma, constatando o fato de que em um ecossistema de inovação, a integração entre os atores, de maneira que cada um exerça uma função específica, é válido no contexto geral do desenvolvimento regional.

A próxima questão também fornece informações valiosas para a pesquisa. Os entrevistados A, B e C demarcaram as instituições as quais integram como potenciais “ACATE’s” capixabas, com exceção do entrevistado “D”, que reiterou a ideia de que não é necessário ter uma ACATE em específico, nesse contexto, o mesmo citou algumas entidades passíveis para com a analogia, como o próprio VAMO, a ACT!ON, Findeslab e o MCI. Nesse contexto, a única instituição entre as analisadas, citada duplamente como uma potencial ACATE capixaba, é a ACT!ON.

A sexta questão aplicada aos entrevistados (as) também só obteve uma resposta divergente às demais. Ao passo que os integrantes da ACT!ON, Sebrae-Es e VAMO concordam que na hipótese da existência de uma ACATE capixaba, esta não seria necessariamente ser idêntica à associação catarinense, dado que as regiões possuem demandas e gargalos diferentes, o entrevistado “C” demarca que a Assespro-Es possui o potencial para realizar tudo o que a ACATE realiza.

Acerca das três funções que uma ACATE capixaba deveria realizar, o entrevistado “A” e a entrevistada “B” elucidaram programas da própria ACATE que estes consideram lacunas no ecossistema capixaba, sendo o Mulheres ACATE e o Verticais de negócios comum aos dois, o que evidencia a ausência de programas similares no Estado do Espírito Santo. Já o entrevistado “C” demarca outras questões que o mesmo considera triviais para o desenvolvimento do ecossistema local como o a atuação das empresas locais no mercado internacional e a promoção da cooperação entre empresas. Por fim, o entrevistado “D”

demarca a carência na densidade de negócios e a ausência de uma forte base acadêmica como fonte de inspiração de projetos.

As duas questões consecutivas foram respondidas de forma unânime por todos os entrevistados (as). Evidencia-se uma opinião comum de que apesar de o ecossistema capixaba de inovação se demonstra imaturo em relação a outros mais desenvolvidos, nos últimos anos o mesmo apresentou considerável desenvolvimento, explicitado por diversas iniciativas citadas durante a transcrição das entrevistas.

No âmbito dos programas ou processos que se assemelham aos da ACATE, a ACT!ON considera como destaque sua representatividade para com empresas de base tecnológica. No caso do Sebrae-es, pode-se citar o desenvolvimento e internacionalização de *startups*, acesso ao capital empreendedor, assim como os ambientes físicos de inovação própria e aberta. A Assespro demarca que suas regionais realizam processos similares aos da ACATE ao passo que o VAMO tem seu foco na conexão entre empreendedores, capital de risco, entre outros.

Por fim, a última questão respondida pelos entrevistados (as) revela informações cruciais para a pesquisa: A Mobilização Capixaba pela Inovação foi citada em três das quatro entrevistas realizadas, ao passo que a Findes, em duas. Tal informação elucida duas entidades fundamentais para o ecossistema capixaba de inovação, que apesar de não constituírem foco de análise no trabalho em específico, se configuram como atores válidos para pesquisas e análises futuras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, em seu primeiro capítulo, o trabalho se propôs a analisar, os conceitos teóricos de inovação que permeiam a base literária da pesquisa. Além disso, foram definidos os diversos atores que compõem um ecossistema de inovação, fator este que foi evidenciado de maneira prática nos capítulos posteriores, tanto com a atuação da ACATE e outros atores que atuam no Estado de Santa Catarina, quanto das instituições que participam do ecossistema de inovação do Estado do Espírito Santo.

Nesse quesito, primeiramente, em relação ao conceito de um ecossistema de inovação, evidenciou-se que o mesmo compõe um ambiente dinâmico de interação e cooperação entre todos os participantes deste. Esse fato pode ser corroborado pelo fato de que grande parte dos programas e objetivos da ACATE envolvem conexões e *network* entre os mais diversos atores. Tal fator também foi verificado durante as entrevistas locais, principalmente com os

integrantes do ACT!ON, Sebrae-ES e VAMO. A cooperação e dinâmica entre os atores vai ao encontro ao próprio significado do termo ecossistema, que denota um significado de cunho biológico, em termos de analogia com o cenário do empreendedorismo inovador.

Quanto ao último citado, também é notória a importância do empreendedorismo inovador na criação de inovações e no cenário do desenvolvimento do ecossistema de inovação. Nesse âmbito, um caso particular do empreendedorismo inovador são as *startups*, também contextualizadas no capítulo teórico da dissertação. Essas compõem um dos atores mais presentes em tal ambiente e no decorrer do trabalho, torna-se explícita a importância das mesmas em relação às dificuldades de sucesso por estas encontradas.

De fato, grande parte destas dificuldades podem ser identificadas no âmbito do capital de risco. A ACATE, além de um grupo temático acerca do tema, também possui o programa da Rede de Investidores Anjos, uma lacuna identificada pelos integrantes da ACT!ON e Sebrae-ES, que apesar de exploradas por tantos nestas instituições, como o próprio Vale da Moqueca, requer atenção, como foi verificado durante a pesquisa.

Ainda no quesito dos desafios do ecossistema capixaba de inovação, pode-se citar a seção do modelo hélice tríplice, que envolve o governo, as instituições e academia. O entrevistado “D” elucida que a base acadêmica requer um incremento qualitativo na cooperação com o cenário empreendedor, contudo, também foi possível verificar que a ACT!ON atua em tal meio, e de maneira mais intensa ainda, o próprio Sebrae-ES, em sua interação com a academia (Ufes, Ifes, Faesa, UVV, UCL, entre outras), Governo (Federal e Estadual) além de incubadoras e ambientes de inovação. Ademais, quanto à Assespro-ES, não foi possível, por meio das entrevistas, constatar uma interação direta da instituição para com a academia. Este fato foi decorrência da impossibilidade de se realizar uma entrevista com um integrante da Assespro-ES. Contudo, pelo fato do entrevistado “D” residir no mesmo Estado que a ACATE e, ainda, que a maior parte das perguntas do questionário são baseadas na instituição catarinense, a entrevista concedida pelo mesmo não se mostra irrelevante visto que é possível extrair informações importantes, dado o contexto da pesquisa.

Os parques tecnológicos também se apresentam como um ator de peso no ambiente de inovação. Estes instauram uma série de benefícios para as empresas que nele estão instaladas. Durante a entrevista concedida pelo integrante da ACT!ON, o mesmo revela a proposta que a instituição vem trabalhando há anos para a construção de um parque tecnológico em Goiabeiras.

Já no contexto das aceleradoras e incubadoras, estas se mostram imprescindíveis para ampliar as chances de sucesso das *startups*. Durante a entrevista concedida pelo entrevistado

“A”, a aceleradora Darwin, da ACATE é citada como uma referência, ao passo que a própria MIDTEC, também da ACATE, é considerada uma das melhores incubadoras internacionalmente. Acerca do Estado do Espírito Santo, foram citadas as incubadoras TecVitória, LabGes e Secult.

O segundo capítulo da dissertação compõe, primeiramente, uma breve análise do ecossistema de inovação de Santa Catarina. Nesse ponto, foi possível verificar alguns atores que atuam na mesma localidade da ACATE, e, neste quesito, a Fundação Certi ganha destaque, inclusive sendo citada durante a entrevista do integrante da ACT!ON como uma instituição de referência. Além disso, o Sebrae-SC também se evidenciou como um importante ator via cooperação entre empresas, facilidades de acesso a serviços financeiros, além de cursos de capacitação. Nesse âmbito, o Sebrae, por se tratar de uma entidade com regionais em diversos estados do país, se aproxima da Assespro quanto ao modo de atuação da instituição.

Já em relação à própria ACATE, constata-se que a instituição trabalha em praticamente todas as áreas relacionadas com inovação, envolvendo todos os atores citados anteriormente no primeiro capítulo do trabalho, com exceção de componentes da hélice tríplice, por não evidenciar interação direta com a academia, lacuna essa preenchida de maneira mais uniforme pela Fundação Certi, assim como o próprio Sebrae.

O programa StartLab tem foco em network e mentoria, com o objetivo de criação e desenvolvimento de novas *startups* e impulsionamento de negócios. As verticais de negócios, programa evidenciado pelo entrevistado “A” e pela entrevistada “B”, se revela como uma possível referência para o ecossistema capixaba, nesse quesito, por se tratar de *clusters* constituídos de empresas associadas em um mesmo segmento de mercado, o que significa que as mesmas se aproximam do conceito de parques tecnológicos.

A MIDTEC se configura como uma incubadora referência na formação de empreendedores e no desenvolvimento de negócios de alto impacto. O LinkLab compõe um espaço físico propício para inovação aberta e aproximação entre *startups* e *corporates*. O RIA consiste em uma comunidade que aproxima investidores de *startups* e empreendedores. O ACATE Internacionalização tem o objetivo de expandir os alcances de empresas para o mercado exterior, e, por fim, o Mulheres ACATE que se mostra como um grupo temático voltado para a área social, ampliando a participação feminina no mercado a fim de reduzir desigualdades e apoiar novas gerações de mulheres para adentrar ao emprego no setor de tecnologia, programa esse também citado como uma fonte de inspiração para as instituições do integrante da ACT!ON, assim como pela entrevistada “B”, do Sebrae-ES.

Todos estes fatores evidenciam a ACATE como uma instituição de excelência na busca pela conexão entre os diversos agentes do ecossistema catarinense de inovação e uma base importante para a análise destes tipos de atividades no contexto da economia capixaba.

O terceiro e último capítulo buscou analisar o ecossistema de inovação capixaba de maneira sintetizada, além de uma aproximação prática através de entrevistas concedidas pelos integrantes de quatro instituições do Estado: ACT!ON; Sebrae-ES; Assespro e VAMO. O propósito de tal capítulo seria identificar qual dessas se encaixaria como uma possível ACATE, ou exercendo atividades desta instituição, porém, no estado do Espírito Santo.

Lembrando de início, que a impossibilidade de se conseguir entrevistas com os integrantes do CDMEC e da representação local do Assespro, o que prejudicou um pouco a identificação completa dos atores que atuam de forma parecida com a ACATE no Estado, mesmo assim as entrevistas realizadas proporcionaram uma visão prática sobre o funcionamento do ecossistema capixaba no geral, permitindo também cumprir de forma adequada os objetivos da pesquisa.

Nesse caso, conclui-se que as especificidades históricas e regionais de Santa Catarina e Espírito Santo não possibilitam uma comparação exata entre os dois ecossistemas. Constatou-se que, em termos de programas e processos, cada uma das instituições analisadas apresenta pelo menos algum fato semelhante ao da ACATE, contudo, nenhuma delas realiza todas as tarefas que esta realiza.

Ademais, também é possível verificar que de fato, não é necessário haver uma ACATE em específico no Estado. Conforme analisado, cada uma destas instituições atua em cooperação de modo direto ou indireto, atingindo gargalos diferentes. A ACT!ON demonstra aproximação com a ACATE dada sua representatividade de empresas de base tecnológica, tais quais seus programas que envolvem temas como desenvolvimentos de *startups* e acesso ao capital de risco. O Sebrae-ES também realiza tais processos e se assemelha em algum grau com a própria Assespro, ao passo que o VAMO tem sua base em etapas primordiais ao processo de inovação, como a formação de times e a conexão entre empresas, mercado, entre outros.

Ou seja, não é necessário ter exatamente uma ACATE em território capixaba, mas vimos que as instituições acima mencionadas atuam de alguma forma realizando funções típicas suas, promovendo a conexão dos agentes locais, o que inclusive tem se acelerado nos últimos anos. A tendência é nos próximos anos esse processo se consolidar, eliminando com isso a duplicidade de atuação em algumas situações e promovendo a especialização de cada agente em certas atividades de conexão.

É nítido que falta essa consolidação quando se nota, pelas entrevistas, certa divergência entre os representantes da Assespro e do ACT!ON sobre quem realmente exerce o papel de ACATE no Espírito Santo. Infelizmente a falta de informações locais sobre a Assespro não permitiu o aprofundamento desta questão, mas é nítido que há no mínimo sobreposição de funções, contudo, é possível que a própria trajetória de amadurecimento do ecossistema local de inovação pode atenuar estas divergências e aprofundar as sinergias entre as instituições.

A pesquisa torna evidente também que apesar de o ecossistema Capixaba de inovação se mostrar imaturo em relação a outros mais desenvolvidos, tais como Santa Catarina, o mesmo se desenvolveu de maneira intensa no decorrer dos últimos anos e uma cooperação onde cada instituição foque em determinada área que não possui atuação clara de outros atores no Estado pode gerar ganhos em termos de desenvolvimento, no geral, mais amplo para o ecossistema local de inovação.

Além disso, também se extrai a informação de diversos atores imprescindíveis para o ecossistema de Espírito Santo, não analisados de maneira aprofundada, o que pode ser relevante para pesquisas futuras no âmbito do tema. Nesse quesito, a Mobilização Capixaba pela Inovação (MCI) e a Findes se destacam por serem constantemente citados no decorrer dos questionários aplicados. Inclusive no caso específico do MCI surge a necessidade de se estudar como esta instituição se transformou na instância de coordenação de fato do ecossistema local de inovação, apesar da existência de órgãos governamentais com esta função explícita, como a SECTI.

Em síntese, ainda que o ecossistema de inovação capixaba não possua o grau de maturidade e desenvolvimento de outros Estados, como já é verificado em Santa Catarina, não é imprescindível existir uma ACATE em específico no local, ao passo que nenhuma das instituições capixabas acima estudadas se encaixa plenamente no que foi observado pelos processos da ACATE. Ademais, o desenvolvimento do ecossistema local se mostra em constante processo de amadurecimento, e a atuação conjunta dos atores aqui analisados, além de outros citados no decorrer do trabalho, pode intensificar tal processo de conexão entre todos os agentes de uma forma própria do Espírito Santo, como já vem ocorrendo, o que contribuirá cada vez mais para o crescimento sustentável das atividades locais de inovação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACATE. **Institucional**. Santa Catarina, 2019. Disponível em: <<https://www.acate.com.br/institucional/>>. Acesso em: 15 dez. 2019.

ALBUQUERQUE, E.D.M; SICSU, João. Inovação institucional e estímulo ao investimento privado. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 3, p. 108-114, 2000.

ALMEIDA, R. **O PROGRAMA SINAPSE DA INOVAÇÃO COMO FONTE DE DESCOBERTA DAS VOCAÇÕES INOVADORAS DE UMA REGIÃO: O CASO DO ESPÍRITO SANTO**. 2019.Dissertação. UFES. Vitória.

ALWAER, Husam; CLEMENTS-CROOME, D. J. Key performance indicators (KPIs) and priority setting in using the multi-attribute approach for assessing sustainable intelligent buildings. **Building and environment**, v. 45, n. 4, p. 799-807, 2010.

AREND, M. CÁRIO, S. A. F. **Instituições, inovações e desenvolvimento econômico**. In: Anais do IX Encontro Nacional de Economia Política, Uberlândia, MG. SEP. 2004

ASSESPRO. **Institucional**. 2021. Disponível em <<https://assespro.org.br/federacao-assespro/>>. Acesso em 20 fev.2021.

AZEVEDO, PF de. Organização industrial. **Manual de economia**, v. 3, p. 195-222, 1998.

BAÊTA, Adelaide Maria Coelho; BORGES, Candido Vieira; TREMBLAY, Diane-Gabrielle. Empreendedorismo nas incubadoras: Reflexões sobre tendências atuais. **Comportamento organizacional e gestão**, v. 12, n. 1, p. 7-18, 2006.

BANDES. **Quem somos**. Espírito Santo. 2021. Disponível em <<https://www.bandes.com.br/Site/Dinamico/Show/4/Quem-somos.>> Acesso em 20 mar.2021

BAUMOL, William J. Formal entrepreneurship theory in economics: Existence and bounds. **Journal of business venturing**, v. 8, n. 3, p. 197-210, 1993.

BELLAVISTA, Joan; SANZ, Luis. Science and technology parks: habitats of innovation: introduction to special section. **Science and Public Policy**, v. 36, n. 7, p. 499-510, 2009.

BERNARDES, Roberto Carlos; VARELA, Carmen Augusta; SOARES, José Aparecido. Desafios da consolidação sustentável da cadeia produtiva do biodiesel no Brasil: uma abordagem com base no método da hélice tripla. **Revista de Administração da UNIMEP**, v. 10, n. 3, p. 145-161, 2012.

CALAZANS, André Chamun. **Escassez de crédito no Brasil como principal obstáculo ao investimento em inovação através de capital de risco**. Monografia para MBA em Finanças da Faculdade Federal Fluminense. Niterói, 2005

CÁRIO, Silvio Antonio Ferraz; PEREIRA, Fernanda Cristina B. **Inovação e**

desenvolvimento capitalista: referências histórica e conceitual de Schumpeter e dos neo-schumpeterianos para uma teoria econômica dinâmica. ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA-SEP, v. 7, 2002.

CASSIOLATO, José Eduardo; LASTRES, Helena Maria Martins. Sistemas de inovação e Desenvolvimento: as implicações de política. **São Paulo Em Perspectiva**, v. 19, n. 1, p. 34–45, 2005.

CINDES. **Quem somos.** Espírito Santo. 2021. Disponível em <<https://cindes.com.br/quem-somos/o-cindes/>>. Acesso em 20 mar.2021

CHEROBIM, Ana Paula Mussi Szabo et al. Capital de risco no Brasil: a atuação do fundo de capital semente CRIATEC. **Revista de Administração da PUCRS**, v. 22, n. 2, 2011.

CHRISTENSEN, Clay; RAYNOR, Michael E.; MCDONALD, Rory. **Disruptive innovation.** Harvard Business Review, 2013.

CNI. **Pequenas e médias empresas inovadoras e startups.** Brasília: CNI, 2016

COHEN, S. *What Do Accelerators Do? Insights from Incubators and Angels.* **Innovations: Technology, Governance, Globalization.** 2013. v. 8. p. 19-25.

COHEN, Susan; HOCHBERG, Yael V. **Accelerating startups: The seed accelerator phenomenon.** 2014.

CORDER, S.; SALLES-FILHO, S. **Financiamento e incentivos ao sistema deficiência, tecnologia e inovação no Brasil: quadro atual e perspectivas.** 2004. Tese de Doutorado. Tese de doutorado IGE/Unicamp.

DA COSTA, Achyles Barcelos. O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter. **Caderno Instituto Humanitas Unisinos**, ano, v. 4, 2006.

DINIZ, C. C.; CROCCO, M. Bases teóricas e instrumentais da economia regional e urbana e sua aplicabilidade ao Brasil: uma breve reflexão. *In:* DINIZ, C. C.; CROCCO, M. (Org.). **Economia Regional e Urbana: Contribuições Teóricas Recentes.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

DOLABELA, Fernando. O ensino de empreendedorismo: panorama brasileiro. **INSTITUTO EUVALDO LODI. Empreendedorismo: ciência, técnica e arte**, v. 2, p. 83-97, 1999.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Planejando incubadoras de empresas.** Rio de Janeiro: Campus, 2002.

DOSI, G. *Technological paradigms and technological trajectories: a suggested interpretation of the determinants and directions of technical change.* **Research Policy.** 1982. v. 2. n. 3. p. 147-162.

DOSI, G.; FREEMAN, C.; NELSON, R.; SILVERBERG, G.; SOETE, L. **The nature of the innovative process.** (Org.). Technical change and economic theory. London: Pinter Publishers, 1988. p. 221-238.

ETZKOWITZ, H. *Innovation in innovation: The Triple Helix of university- industry- government relations.* **Social Science Information.** 2003. v. 42. n. 3. p. 293-337.

FAPES. **História.** Espírito Santo. <Disponível em <https://fapes.es.gov.br/historia>>. Acesso em 20 mar.2021

FAPESC. **Institucional.** 2020. Santa Catarina. <<https://www.fapesc.sc.gov.br/>> acesso em :5 de nov. de 2020

FIESC. **Institucional.** Santa Catarina. 2020. <<https://fiesc.com.br/institucional>>. Acesso em :5 de nov. de 2020

FINDES. **Histórico.** Espírito Santo. Disponível em <<https://findes.com.br/historico/>>. Acesso em 20 mar.2021

FILION, Louis Jacques. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **Revista de administração**, v. 34, n. 2, p. 5-28, 1999.

FONSECA, Sergio Azevedo; KRUGLIANSKAS, Isak. **Avaliação do processo de implantação e do desempenho de incubadoras empresariais mistas: um estudo de caso no Estado de São Paulo.** 2000.

FREEMAN, John; ENGEL, Jerome S. Models of Innovation: Startups and Mature Corporations. **California Management Review**, v. 50, n. 1, p. 94-119, 2007.

FREEMAN, Chris; SOETE, Luc. A economia da inovação industrial. **Editora da UNICAMP**, 2008.

FUZETTI, Diana Leite Kochmanski; SALAZAR, José Nicolas Albuja. Empreendedorismo: Evidências conceituais e práticas na visão econômica e administrativa. **Revista de Administração da UNIMEP**, v. 5, n. 2, p. 27-53, 2007.

GARGIONE, Luiz Antonio; PLONSKI, G. A.; LOURENÇÃO, PT de M. Fatores críticos de sucesso para modelagem de parques tecnológicos privados no Brasil. XI Seminário Latino-Iberoamericano de Gestión Tecnológica, **Anais...**, Salvador, 2005

HADDAD, Evelyn Witt. **Inovação tecnológica em Schumpeter e na ótica neoschumpeteriana.** 2010.

IDEIES. **Quem Somos.** Espírito Santo. Disponível em <<https://portaldaindustria-es.com.br/quem-somos>> Acesso em 20 mar.2021

IEL-ES. **História.** Espírito Santo. Disponível em <<https://www.iele.com.br/historia/>>. Acesso em 20 mar.2021

IFES. **Institucional**. Espírito Santo. Disponível em <<https://www.ifes.edu.br/institucional>>. Acesso em 20 mar.2021

INOVAR, Projeto. Ações e Resultados. **Financiadora de Estudos e Projetos–FINEP**, 2001.

JACKSON, Deborah J. **What is an innovation Ecosystem?** Disponível em: <<http://ercassoc.org/content/what-innovation-ecosystem>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

KON, Anita. Ecossistemas de inovação: a natureza da inovação em serviços. **Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace**, v. 7, n. 1, p. 14–27, 11 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.fundace.org.br/revistaracef/index.php/racef/article/view/170>>.

KOSLOSKY, Marco Antonio Neiva; SPERONI, Rafael de Moura; GAUTHIER, Ostuni. Ecossistemas de inovação: Uma revisão sistemática da literatura. **Revista Espacios2**, v. 36, n. 3, p. 13–21, 2015.

LÖFSTEN, H.; LINDELÖF, P. *Science Parks and the growth of new technology-based firms-academic-industry links, innovation and markets*. **Research Policy**. 2002. p. 859-87.

LUNDEVALL, Bengt-Åke. User-producer relationships, national systems of innovation and internationalisation. In: National systems of innovation: Towards a theory of innovation and interactive learning. **Pinter Publishers**, 1992. p. 45-67.

MACHADO, Fabio Gimenez. **Investidor anjo: uma análise dos critérios de decisão de investimento em startups**. 2015. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MEDEIROS, J. A. **Pólos, Parques e Incubadoras**. Brasília: CNPQ - Linha Gráfica Editora, 1992.

MERCAN, Birol; GÖTKAS, Deniz. Components of Innovation Ecosystems:: A Cross-Country Study. **International Research Journal Of Finance And Economics**, v. 76, n. 1, p. 102–112, 2011.

MILAGRES, Rosiléia. Rotinas–uma revisão teórica. **Revista Brasileira de Inovação**, v. 10, n. 1, p. 161-196, 2011.

NELSON.R; WINTER, S.G. *Search of Useful theory of Innovation*. **Research Policy**, 1977.

Observatório ACATE: TECH REPORT 2020. Panorama do Setor de Tecnologia Catarinense 2020. **ACATE**. 2020. Disponível em: <<https://www.techreportsc.com>> acesso em :5 de nov. de 2020

OLIVEIRA, Letícia Silva de. **A análise do serviço de streaming sob a perspectiva schumpeteriana e neoschumpeteriana de inovação: o caso da Netflix**. Seropédica. 2018. UFRRJ.

OSTERWALDER, A. *Business Model Generation* - Inovação Em Modelos de Negócios. São Paulo: Alta Books, 2011.

PEREIRA, Maurilio José; OLIVEIRA, Edson Aparecida de Araújo Querido; DE OLIVEIRA, Adriana Leônidas. Origens dos parques tecnológicos e as contribuições para o desenvolvimento regional brasileiro. *Latin american journal of business management*, v. 7, n. 1, 2016

PEREZ, C. *Technological Revolutions, Paradigm Shifts and Socio-Institutional Change*. In: REINERT, E. (Ed.). *Globalization, Economic Development and Inequality: An alternative perspective*. Cheltenham: Edward Elgar. 2004. p. 217-242.

PORTER, M. E. *A vantagem competitiva das nações*. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

PORTO DIGITAL. Recife. **O que é o porto digital?** 2020. Disponível em: <<https://www.portodigital.org/parque/o-que-e-o-porto-digital>> Acesso em: 10 nov. 2020.

POSSAS, Mario L. **Concorrência schumpeteriana. Economia industrial: Fundamentos teóricos e prática no Brasil**. Rio de Janeiro, Brasil: Campus, 2002.

RAPINI, Márcia Siqueira et al. University—industry interactions in na immature system of innovation: Evidence from Minas Gerais, Brazil. *Science and Public Policy*, v. 36, n. 5, p. 373-386, 2009.

Relatório de Atividades ACATE 2019. **ACATE**. 2020. disponível em: <https://www.acate.com.br/institucional/#relatorio-de-atividades>. Acesso em: 5 de nov. de 2020

RIBEIRO, A. T. V. B.; PLONSKI, Guilherme Ary; ORTEGA, Luciane Meneguim. Um fim, dois meios: aceleradoras e incubadoras no Brasil. In: **ALTEC CONGRESSO LATINO-IBEROAMERICANO DE GESTÃO DA TECNOLOGIA**. 2015.

RUSSO-SPENA, T.; TREGUA, M.; BIFULCO, F. Searching through the jungle of innovation conceptualisations: System, network and ecosystem perspectives. *Journal of Service Theory and Practice*, v. 27, n. 5, p. 977–1005, 2017.

SARMENTO, Marcela Regina Climaco et al. O papel das aceleradoras na consolidação de novas empresas de cultura empreendedora a luz da metodologia lean startup. *EmpíricaBR-Revista Brasileira de Gestão, Negócio e Tecnologia da Informação*, v. 1, n. 1, p. 65-86, 2016.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961. Disponível em: http://mingaonline.uach.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S071872622016000100012&lng=es&nrm=iso&tlng=es

SCHUMPETER, Joseph A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. 1997. São Paulo. Editora Nova Cultural.

SEBRAE. **Quem somos.** Santa Catarina. 2020. Disponível em <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sc/quem_somos?codUf=25>. acesso em :5 de nov. de 2020

_____. **Quem somos.** Espírito Santo. 2020. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/es/quem_somos?codUf=8>. Acesso em 15 de abr.2021.

SENAI. Sobre o Senai. 2020. Disponível em <http://sc.senai.br/sobre-senai>. Acesso em 09 de nov. de 2020.

SENAI-ES. **História.** Espírito Santo. Disponível em <<https://senaies.com.br/sobre-o-senai/historia/>> Acesso em 20 mar.2021

SESI-ES. **História.** Espírito Santo. Disponível em <<https://www.sesies.com.br/sobre-o-sesi-es/historia/>> Acesso em 20 mar.2021

SILVA, Filipe Borsato da; BIAGINI, Fabio Luiz. **Capital de risco e o desenvolvimento de empresas de base tecnológica no Brasil: a experiência dos fundos Criatec e perspectivas.** 2015

SPOLIDORO, Roberto; AUDY, Jorge Luis Nicolas. **Tecnopuc: parque científico e tecnológico da PUCRS.** 2008.

STEINER, João E.; CASSIM, Marisa Barbar; ROBAZZI, Antonio Carlos. Parques tecnológicos: ambientes de inovação. **Revista IEA.** USP. São Paulo, 2008.

SZMRECSÁNYI, Tamás. A herança schumpeteriana. **Economia da Inovação Tecnológica. São Paulo: Hucitec e Ordem dos Economistas do Brasil,** p. 112-134, 2006.

TECVITORIA. **Institucional.** Espírito Santo 2021. Disponível em <<https://www.tecvitoria.com.br/institucional/>> Acesso em 20 mar.2021

TONELLI, Dany Flávio; ZAMBALDE, André Luiz. Idealizações do modelo da Tripla-hélice em contraste com a realidade prática da inovação surgida no contexto universitário brasileiro. **Anais... Rio de Janeiro: ANPAD,** 2007.

UENO, Alexandre Takeshi. **A Concepção de um modelo de empreendedorismo inovador baseado em conhecimento: um estudo de caso do programa Sinapse da Inovação.** 2011. 229 f. Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

UNESC. **Sobre.** Santa Catarina. Disponível em <<https://www.unesc.br/sobre>>. Acesso em 20 mar.2021

UFES. **Instituição.** Espírito Santo. Disponível em <<https://www.ufes.br/instituição>> Acesso em 20 mar.2021

____. **INCUBAUFES**. Espírito Santo. Disponível em <<https://inova.ufes.br/programa-de-incubacao-de-empresas-incubaufes>> Acesso em 20 mar.2021

____. **UFESTEC**. Espírito Santo. Disponível em <<https://inova.ufes.br/incubadora-de-empresas-de-base-tecnologica-ufestec>> Acesso em 20 mar.2021

____. **Programa de Incubação de empresas**. Disponível em <<https://inova.ufes.br/programa-de-incubacao-de-empresas-incubaufes>> Acesso em 20 mar.2021

UVV. **A UVV**. Espírito Santo. Disponível em <<https://www.uvv.br/a-uvv/>> Acesso em 20 mar.2021

VEDOVELLO, Conceição Aparecida; JUDICE, Valéria; MACULAN, Anne-Marie. Revisão crítica às abordagens a parques tecnológicos: alternativas interpretativas às experiências brasileiras recentes. **INMR-Innovation& Management Review**, v. 3, n. 2, p. 103-118, 2006.

VIEIRA FILHO, José Eustáquio Ribeiro. **Modelagem evolucionária da dinâmica industrial (parte 2): trajetórias tecnológicas, capacidade de absorção e aprendizado**. 2015. IPEA

WAGNER, Diego et al. **O papel da inovação no desenvolvimento econômico: uma revisão da literatura Schumpeteriana e Neoschumpeteriana**. 2004. UFSC.

WODTKE, Christina. Introduction to OKRs. **O'Reilly Media**, 2016.

GLOSSÁRIO

Corporates – Grandes empresas com elevado nível de maturação

Coworking – local onde diversas empresas e freelancer dividem um mesmo ambiente de trabalho e ideias, compartilhando as despesas gerais e locais de área comum.

Dashboard - painel visual que demonstra um conjunto de informações referentes as áreas de TI e Gestão empresarial

Deal flow - termo usado por profissionais de finanças, como capitalistas de risco, investidores anjos, private equity e banqueiros de investimentos, para se referir à taxa pela qual eles recebem propostas de negócios ou ofertas de investimentos

Home office – realizar tarefas relativas ao trabalho em casa, como se estivesse na empresa.

Know how - conhecimento de normas, métodos e procedimentos em atividades profissionais que exigem formação técnica ou científica.

Mindset - redistribuição psicológica que uma pessoa ou grupo social têm para determinados pensamentos e padrões de comportamento

Pitches - apresentação rápida de um produto ou um negócio, com o objetivo de vender determinada ideia para investidores, clientes, sócios ou parceiros.

Sales engagement - interações que acontecem entre um vendedor e um cliente. Essas interações levam em conta o tempo de contato, a quantidade de vezes e o conteúdo dos diálogos.

Onboarding - série de processos pelo quais os novos colaboradores passam ao serem admitidos por uma organização para promover a socialização de um novo colaborador os processos, procedimentos e a cultura organizacional.

Outbound – processo de abordagem de potenciais clientes ao perfil ideal de determinada empresa, geralmente definido por um conjunto de parâmetros conectados às características do cliente que melhor se adapta à solução oferecida.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO DAS ENTREVISTAS

1. Você conhece a ACATE, em SC? Em caso de resposta positiva, em que situação a conheceu e como você tem interagido com ela?
2. Qual a importância da ACATE para o ecossistema de inovação em SC? Quais as principais funções que ela exerce neste ecossistema? Apresentar uma lista para o entrevistado escolher.
3. O que somente a ACATE faz, e que nenhuma outra instituição faz, mesmo num ecossistema de inovação mais desenvolvido, como SC?
4. Tem algo como a ACATE em outros ecossistemas brasileiros? Como no Porto Digital, por exemplo? Ou é uma instituição típica de SC, e difícil de ter suas funções exercidas em outros lugares?
5. Qual das instituições existentes no ES está mais preparada para ser, ou já está sendo, a ACATE capixaba? Justifique sua resposta. Apresentar lista para o entrevistado escolher. Existe alguma outra que ele conheça que não esteja na lista?
6. Se já temos uma ACATE no ES, ela teria que fazer tudo o que a de lá faz? Ou focar?
7. Cite pelo menos 3 funções principais que uma ACATE pode exercer no ES, e que não são realizadas atualmente por nenhum dos nossos atores.
8. Se não temos ainda uma ACATE no ES, é sinal claro de imaturidade do nosso ecossistema? Mesmo com essa imaturidade, é possível que ela, caso surja, venha a exercer um papel importante neste momento no nosso ecossistema?
9. Como você vê a evolução do ecossistema local de inovação nos últimos anos? Para você, o ES já deixou de ser a famosa “lata de caranguejos”? Como você insere a discussão sobre a ACATE neste contexto?
10. A sua instituição possui algum programa ou processo que se assemelhe aos da ACATE? Se sim, qual?
11. Como você considera a atuação da sua instituição no ecossistema capixaba de inovação? Quais instituições capixabas atuam em cooperação com ela e de que modo isso ocorre?